



**INSTITUTO FEDERAL DO ACRE - CAMPUS RIO BRANCO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E  
TECNOLÓGICA - PROFEPT**

**EMPREENDEDORISMO E AMBIENTES DE INOVAÇÃO NO IFAC – CAMPUS RIO  
BRANCO: IMPACTOS NA FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DOS ALUNOS DO  
EIXO TECNOLÓGICO GESTÃO E NEGÓCIOS**

Rio Branco  
2026

**MARCOS BOMFIM SANTIAGO**

**EMPREENDEDORISMO E AMBIENTES DE INOVAÇÃO NO IFAC – CAMPUS RIO  
BRANCO: IMPACTOS NA FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DOS ALUNOS DO  
EIXO TECNOLÓGICO GESTÃO E NEGÓCIOS**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT, do Instituto Federal do Acre, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador: Prof. Dr. Luís Pedro de Melo Plese

Rio Branco  
2026

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

Coordenação de Biblioteca, Campus Rio Branco – Acre

---

S235e Santiago, Marcos Bomfim.

Empreendedorismo e ambientes de inovação no Ifac –  
Campus Rio Branco: impactos na formação e desenvolvimento  
dos alunos do Eixo Tecnológico Gestão e Negócios. / Marcos  
Bomfim Santiago. – Rio Branco, 2026.

92 p. il.; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica  
- ProfEPT) – Instituto Federal do Acre, 2026.

Orientador – Prof. Dr. Luís Pedro de Melo Plese.

1. Empreendedorismo. 2. Ambientes de inovação. 3.  
Pensamento crítico. 4. Formação profissional. I. Título. II. Plese,  
Luís Pedro de Melo.

CDD 338.04


MARCOS BOMFIM SANTIAGO

**EMPREENDEDORISMO E AMBIENTES DE INOVAÇÃO NO IFAC – CAMPUS RIO BRANCO: IMPACTOS NA FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DOS ALUNOS DO EIXO TECNOLÓGICO GESTÃO E NEGÓCIOS**


Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre, *Campus* Rio Branco, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre(a) em Educação Profissional e Tecnológica - EPT.

Aprovado em: 02/04/2026


**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente  
 **LUIS PEDRO DE MELO PLESE**  
Data: 15/06/2026 14:48:23-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Prof. Dr. Luís Pedro de Melo Plese – Presidente da Banca**  
ProfEPT/IFAC – Campus Rio Branco

Documento assinado digitalmente  
 **EDILENE DA SILVA FERREIRA**  
Data: 16/06/2026 11:17:26-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Profa. Dra. Edilene da Silva Ferreira – Membro Interno**  
ProfEPT/IFAC – Campus Rio Branco

Documento assinado digitalmente  
 **FRANCISCO DIETIMA DA SILVA BEZERRA**  
Data: 15/06/2026 12:38:42-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Prof. Dr. Francisco Diétima Bezerra da Silva – Membro Externo**  
Instituto Federal do Acre – IFAC


MARCOS BOMFIM SANTIAGO

## GUIA DO ALUNO: INCUBADORA DE EMPREENDIMENTOS DO IFAC – CAMPUS RIO BRANCO


Produto educacional apresentado ao Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre, Campus Rio Branco, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre(a) em Educação Profissional e Tecnológica - EPT.

Aprovado em: 02/04/2026


### BANCA EXAMINADORA

 Documento assinado digitalmente  
**LUIS PEDRO DE MELO PLESE**  
Data: 15/06/2026 14:45:11-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Prof. Dr. Luís Pedro de Melo Plese – Presidente da Banca**  
ProfEPT/IFAC – Campus Rio Branco

 Documento assinado digitalmente  
**EDILENE DA SILVA FERREIRA**  
Data: 16/06/2026 11:15:48-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Profa. Dra. Edilene da Silva Ferreira – Membro Interno**  
ProfEPT/IFAC – Campus Rio Branco

 Documento assinado digitalmente  
**FRANCISCO DIETIMA DA SILVA BEZERRA**  
Data: 15/06/2026 12:37:14-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Prof. Dr. Francisco Diétima Bezerra da Silva – Membro Externo**  
Instituto Federal do Acre – IFAC

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus, por renovar a cada manhã meu ânimo e força para seguir em frente.

À minha esposa e companheira e minhas filhas pelo apoio recebido durante todo esse período e por me incentivarem em todos os momentos.

Ao meu falecido pai e minha mãe, Osmarino e Gilberta, por terem me ensinado a sempre prosseguir no caminho certo.

Aos meus irmãos, Márcio, Alessandra e Geanne, por terem contribuído de alguma forma a moldarem minha formação e caráter.

De forma especial, ao meu orientador, Prof. Dr. Luís Pedro de Melo Plese, pelos conselhos e orientações durante o desenvolvimento do trabalho.

Também aos professores do programa, aos colegas de mestrado e a todos os servidores do IFAC que contribuem de alguma forma para o andamento do programa.

Meus sinceros agradecimentos a todos.

## RESUMO

SANTIAGO, Marcos Bomfim. **Empreendedorismo e ambientes de Inovação no IFAC – Campus Rio Branco: Impactos na Formação e Desenvolvimento dos alunos do eixo tecnológico gestão e negócios**. Orientador: Luís Pedro de Melo Plese. 2026. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Científica e Tecnológica – ProfEPT) – Instituto Federal do Acre, Rio Branco, 2026.

Esta pesquisa analisou as contribuições do ensino das disciplinas de Empreendedorismo e da prática em ambientes de inovação no Instituto Federal do Acre – Campus Rio Branco – para a formação e o desenvolvimento dos estudantes dos cursos do eixo tecnológico de Gestão e Negócios: Tecnologia em Logística, Técnico Subsequente em Administração e Bacharelado em Administração. O estudo fez parte da Linha de pesquisa 2 – Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos, Macroprojeto 6 – Organização de Espaços Pedagógicos da EPT, teve como objetivo geral analisar de que maneira a disciplina de Empreendedorismo e os ambientes de inovação influenciam o pensamento crítico e a formação profissional dos alunos. Quanto à metodologia, a pesquisa caracterizou-se como bibliográfica, documental e de levantamento de dados. A coleta de informações ocorreu por meio da análise documental dos Projetos Pedagógicos de Curso (PPCs) e das ementas das disciplinas de Empreendedorismo, além da aplicação de questionários estruturados em blocos temáticos direcionados a professores, estudantes, coordenadores e egressos. Os dados quantitativos foram submetidos à análise descritiva, enquanto os qualitativos foram examinados com base na análise de conteúdo. Os resultados evidenciaram que o IFAC adota uma base comum de conhecimentos nas disciplinas analisadas, diferenciando-se quanto à profundidade, ao momento da oferta e à padronização das referências bibliográficas. Verificou-se ainda que a incubadora apresenta potencial formativo relevante, embora enfrente desafios relacionados à integração pedagógica. Os professores apontaram um distanciamento entre a intenção pedagógica e o suporte institucional, enquanto os egressos destacaram o papel da disciplina no despertar para o empreendedorismo. Já os estudantes ativos indicaram a necessidade de fortalecer a articulação entre teoria e prática. Conclui-se que a educação empreendedora, no contexto investigado, apresenta caráter territorializado, considerando os desafios logísticos da Região Norte e as limitações comerciais de Rio Branco. Os resultados também apontam para a necessidade de revisão curricular, melhoria da infraestrutura e institucionalização das práticas empreendedoras, de modo a fortalecer a formação profissional e a integração entre ensino, inovação e desenvolvimento regional.

**Palavras-Chave:** Empreendedorismo; Ambientes de inovação; Pensamento crítico; Formação profissional; Produto educacional.

## ABSTRACT

SANTIAGO, Marcos Bomfim. **Entrepreneurship and Innovation Environments at IFAC – Campus Rio Branco: Impacts on the Education and Development of Students in the Technological Axis of Management and Business.** Advisor: Luís Pedro de Melo Plese. 2026. Dissertation (Professional Master's Degree in Scientific and Technological Education – ProfEPT) – Instituto Federal do Acre, Rio Branco, 2026.

This research analyzed the contributions of teaching Entrepreneurship courses and practicing in innovation environments at the Federal Institute of Acre – Rio Branco Campus – to the education and development of students enrolled in programs within the technological axis of Management and Business: Logistics Technology, Post-Secondary Technical Course in Administration, and Bachelor's Degree in Administration. The study was part of Research Line 2 – Organization and Memories of Pedagogical Spaces, Macro-project 6 – Organization of Pedagogical Spaces in VET (Vocational Education and Training), and its general objective was to analyze how the Entrepreneurship discipline and innovation environments influence students' critical thinking and professional education. Regarding the methodology, the research was characterized as bibliographic, documentary, and survey-based. Data collection was conducted through documentary analysis of the Course Pedagogical Projects (PPCs) and the syllabi of Entrepreneurship courses, as well as the application of structured questionnaires organized into thematic blocks directed to teachers, students, coordinators, and graduates. Quantitative data were subjected to descriptive analysis, while qualitative data were examined through content analysis. The results showed that IFAC adopts a common knowledge base in the analyzed disciplines, differing in terms of depth, period of course offering, and standardization of bibliographic references. It was also found that the incubator presents relevant educational potential, although it faces challenges related to pedagogical integration. Teachers pointed out a gap between pedagogical intentions and institutional support, while graduates highlighted the role of the discipline in fostering entrepreneurial awareness. Active students, in turn, indicated the need to strengthen the articulation between theory and practice. It is concluded that entrepreneurial education, in the investigated context, presents a territorialized character, considering the logistical challenges of Brazil's Northern Region and the commercial limitations of Rio Branco. The results also point to the need for curricular revision, infrastructure improvement, and institutionalization of entrepreneurial practices in order to strengthen professional education and the integration between teaching, innovation, and regional development.

**Keywords:** Entrepreneurship; Innovation environments; Critical thinking; Professional education; Educational product.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Análise curricular do eixo de Gestão e Negócios.....	47
Figura 2 - Gráfico Metodologias de ensino utilizadas pelos professores.....	49
Figura 3 - Gráfico Aderência dos conteúdos aos desafios do mercado de trabalho. ..	50
Figura 4 - Gráfico Reconhecimento da articulação disciplina x ambientes de inovação.....	51
Figura 5 - Gráfico Suficiência da estrutura do campus para desenvolver atividades empreendedoras. ....	52
Figura 6 - Gráfico Avaliação da disciplina no contexto da formação profissional. ....	53
Figura 7 - Percepções dos docentes.....	54
Figura 8 - Gráfico Atividades em sala de aula.....	55
Figura 9 - Gráfico Interesse em empreender despertado pela disciplina. ....	56
Figura 10 - Gráfico Desenvolvimento da competência criatividade e inovação.....	57
Figura 11 - Gráfico Aplicação dos conhecimentos fora de sala de aula.....	58
Figura 12 - Gráfico Percepção da condução das aulas.....	59
Figura 13 - Gráfico Coerência do conteúdo em relação ao mercado de trabalho. ....	60
Figura 14 - Gráfico Despertamento do interesse em empreender. ....	61
Figura 15 - Gráfico Incentivo ao empreendedorismo.....	61
Figura 16 - Gráfico Disciplina despertou interesse em empreender.....	63
Figura 17 - Gráfico Desenvolvimento de competências.....	63
Figura 18 - Gráfico Avaliação global da disciplina.....	64
Figura 19 - Percepção discente.....	65
Figura 20 - Gráfico Visibilidade da incubadora entre os alunos. ....	66
Figura 21 - Gráfico Articulação formal entre incubadora e coordenação de curso. ....	67
Figura 22 - Gráfico Integração da incubadora com o mercado externo.....	68
Figura 23 - Gráfico Conhecimento das ações da Incubadora. ....	69
Figura 24 - Infográfico da visão dos coordenadores da incubadora (INCUBAC). ....	70
Figura 25 - Gráfico Percepção metodologia e carga horária.....	71
Figura 26 - Gráfico Autonomia na tomada de decisões e preparo para o mercado. ...	72
Figura 27 - Gráfico Pretensão de ter negócio próprio.....	73
Figura 28 – Capa do Produto Educacional.....	75

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Ementa da disciplina de Empreendedorismo e Inovação do curso Superior de Tecnologia em Logística.....	40
Quadro 2 - Ementa da disciplina de Empreendedorismo do curso Técnico Subsequente em Administração.....	42
Quadro 3 - Ementa da disciplina de Empreendedorismo e Inovação I do curso Superior de Bacharelado em Administração.....	44
Quadro 4 - Ementa da disciplina de Empreendedorismo e Inovação II do curso Superior de Bacharelado em Administração.....	46

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Matriz curricular do Curso Superior de Tecnologia em Logística – 4º semestre.....	39
Tabela 2 - Matriz curricular do curso Técnico Subsequente em Administração.....	41
Tabela 3 - Matriz Curricular do 1º semestre do curso Superior de Bacharelado em Administração.....	43
Tabela 4 - Tabela 4: Matriz Curricular do 8º semestre do curso Superior de Bacharelado em Administração. ....	45

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPROTEC	Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores
CELTA	Centro Empresarial para Laboração de Tecnologias Avançadas
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CINET	Centro Incubador de Empresas Tecnológicas
DCNs	Diretrizes Curriculares Nacionais
EPT	Educação Profissional e Tecnológica
GEM	Global Entrepreneurship Monitor
ICTG	Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Criativos e Inovadores de Campina Grande
ICTs	Instituições Científicas e de Inovação Tecnológica
IFAC	Instituto Federal do Acre
IFs	Institutos Federais
INCUBAC	Incubadora de Empreendimentos de Base Tecnológica e da Economia dos Setores Populares e Tradicional do Acre
MEC	Ministério da Educação
MEI	Microempreendedor Individual
NIT	Núcleo de Inovação Tecnológica
PPCs	Projetos Pedagógicos dos Cursos
ProfEPT	Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica
PROFNIT	Mestrado Profissional em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para Inovação
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SOFTEX	Sociedade Brasileira para Exportação de Software
TAES	Técnicos Administrativos em Educação

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>2 CAPÍTULO – FORMAÇÃO PARA O TRABALHO E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NOS INSTITUTOS FEDERAIS (IFs)</b> .....	<b>15</b>
2.1 EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NO DESENVOLVIMENTO DAS CAPACIDADES EMPREENDEDORAS .....	18
2.2 O ENSINO DO EMPREENDEDORISMO COMO OPORTUNIDADE DE DESENVOLVIMENTO DISCENTE .....	20
2.3 BREVE HISTÓRICO DO EMPREENDEDORISMO, INCUBADORAS DE EMPRESAS E CONCEITOS FUNDAMENTAIS .....	23
2.3.1 Panorama do empreendedorismo no Brasil .....	26
2.3.2 O que são incubadoras de empresas, seu surgimento no mundo e no Brasil, e como esses ambientes auxiliam na formação empreendedora dos alunos .....	28
2.4 O CAMPUS RIO BRANCO COMO SUPORTE EDUCACIONAL E DESENVOLVIMENTO DA REGIÃO E ADJACÊNCIAS .....	30
2.4.1 O ensino do empreendedorismo no campus Rio Branco .....	32
<b>3 CAPÍTULO – METODOLOGIA DA PESQUISA</b> .....	<b>35</b>
<b>4 CAPÍTULO - RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	<b>38</b>
4.1 ANÁLISE DO PPC'S DOS CURSOS DO EIXO DE GESTÃO DE NEGÓCIOS ..	38
4.2 PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES E ESTUDANTES ATIVOS SOBRE O ENSINO DO EMPREENDEDORISMO E DOS AMBIENTES DE INOVAÇÃO NA FORMAÇÃO .....	48
4.3 PERCEPÇÃO DOS COORDENADORES SOBRE O ENSINO DO EMPREENDEDORISMO E DOS AMBIENTES DE INOVAÇÃO NA FORMAÇÃO ..	65
4.4 PERCEPÇÃO DOS EGRESSOS SOBRE O ENSINO DO EMPREENDEDORISMO E DOS AMBIENTES DE INOVAÇÃO NA FORMAÇÃO ..	71
<b>5 CAPÍTULO – PRODUTO EDUCACIONAL</b> .....	<b>75</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>77</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>79</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>84</b>
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DOS DISCENTES ATIVOS .....	84
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DOS COORDENADORES DA INCUBADORA ..	86
APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO DOS ALUNOS EGRESSOS .....	88
APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO DOS DOCENTES .....	90
APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL ..	92

## INTRODUÇÃO

O empreendedorismo vem ocupando posição cada vez mais relevante no cenário econômico e social contemporâneo, especialmente como alternativa de inserção no mercado de trabalho, geração de renda e promoção da autonomia profissional. No Brasil, diante das transformações nas relações de trabalho e das dificuldades de acesso ao emprego formal, muitas pessoas passaram a buscar no empreendedorismo uma possibilidade de inclusão produtiva e desenvolvimento pessoal. Nesse contexto, o empreendedorismo deixa de ser compreendido apenas como abertura de empresas e passa a ser entendido também como um conjunto de competências relacionadas à criatividade, inovação, iniciativa e capacidade de resolução de problemas.

No campo da educação profissional e tecnológica, essa discussão ganha destaque nos Institutos Federais (IFs), instituições que buscam articular formação técnica, científica e humana. A presença do empreendedorismo nos currículos desses espaços educacionais demonstra a preocupação em promover uma formação que ultrapasse os limites do conteúdo técnico, preparando os estudantes para atuar de forma crítica, autônoma e inovadora na sociedade e no mundo do trabalho. Nessa perspectiva, a multidisciplinaridade torna-se elemento fundamental para a construção do conhecimento. Segundo Kipper (2006, p. 137), a multidisciplinaridade “busca acrescentar aspectos de outras disciplinas em uma determinada disciplina central, onde os aspectos alheios à disciplina-chave têm apenas caráter complementar, auxiliar ou ilustrativo”.

Além das disciplinas voltadas ao empreendedorismo, os ambientes de inovação presentes nos Institutos Federais também assumem papel importante nesse processo formativo. Espaços como incubadoras de empreendimentos possibilitam aos estudantes vivenciar experiências práticas relacionadas à criação, desenvolvimento e consolidação de projetos e negócios, aproximando-os das demandas do mercado e da realidade profissional. Dessa forma, a integração entre ensino teórico e prática empreendedora contribui para uma formação mais ampla, estimulando habilidades como criatividade, trabalho em equipe, liderança, tomada de decisões e capacidade de adaptação.

Nesse contexto, destaca-se a atuação do Instituto Federal do Acre,

especialmente do Campus Rio Branco, por meio da oferta das disciplinas de Empreendedorismo e da implementação de ambientes de inovação voltados ao desenvolvimento de iniciativas empreendedoras. A instituição busca proporcionar aos estudantes oportunidades de aprendizagem que associem conhecimentos teóricos às experiências práticas, contribuindo para o fortalecimento da formação profissional e para o desenvolvimento regional.

Entretanto, apesar da crescente valorização da educação empreendedora nos Institutos Federais, ainda existem lacunas relacionadas à compreensão dos impactos efetivos do ensino do empreendedorismo e da atuação dos ambientes de inovação na formação discente. Torna-se necessário investigar se a carga horária prevista nos Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPCs), os conteúdos trabalhados em sala de aula e as práticas desenvolvidas nos ambientes de inovação são suficientes para estimular competências empreendedoras, pensamento crítico e autonomia profissional nos estudantes.

Diante desse cenário, esta pesquisa, intitulada Empreendedorismo e ambientes de inovação no IFAC – Campus Rio Branco: impactos na formação e desenvolvimento dos alunos do eixo tecnológico gestão e negócios, situada na Linha de Pesquisa 2 – Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), mais precisamente no Macroprojeto 6 – Organização de Espaços Pedagógicos da EPT, buscou analisar as contribuições do ensino das disciplinas de Empreendedorismo e dos ambientes de inovação para a formação dos estudantes dos cursos Técnico Subsequente em Administração, Tecnólogo em Logística e Bacharelado em Administração.

A pesquisa foi orientada pela seguinte questão norteadora: de que forma o ensino da disciplina de Empreendedorismo e a participação em ambientes de inovação contribuem para o desenvolvimento do pensamento crítico e da formação profissional dos estudantes? Além disso, buscou-se compreender se a carga horária prevista nos PPCs é suficiente para o desenvolvimento dessas competências e se as experiências práticas ofertadas pelos ambientes de inovação fortalecem a articulação entre teoria e prática no processo formativo.

O objetivo geral do estudo consistiu em analisar como a disciplina de Empreendedorismo e os ambientes de inovação influenciam a formação profissional, o desenvolvimento do pensamento crítico e as capacidades empreendedoras dos estudantes do eixo tecnológico de Gestão e Negócios do IFAC – Campus Rio Branco.

Como objetivos específicos, buscou-se investigar as contribuições das disciplinas para a formação discente, compreender a percepção de estudantes, professores, coordenadores e egressos acerca do ensino do empreendedorismo e analisar o papel dos ambientes de inovação na consolidação da aprendizagem prática.

A relevância desta pesquisa está relacionada à necessidade de compreender como a educação empreendedora pode contribuir para a formação dos estudantes da educação profissional e tecnológica, auxiliando-os no desenvolvimento de competências voltadas à iniciativa, criatividade, autonomia e resolução de problemas. Além disso, o estudo se justifica pela importância de analisar se as práticas pedagógicas e os ambientes institucionais oferecidos pelo IFAC favorecem a construção de uma formação alinhada às demandas sociais, econômicas e regionais.

Quanto aos procedimentos metodológicos, a pesquisa caracterizou-se como bibliográfica, documental e de levantamento de dados. A coleta de informações ocorreu por meio da análise dos Projetos Pedagógicos dos Cursos e das ementas das disciplinas de Empreendedorismo, além da aplicação de questionários direcionados a professores, estudantes, coordenadores e egressos dos cursos investigados. Os dados quantitativos foram analisados de forma descritiva, enquanto os dados qualitativos foram examinados com base na análise de conteúdo.

Por fim, além deste capítulo introdutório, o trabalho está estruturado em quatro capítulos. O segundo capítulo apresenta o referencial teórico, abordando a formação para o trabalho e a Educação Profissional nos Institutos Federais, a educação empreendedora, o ensino do empreendedorismo, o histórico das incubadoras de empresas e o contexto do Campus Rio Branco enquanto suporte educacional e agente de desenvolvimento regional. O terceiro capítulo descreve os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa. O quarto capítulo apresenta os resultados e as discussões, contemplando a análise dos Projetos Pedagógicos dos Cursos do eixo de Gestão e Negócios, bem como as percepções de professores, estudantes, coordenadores e egressos acerca do ensino do empreendedorismo e dos ambientes de inovação na formação acadêmica. Por fim, o quinto capítulo apresenta as características do Produto Educacional.

## 2 CAPÍTULO – FORMAÇÃO PARA O TRABALHO E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NOS INSTITUTOS FEDERAIS (IFs)

O mercado de trabalho atual exige cada vez mais do trabalhador, tendo em vista que as habilidades específicas que antes eram exigências mínimas já não cabem na atualidade. Nessa perspectiva, Almeida (2018, p. 17) afirma que “o mercado de trabalho está cada vez mais competitivo, as empresas apostam suas fichas em profissionais cada vez mais capacitados”.

Diante desse cenário, a formação educacional foi mudando e se transformando com o passar do tempo, como forma de adequação das exigências do mercado de trabalho. Com efeito, essa transformação se deu por conta do crescimento econômico e a necessidade de se ter uma mão de obra cada vez mais qualificada e para resolver o problema da indústria, ou, em outras palavras, o problema do capitalismo. Para exemplificar a busca por essa mão de obra qualificada no período do governo de Getúlio Vargas (1930-1945), Franco *et al* (2024, p. 29) afirma que:

Um novo capítulo da educação profissional brasileira foi desenhado com o desenvolvimento industrial no Brasil. E a formação e a qualificação da mão de obra brasileira assumiu novos contornos. Tornou-se necessário qualificar trabalhadores para satisfazer o processo de industrialização industrial do país (Franco *et al*, 2024, p. 29)).

Não se entende hoje que a formação é somente para o trabalho, é necessário capacitar o ser humano formando-o também para a vida, para desenvolver seu pensamento crítico e não só repetir ou se conformar como as “coisas são”. Nesse sentido, Silva (2024, p. 61) falando sobre ensino médio integrado (EMI) e currículo integrado:

Buscam formar indivíduos completos, capazes não apenas de aplicar habilidades técnicas, mas também de compreender criticamente o mundo em sua complexidade, de participar ativamente da sociedade como cidadãos informados e engajados, e de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária (Silva, 2024, p. 61)).

A formação integrada e formação humana é um tema recorrente para diversos autores que se debruçam sobre o tema educação. Mas então o que seria essa ideia de formação integrada? E a formação humana?

Um conceito para essas formações seria a formação integrada que na concepção de Frigotto, Ciavatta e Ramos (2012):

sugere superar o ser humano dividido historicamente pela divisão social do trabalho entre a ação de executar e a ação de pensar, dirigir ou planejar. Trata-se de superar a redução da preparação para o trabalho ao seu aspecto operacional, simplificado, escoimado dos conhecimentos que estão na sua gênese científico-tecnológica e na sua apropriação histórico-social. Como formação humana, o que se busca é garantir (...) o direito a uma formação completa para a leitura do mundo e para a atuação como cidadão pertencente a um país, integrado dignamente à sua sociedade política. Formação que, neste sentido, supõe a compreensão das relações sociais subjacentes a todos os fenômenos (Frigotto; Ciavatta; Ramos, 2012, p. 85).

A formação integrada é vista como uma estratégia para romper com a divisão histórica entre trabalho manual e intelectual, sugerindo a busca de uma educação que busque promover a totalidade do ser humano. Como sugerem Frigotto, Ciavatta e Ramos (2012), quando o cidadão entende a “leitura do mundo”, ele se integra a sociedade no aspecto político e social como pertencente ao mundo onde está inserido, a formação pensada nesse sentido é de que ele passa a entender as relações dentro da sociedade. Resumindo, a formação integrada visa emancipar o ser humano, não apenas preparar o ser humano para o mercado de trabalho, mas para exercer sua cidadania. Isso nos leva a refletir sobre os princípios da EPT, ou seja, a necessidade de construir práticas educativas que insiram realmente o ser humano no centro do processo formativo.

Junto ao termo formação integrada tem-se também os termos formação politécnica e educação tecnológica que “buscam responder, também, às necessidades do mundo do trabalho permeado pela presença da ciência e da tecnologia como forças produtivas, geradoras de valores, fontes de riqueza” (Frigotto, Ciavatta e Ramos, 2012).

Para Pacheco (2012), trabalho é o princípio educativo, não significando nem aprender fazendo e nem que seja sinônimo de formar para o exercício do trabalho, ou seja, o ser humano vai ser visto como produto de sua realidade, onde vai se apropriar dela e poder transformá-la.

Disso infere-se que a educação profissional não é somente uma preparação do sujeito para o mercado de trabalho, mas é “proporcionar a compreensão das dinâmicas sócio- produtivas das sociedades modernas, (...), e também habilitar as pessoas para o exercício autônomo e crítico de profissões, (...)” conforme entende Pacheco (2012, p. 67). A educação profissional vai muito mais além de preparar o ser humano apenas para atender aos anseios capitalistas, não é somente inseri-lo no mundo do trabalho, é também abrir os horizontes para que ele compreenda seu lugar e para que tenha direito a colocar em pauta seus anseios e pensamentos crítico para

que possa participar ativamente da sociedade.

Pacheco (2012) indica que na formação geral se adquire conhecimento para a compreensão da realidade e na formação profissional o conhecimento científico é, para o trabalhador, no sentido de força produtiva, ou seja, quando ele compreende os conceitos científicos e tecnológicos básicos, assim, tem-se a possibilidade de ter autonomia e consciência da sociedade em que está inserido. Essa formação visa a emancipação do pensamento crítico do ser humano e sua preparação para o mercado de trabalho compreendendo a modernidade da sociedade atual.

Preceitua a Lei nº 11.892 (BRASIL, 2008), no art. 6º, I, que os IF's foram criados tendo por finalidades e características “ofertar educação profissional e tecnológica, em todos os seus níveis e modalidades, formando e qualificando cidadãos com vistas na atuação profissional nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional”. Isso significa que os IF's integralizam a formação profissional, o desenvolvimento socioeconômico e a cidadania, ou seja, os institutos federais formam cidadãos e profissionais preparados para os desafios atuais e reafirmam a educação como um direito adquirido e uma ferramenta de transformação social.

Ainda citando a Lei nº 11.892 (BRASIL, 2008), o art. 7º, IV, versa sobre os objetivos dos IF's, onde declara que um desses objetivos é “desenvolver atividades de extensão de acordo com os princípios e finalidades da educação profissional e tecnológica, em articulação com o mundo do trabalho e os segmentos sociais, e com ênfase na produção, desenvolvimento e difusão de conhecimentos científicos e tecnológicos”.

Por fim, ainda no art. 7º, V, é descrito o objetivo de “estimular e apoiar processos educativos que levem à geração de trabalho e renda e à emancipação do cidadão na perspectiva do desenvolvimento socioeconômico local e regional” (BRASIL, 2008). O processo educativo não é mera formação técnica, vai além ao focar na transformação social, no desenvolvimento sustentável e na emancipação do cidadão.

Pode-se concluir que, de acordo com a Lei 11.892 (BRASIL, 2008), os Institutos Federais formam e qualificam cidadãos para o mundo do trabalho, para que os mesmos tenham participação no desenvolvimento econômico a nível local, regional e nacional contribuindo na redução da desigualdade social, criando oportunidades aos cidadãos e fortalecendo a economia impactando as comunidades próximas.

## 2.1 Educação empreendedora no desenvolvimento das capacidades empreendedoras

O mercado de trabalho está cada vez mais exigente e competitivo, o que faz com que apenas o domínio de conteúdos técnicos já não seja suficiente. Hoje, espera-se que os profissionais sejam capazes de pensar de forma criativa, lidar com mudanças, resolver problemas do dia a dia e agir com iniciativa diante dos desafios. Essas habilidades, que antes não eram tão cobradas, passaram a ser fundamentais para quem deseja se destacar e se manter ativo no mundo do trabalho.

Diante dessas transformações, a educação empreendedora ganha ainda mais importância, pois contribui para formar pessoas mais preparadas para essa realidade. Mais do que ensinar a abrir um negócio, ela incentiva uma forma de pensar mais autônoma, crítica e inovadora. Por isso, tem sido cada vez mais presente em diferentes cursos pelo país, ajudando os estudantes a desenvolverem confiança, iniciativa e a capacidade de enxergar e construir suas próprias oportunidades. Nesse sentido:

a Educação Empreendedora é uma ferramenta essencial para o desenvolvimento do empreendedorismo na sociedade brasileira por meio de programas educacionais que integrem o espírito empreendedor em uma cultura empreendedora, com capacidade de converter o pensamento em ação, em todos os níveis do sistema educacional, compreendendo desde o ensino fundamental até o ensino superior (Oliveira et al, 2024, p. 504, apud Dolabela; Fillion, 2013).

Lopes e Teixeira (2010, p. 26) falam sobre a abrangência do conceito de Educação Empreendedora, para os quais:

O conceito de Educação Empreendedora abrange todos os níveis educacionais, incluindo tanto a concepção mais ampla segundo a qual o ensino promove o desenvolvimento de atitudes e habilidades que não são diretamente relacionadas à criação de novos negócios, quanto uma concepção mais restrita e que focaliza a criação de um negócio (Lopes e Teixeira, 2010, p. 26)).

Assim, a educação empreendedora tanto pode formar pessoas com postura proativa e inovadora, quanto preparar indivíduos para empreender formalmente, criando seus próprios negócios. Para Schaefer e Minello (2016), a educação empreendedora se difere dos modelos tradicionais de ensino, pois possui natureza e especificidades próprias, porque:

Sua ênfase está no processo de aprendizagem do aluno, com foco na ação e no aprender a aprender. A educação empreendedora configura-se desse modo como experiencial, contextual e cooperativa e deve ocorrer de forma integrada, interdisciplinar e transversal às demais disciplinas e ao longo das diferentes etapas de ensino. O aluno assume o ponto de referência central no processo de aprendizagem, atuando como protagonista e sujeito na busca da autonomia do ser, saber e fazer empreendedor (Schaefer; Minello, 2016, p. 77)

A educação empreendedora pode deixar marcas bastante positivas na vida dos discentes de uma instituição de ensino. No âmbito da educação profissional e tecnológica, sabe-se que o indivíduo é estimulado a desenvolver pensamento crítico, e, voltando para o ambiente discente, essa educação vai além de ensinar o aluno a “abrir um negócio”, ou seja, o aluno é estimulado ao desenvolvimento de posturas ativas, seja na sua vida cotidiana ou no trabalho.

A educação empreendedora insere no seu escopo o tema competências empreendedoras e, nesse sentido, Zampier e Takahashi (2011) afirmam que a “junção de competências com ações empreendedoras levou a criação do conceito de competência empreendedora”. Assim, pode-se definir competência empreendedora como:

um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes que viabilizam a um indivíduo imprimir sua visão, estratégias e ações na criação de valor (tangíveis ou intangíveis) para a sociedade. Assim, o conceito de competência empreendedora está mais próximo dos conceitos de competências individuais, muito embora a primeira já tenha, na literatura, um corpo teórico próprio (Zampier; Takahashi, 2011, p. 569, apud Antonello, 2005).

Considerando o assunto das competências empreendedoras, McClelland (1973 apud Lizote et al., 2020) lista as dez características comportamentais, sendo: 1) busca de oportunidades e iniciativa - BOI; 2) correr risco calculado - CRC; 3) exigência de qualidade e eficiência - EQE; 4) persistência - PER; 5) comprometimento - COM; 6) busca de informações - BDI; 7) estabelecimento de metas - EDM; 8) planejamento e monitoramento sistemático - PMS; 9) persuasão e rede de contatos - PRC; e, 10) independência e autoconfiança - IAC. Elas se agrupam em três conjuntos: 1) conjunto de realização, com as cinco primeiras competências; 2) o de planejamento, com as três seguintes; e, 3) o conjunto de poder, com as duas restantes.

Essa disposição sintetiza as principais competências empreendedoras, de modo que pode-se entender que o indivíduo precisa perceber as oportunidades e ser

proativo, assumir riscos de forma planejada, ter compromisso com os resultados almejados buscando sempre melhorar, enfrentar as dificuldades sem desistir, ter responsabilidade com o planejado, sempre procurar os dados para tomar decisões com segurança, ter objetivos claros que se possa alcançar, acompanhamento dos resultados, construir relações para o favorecimento das oportunidades e ter confiança na sua capacidade de decisão.

Mendes (2020), ao abordar sobre o tema da educação empreendedora, afirma:

não deve apenas estimular os estudantes a pensar em ideias de negócios, mas sim instigá-los a terem atitudes empreendedoras na vida pessoal, profissional, na empresa - através da prática de uma postura inovadora, capacidade de assumir riscos, questionar o mundo em que vive, “pensar fora da caixa (Mendes, 2020, p. 34).

Por tanto, o foco da educação empreendedora não é só em ideias de negócios, vai muito mais além, a ideia é que eles desenvolvam atitudes empreendedoras, levem essas atitudes também para suas vidas pessoais onde estiverem, para tanto, é necessário ter seu pensamento crítico. Para tanto, Gomes e Silva (2018, p. 118), frisam que “a educação empreendedora deve ser disseminada entre as instituições de ensino, especialmente aquelas que atuam na educação profissional” (Gomes; Silva, 2008, p. 118).

## **2.2 O ensino do empreendedorismo como oportunidade de desenvolvimento discente**

O ensino do empreendedorismo está cada vez mais presente nas instituições de ensino em todo o país. Mesmo assim, ainda é um ensino que precisa de mais apoio e um olhar diferenciado para que essa cultura seja mais difundida e que, realmente, a prática empreendedora venha contribuir na formação dos discentes.

Para que se tenha um ensino dinâmico e focado no aprendizado, as instituições procuram ensinar utilizando a literatura de autores renomados e dominadores do assunto, contudo, é preciso que haja uma constante atualização do tema para nossos alunos. Assim, Pereira *et al* (2023, p. 3), afirma:

Chiavenato (2012), Dornelas (2008), Hashimoto (2013), Lopes (2017) e Dolabela (2008) são autores que se dedicaram a realizar estudos relevantes para o empreendedorismo no Brasil, sobretudo o universitário. Estes pontuaram a necessidade de continuidade nos estudos na área, enfatizando que qualquer cultura é construída com aprendizados e muitos compartilhamentos (Pereira *et al*, 2023, p. 3).

O termo empreendedorismo deriva da palavra empreendedor. Nesse sentido, vários autores deixaram suas contribuições para explicar de forma direta para seus leitores e/ou pesquisadores que queiram se aprofundar no assunto. Explicando a origem do termo, Dornelas (2018, p.20) afirma que a palavra empreendedor é originariamente francesa e tem significado de aquele que assume riscos e inicia algo. Ainda se utilizando de ideias do economista Schumpeter, o referido autor assevera que “o empreendedor é mais conhecido como aquele que cria novos negócios, mas pode também inovar dentro de negócios já existentes; ou seja, é possível ser empreendedor dentro de empresas já constituídas” (Dornelas, 2018, p.29).

Degen (2009, p. 6) define o empreendedor como “o agente do processo de destruição criativa de Schumpeter, que é fundamental para o desenvolvimento econômico do país”. O autor ainda “disseca” essa definição afirmando que

O significado da palavra empreendedor deriva da palavra inglesa *entrepreneur*, que, por sua vez, deriva da palavra *entreprendre*, do francês antigo, formada pelas palavras *entre*, derivada do latim *inter* – que significa reciprocidade – e *preneur*, derivada do latim *prehendere* – que significa comprador. A combinação das duas palavras, *entre* e *comprador*, significa simplesmente intermediário. (Degen, 2009, p. 6).

O autor oferece um olhar histórico sobre a evolução do termo “empreendedor”. O papel do empreendedor é focalizado como intermediário, ou seja, alguém que opera ou intermedia as partes, isso no sentido aplicado para a época. Com o tempo esse termo evoluiu e passou a ser muito mais do que uma mediação. Infere-se que essa etimologia da palavra pode ser um ponto de partida para o entendimento da palavra em diferentes contextos históricos.

Explicado as origens do termo, para se situar, necessário é discorrer sobre a educação empreendedora e seus objetivos, no sentido de colaboração ao crescimento pessoal e profissional do aluno.

Ademais, a educação empreendedora pode ser vista como um instrumento auxiliar de crescimento pessoal e profissional do aluno, de forma que

A educação empreendedora emerge como um instrumento fundamental, oferecendo aos alunos a chance de crescimento pessoal e profissional. Esse modelo educacional estimula o desenvolvimento do pensamento crítico, assim como a busca por inovação, transformando sonhos em realidades concretas. O papel do professor é crucial, pois é ele quem desperta a criatividade e ajuda na construção da autonomia nos estudantes, capacitando-os a provocar mudanças reais e duradouras em suas vidas e na sociedade (Menacho et al, 2025, n.p.).

Nesse sentido, é importante frisar que o professor ocupa uma importância crucial como mediador desse processo formativo, ou seja, além de transmitir os conteúdos da disciplina, atua como um agente transmissor que estimula o pensamento crítico e a capacidade de inovação dos alunos.

No contexto de que com o ensino do empreendedorismo o aluno tem a oportunidade de se desenvolver tanto pessoal como profissionalmente, alguns autores indicam que é possível, através da educação empreendedora, desenvolver habilidade e atitudes que contribuam para o desenvolvimento social. Assim:

A educação empreendedora possibilita ao estudante desenvolver habilidades, atitudes e comportamentos, de modo que possa explorar oportunidades e transformar o meio em que vive, contribuindo, assim, para o desenvolvimento econômico, social e cultural. (Hipólito; Santos, 2018, p. 31).

Dessa forma a educação empreendedora contribui para o desenvolvimento integral do estudante ao estimular habilidades como iniciativa, criatividade, autonomia e capacidade de resolver problemas. Ao trabalhar atitudes e comportamentos, esse tipo de educação incentiva o aluno a identificar oportunidades no seu contexto e agir de forma proativa diante delas. Assim, a educação empreendedora favorece não apenas o crescimento individual, mas também contribui para melhorias no âmbito econômico, social e cultural, ao formar sujeitos capazes de inovar, gerar valor e promover mudanças positivas no seu entorno.

Para Ferreira e Miguel (2020, p. 336) “a educação empreendedora é de perto uma excelente oportunidade das instituições utilizarem de uma metodologia que tem como pressuposto a formação de alunos mais independentes”, o que significa dizer que, mais do que ensinar conteúdos, a educação empreendedora contribui para desenvolver alunos mais críticos e preparados para enfrentar desafios tanto no ambiente escolar como fora dele.

O ensino do empreendedorismo, quando bem estruturado e articulado com práticas pedagógicas atualizadas, assume um papel estratégico na formação dos estudantes, contribuindo não apenas para o desenvolvimento de competências técnicas, mas, sobretudo, para a construção de sujeitos mais autônomos, críticos e capazes de transformar a realidade em que estão inseridos. Essa formação amplia as possibilidades de atuação dos discentes, seja no mercado de trabalho, seja na criação de iniciativas próprias, fortalecendo uma postura mais ativa e inovadora diante dos desafios contemporâneos.

### 2.3 Breve histórico do empreendedorismo, incubadoras de empresas e conceitos fundamentais

Em uma perspectiva histórica dos termos empreendedorismo e empreendedor, Dornelas (2018, p.20) destaca que Marco Polo foi o primeiro exemplo do que se pode definir como empreendedorismo e afirma que ele tentou estabelecer uma rota comercial para o Oriente, inclusive assinando contrato com um homem possuidor de muito dinheiro. Quanto ao termo empreendedor era bastante utilizado na Idade Média para definir aqueles que gerenciavam projetos de produção, porém não assumiam grandes riscos. Durante as grandes navegações, o empreendedorismo pode ser associado às atividades comerciais que envolviam a exploração de novas rotas em busca de lucros. No caso de Marco Polo, por exemplo, havia o benefício do financiamento, e, embora houvessem riscos, o potencial do lucro era um atrativo que compensava esses riscos.

Sobre a definição de empreendedorismo ou empreendedor vários autores deixaram suas contribuições para explicar de forma direta para seus leitores e/ou pesquisadores que queiram se aprofundar no assunto. Chiavenato (2012), afirma que o empreendedor precisa ser dinâmico e ter iniciativa, pois:

O empreendedor é a pessoa que inicia e/ou dinamiza um negócio para realizar uma ideia ou um projeto pessoal assumindo riscos e responsabilidades e inovando continuamente. Essa definição envolve não apenas os fundadores de empresas e criadores de novos negócios, mas também os membros da segunda ou terceira geração de empresas familiares e os gerentes-proprietários que compram empresas já existentes de seus fundadores. (Chiavenato, 2012, p. 3).

Essa definição ressalta os aspectos centrais do empreendedorismo como a inovação, a responsabilidade de assumir riscos e a dinamização do negócio. Empreender não se limita apenas a criar novos empreendimentos, mas, também adaptar negócios já existentes. No empreendedorismo a dinamicidade e a iniciativa necessitam caminhar juntas e os riscos são iminentes, o empreendedor precisa ter em mente que algo pode acontecer sem ser esperado, por isso o apoio ao negócio é fundamental.

Outro termo bastante relevante quando se pensa em empreendedorismo são as incubadoras de empresas, haja visto que nelas há o ensinamento das fases envolvidas no empreendedorismo. Machado (2021) enfatiza que, de acordo com que se tem de registros, a primeira incubadora do mundo surgiu no ano de 1959 nos

Estados Unidos, em Nova Iorque. Relatos disponíveis indicam que a fábrica da Massey Ferguson, ligada ao ramo de produtos agrícolas e tratores teve que fechar, acarretando na demissão de vários empregados, com isso o proprietário do local de onde estava instalada uma das fábricas, o senhor Joseph Mancuso, cedeu o local para que empresas novas pudessem usufruir do local de modo a trabalhar em conjunto para competir no mercado reduzindo seus custos. Devido uma das empresas instaladas no local ser do ramo aviário, o termo incubadora acabou “pegando”, daí se tem a ideia de que “incubar é cuidar de alguma coisa em um ambiente favorável para o seu desenvolvimento adequado” (Machado, 2021, p. 25-26). Nesse sentido de cuidar de algo em ambiente favorável para o desenvolvimento adequado é que entra o conceito de incubadoras.

O termo “incubadoras de empresa” é bastante utilizado na atualidade. Incubar dá a ideia de desenvolver um embrião, então quando se fala em incubadoras de empresas o que vem à mente é gerar algo, ou seja, cuidar desde o início para que se chegue à maturidade para não ficar mais na dependência de alguém ou de algo.

A Lei nº 10.973, de 02 de dezembro de 2004, incentiva a inovação e a pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo. Na descrição do artigo 1º há o estabelecimento de princípios a serem observados, e, genericamente, podemos citar dentre eles a promoção de atividades científicas e tecnológicas que possam colaborar com o desenvolvimento social e econômico e a continuidade de processos de desenvolvimento científico, tecnológico e de inovação e que sejam assegurados recursos de ordem financeiros, econômicos e humanos para que se cumpram tais finalidades (Brasil, 2004).

A supracitada lei, na época de sua criação, pouco mencionava as incubadoras. Uma dessas poucas menções afirma:

Incubadora de empresas: organização ou estrutura que objetiva estimular ou prestar apoio logístico, gerencial e tecnológico ao empreendedorismo inovador e intensivo em conhecimento, com o objetivo de facilitar a criação e o desenvolvimento de empresas que tenham como diferencial a realização de atividades voltadas à inovação (BRASIL, 2004).

Fundamentado na Lei nº 10.973 o conceito de incubadora de empresas é bem direto, dando a entender que essas organizações prestam apoio desde a concepção da empresa, onde facilitam o crescimento dessas empresas, além de estimular seu desenvolvimento apoiando-as nas diversas fases por quais passam dentro do

programa de incubação, preparando e maturando elas para que possam seguir seu caminho quando se desligarem das incubadoras.

Já para indicar quem seriam os responsáveis por estimular a construção desses ambientes de inovação, o entendimento do legislador foi que

A União, os Estados, o Distrito Federal, os Municípios e as respectivas agências de fomento poderão estimular e apoiar a constituição de alianças estratégicas e o desenvolvimento de projetos de cooperação envolvendo empresas, ICTs e entidades privadas sem fins lucrativos voltados para atividades de pesquisa e desenvolvimento, que objetivem a geração de produtos, processos e serviços inovadores e a transferência e a difusão de tecnologia (BRASIL, 2004).

O governo em todas as esferas, ou seja, União, Estados, Distrito Federal e Municípios, além das agências de fomento podem e devem apoiar parcerias com as organizações privadas sem fins lucrativos. Fica claro que o principal objetivo é criar produtos e difundir tecnologia para que se possa levar aos mercados e satisfazer a sociedade. Isso é estimular a inovação tecnológica de forma prática.

Os Institutos Federais (IFs) desempenham papel muito importante na formação dos alunos e disponibilizam um ambiente de inovação onde se pode vivenciar os programas ligados ao empreendedorismo. Na descrição das finalidades e características da lei de criação dos Institutos Federais, Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, afirma-se que não há a preocupação tão somente quanto ao ensino em si, mas com aquilo que se pode oferecer para a sociedade, ou seja, a exploração da ciência e da cultura e também do meio ambiente, portanto, pautado nessas afirmações pode-se inferir que são para o funcionamento e razão de existir dos mesmos (Brasil, 2008).

Não obstante a importância dos IFs, é salutar destacar que autores como Carmo; Rangel (2021) descrevem sobre o modelo teórico que serviu para o desenvolvimento do empreendedorismo e da inovação e seu consequente fortalecimento, a Hélice Tripla, proposto por Leydesdorff e Etzkowitz, que levava em consideração que uma rede vai ser constituída através da cooperação de três instituições distintas, a saber a academia, a indústria e o governo. A Hélice Tripla descreve essa interação e pode ser entendida como os pilares que alavancaram o desenvolvimento econômico e o social, além da inovação. Esses três setores beneficiam a sociedade através da cooperação entre eles, ou seja, a academia gera conhecimentos através de pesquisas, a indústria aplica o conhecimento gerado pelas

academias na criação de produtos e processos inovadores e, por fim, o governo vai criar políticas públicas para estimular ou incentivar a interação entre a universidade e a indústria.

### 2.3.1 Panorama do empreendedorismo no Brasil

Atualmente, o cenário do empreendedorismo no Brasil reflete a realidade socioeconômica do país, ou seja, há grandes desafios estruturais, apesar da criatividade e potencial de nossa gente. Assim, podemos dizer que o empreendedorismo surge como uma alternativa viável para milhões de brasileiros que se encontram nas estatísticas do desemprego e procuram no empreendedorismo uma maneira de gerar sua própria renda e conseguir sua autonomia financeira.

Vale dizer que o Brasil vem passando ao longo de sua história por crises políticas e econômicas e há muitos entraves ao “desejo” de abrir uma empresa ou mesmo se formalizar, soma-se a isso os custos financeiros e a morosidade dos órgãos responsáveis por oficializar esses atos. Pode-se inferir que

O movimento do empreendedorismo no Brasil começou a tomar forma na década de 1990, quando entidades como Sebrae e Sociedade Brasileira para Exportação de Software (Softex) foram criadas. Antes disso, praticamente não se falava em empreendedorismo e em criação de pequenas empresas. Os ambientes político e econômico do país não eram propícios, e o empreendedor praticamente não encontrava informações para auxiliá-lo na jornada empreendedora (Dornelas, 2018, p. 15).

Dornelas (2018, p.18) citando o relatório da Global Entrepreneurship Monitor (GEM) no ano de 2000 afirma que “o Brasil apareceu como o país que possuía a melhor relação entre o número de habitantes adultos que começam um novo negócio e o total dessa população”. O estudo anual da GEM originou duas definições de empreendedorismo, onde a primeira é:

O empreendedorismo de oportunidade, em que o empreendedor visionário sabe onde quer chegar, cria uma empresa com planejamento prévio, tem em mente o crescimento que deseja buscar para a empresa e visa à geração de lucros, empregos e riqueza (Dornelas, 2018, p.18).

E a segunda definição seria:

o empreendedorismo de necessidade, em que o candidato a empreendedor se aventura na jornada empreendedora mais por falta de opção, por estar desempregado e não ter alternativas de trabalho. Nesse caso, esses negócios costumam ser criados informalmente, (...) (Dornelas, 2018, p.19).

Há algumas características que alguns autores citam sobre os empreendedores. É importante enfatizar que o sucesso de um empreendimento não está somente na questão de recursos financeiros, claro que isso é importante, mas o “espírito empreendedor” tem levado muitos a terem êxito em seus negócios. São características do espírito empreendedor

1. Necessidade de realização: as pessoas apresentam diferenças individuais quanto à necessidade de realização. Existem aquelas com pouca necessidade de realização e que se contentam com o status atual e não pretendem sair dele.(...)
2. Disposição para assumir risco: o empreendedor assume variados riscos para iniciar ou tocar seu próprio negócio (...)
3. Autoconfiança: quem possui autoconfiança sente que pode enfrentar galhardamente os desafios que existem ao seu redor e tem domínio sobre os problemas que enfrenta (...) (Chiavenato, 2012, pp.12-13).

Dados da pesquisa GEM de 2023 oferecem um panorama mais atual dos empreendimentos no Brasil. Essa pesquisa é muito interessante, é realizada há 24 (vinte e quatro) anos, onde foram entrevistados 2 mil adultos e 54 especialistas. O GEM avalia o empreendedorismo num sentido amplo, seja o negócio formalizado ou não, conceitua o empreendedorismo como “qualquer tentativa de criação de um novo empreendimento (formal ou informal), seja uma atividade autônoma e individual, uma nova empresa ou a expansão de um empreendimento existente” (SEBRAE, 2024, p.3).

O relatório de 2023, em comparação ao de 2022, apresenta diversos dados relevantes. A pesquisa considera brasileiros com idades entre 18 e 64 anos, totalizando aproximadamente 140 milhões de pessoas. Em 2023, 70,9% dessa população declararam conhecer pessoalmente alguém que iniciou um novo negócio nos últimos dois anos, uma redução em relação aos 75,8% registrados anteriormente. Além disso, 48,2% dos brasileiros expressaram o desejo de abrir seu próprio negócio, configurando o terceiro maior percentual entre os principais sonhos da população. O relatório também destaca aspectos sociodemográficos relacionados a três categorias de empreendedores: os nascentes, os novos e os estabelecidos. Assim temos:

- Empreendedores nascentes (10,8 milhões): 60% ou 6,5 milhões são homens; 56 milhões ou 56% estão na faixa de 25 a 44 anos; 5,4 milhões ou 50% possuem o ensino médio completo; 51% ou 5,5 milhões possuem renda mensal de 2 a 6 salários mínimos e 6,5 milhões ou 60% eram pretos ou pardos.

- Empreendedores novos (15,6 milhões): são 9,3 milhões de homens, que correspondem a 60%; 58% ou 9 milhões estão na faixa etária entre 25 e 44 anos; possuem o ensino médio 7,2 milhões ou 46%; 51% ou 8 milhões possuem renda mensal média acima de 3 salários e 8,8 milhões ou 56% eram pretos ou pardos.
- Empreendedores estabelecidos (16,6 milhões): 10,9 milhões ou 65% são homens; na faixa dos 35 aos 54 anos correspondem a 53% ou 8,7 milhões; 39% ou o equivalente a 6,5 milhões possuem o ensino médio completo; 9,2 milhões ou 56% deles possuem renda média mensal acima de 3 salários mínimos e 52% ou 8,6 milhões deles eram pretos ou pardos.

Merece destaque ainda no relatório o quesito empreendedores iniciais por oportunidade ou necessidade segundo as múltiplas motivações para iniciar um novo negócio estão disposto da seguinte maneira: para fazer a diferença no mundo 75% afirmam que é por necessidade e 77,1% por oportunidade; os que queriam ganhar a vida porque os empregos são escassos correspondem a 87,5% por necessidade e 66,1% por oportunidade; para construir uma grande riqueza ou uma renda muito alta eram 54,8% por necessidade contra 74,1% por oportunidade e para continuar uma tradição familiar afirmam ser por necessidade 41,3% e 33,1% por oportunidade.

Por último, a maior parte dos empreendimentos iniciais no Brasil, ou seja, 44,5% têm ocupação apenas para o seu dono, geram de 1 a 5 postos de trabalho um total de 42,9%, de 6 a 19 postos de trabalho são 9,3% deles e 3,3% geram 20 ou mais postos de trabalho.

### 2.3.2 O que são incubadoras de empresas, seu surgimento no mundo e no Brasil, e como esses ambientes auxiliam na formação empreendedora dos alunos

Os ambientes de inovação, como incubadoras de empresas ou de empreendimentos, laboratórios e espaços de criação, podem ser integrados à formação dos estudantes como um complemento prático do que é aprendido em sala de aula. Ou seja, aquilo que o aluno estuda na teoria ganha sentido quando ele tem a oportunidade de aplicar na prática, desenvolvendo ideias, projetos e soluções para problemas reais.

Essa conexão acontece quando as atividades das disciplinas dialogam com esses espaços. Além disso, nesses ambientes, o aluno desenvolve habilidades

importantes, como trabalhar em equipe, tomar decisões, lidar com desafios e pensar de forma criativa. Ao vivenciar essas experiências, ele aprende não só com os acertos, mas também com os erros, o que fortalece ainda mais seu processo de formação.

Historicamente, as incubadoras de empresas tiveram suas primeiras experiências nos Estados Unidos, na década de 1950. Segundo Bizzotto; Pires; Chierighini (2019, p. 13), “a primeira incubadora surgiu na década de 1950, quando a Universidade de Stanford criou um parque industrial que, posteriormente, evoluiu para um parque tecnológico”. Esses primeiros espaços marcaram o início do modelo de incubação como o conhecemos hoje. De acordo com os autores, o conceito de incubadora, focado na oferta de serviços para empresas recém-criadas que operam em um mesmo local, se consolidou na década de 1970. No começo dos anos 1980, os Estados Unidos já contavam com mais de 10 incubadoras, sinalizando o início de uma estruturação mais ampla desse modelo, que se tornaria relevante globalmente nas décadas seguintes.

Em 1984, as primeiras incubadoras de empresas começaram a ser desenvolvidas no Brasil, como parte do Programa de Implantação de Parques de Tecnologia, regulamentado pela Resolução Executiva 084/84 (Bizzotto; Pires; Chierighini, 2019, p. 14). Entre as pioneiras estão a CINET, criada em 1985, em São Carlos, a CELTA, fundada em 1986, em Florianópolis, e a ITCG, também estabelecida em 1986, em Campina Grande. Essas iniciativas marcaram o início de um movimento voltado à promoção da inovação e ao fortalecimento de novos negócios no país.

Uma incubadora de empresa, no significado técnico da palavra, pode ser entendida como:

Entidades sem fins lucrativos, destinadas a amparar o estágio inicial de empresas nascentes que se enquadram em determinadas áreas de negócios. Uma incubadora de empresas pode ser definida como um ambiente flexível e encorajador no qual são oferecidas facilidades para o surgimento e o crescimento de novos empreendimentos (Anprotec, 1998 apud Dornelas, 2018, p. 205).

Para o autor a incubadora de empresas representa uma importante estrutura de apoio para empreendedores que estão começando a desenvolver suas ideias de negócios. O conceito de "ambiente flexível" se refere à capacidade da incubadora de adaptar suas ações às necessidades particulares de cada empresa. Além disso, ao ser "encorajadora", a incubadora busca estimular os novos empreendedores, oferecendo não apenas infraestrutura, mas também muitas vantagens que esses

empreendedores não teriam ao iniciar seus negócios, como capacitação e uma rede de contatos valiosa para os mesmos.

Carmo e Rangel (2021) idealizam que as incubadoras de empresas são espaços voltados à inovação que ajudam a transformar ideias em negócios oferecendo estrutura, orientação e apoio técnico, dando mais segurança para quem está começando a empreender e contribuem para o desenvolvimento econômico e social ao apoiar a criação e o crescimento de novos projetos.

Os ambientes de inovação, quer seja em instituições privadas ou públicas, se tornam cada vez mais comum, nesses locais. Assim:

Nesse novo cenário, as mudanças nas universidades brasileiras começaram a se tornar cada vez mais comuns, tendo, em seus espaços, diversas possibilidades: incubadoras de startups, coworkings, LabFabs, escritórios de transferência tecnológica e comercialização. O entendimento desse novo papel, ainda que não majoritário, incentivou o engajamento de outras IES no fortalecimento dos ecossistemas de inovação locais e regionais. (Monteiro et al, 2019, p. 265).

Nesse sentido, as universidades brasileiras vêm passando por um processo de redefinição de seu papel, deixando de atuar exclusivamente no ensino e na pesquisa para incorporar práticas voltadas à inovação e ao desenvolvimento socioeconômico. Esse processo tem fortalecido, de forma gradual, os ecossistemas de inovação em nível local e regional, ampliando a interação entre universidade, mercado e sociedade.

#### **2.4 O campus Rio Branco como suporte educacional e desenvolvimento da região e adjacências**

O campus Rio Branco está localizado na Avenida Brasil, nº 920, no bairro Xavier Maia, na cidade de Rio Branco/AC. Possui uma área total construída de 8.626,70 m<sup>2</sup> em um terreno de aproximadamente 43.954,77 m<sup>2</sup> e está dividido em 5 blocos contendo 23 salas de aula, laboratórios de informática, química, física, robótica, sala de música, de multimeios, refeitório, quadra poliesportiva, biblioteca, auditório e incubadora de empresas, dentre outras estruturas (IFAC, 2024).

Criado pela portaria MEC nº 1170/2010, o campus oferta níveis e modalidades de ensino diversificados para atender à necessidade de milhares de alunos que buscam cursos gratuitos e de qualidade. Promove diversas atividades como extensão e pesquisa e colabora ainda com o desenvolvimento local e regional com educação pública e inclusiva. Oferece ainda cursos e programas de formação inicial e continuada para trabalhadores e educação profissional de nível médio desde o ano

de 2010 (IFAC, 2024).

Segundo o IFAC (2024), o campus atualmente atende mais de 1.500 (mil e quinhentos) alunos, conta com aproximadamente 135 (cento e trinta e cinco) docentes e 74 (setenta e quatro) técnicos administrativos em educação (TAEs). Oferece à população em geral cursos de nível técnico integrados, distribuídos em Edificações, Informática para Internet e Redes de Computadores, de nível técnico subsequente, divididos em Administração, Recursos Humanos, Segurança do Trabalho, Serviços Jurídicos, Tradução e Interpretação de Libras, cursos superiores de bacharelado em Administração e de licenciatura em Matemática e em Ciências Biológicas, superiores de tecnologia em Processos Escolares, Logística e Tecnologia em Sistemas para Internet e ainda os cursos de pós-graduação de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) e Mestrado Profissional em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para Inovação (PROFNIT) (IFAC, 2024).

O campus está situado em uma região urbana da cidade de Rio Branco, inserido em um bairro que, juntamente com diversas áreas vizinhas, é caracterizado por significativa densidade populacional. Essa localização estratégica favorece o acesso de moradores de diferentes partes da cidade às ofertas educacionais da instituição, ampliando seu alcance e potencial de impacto social. Dessa forma, o campus Rio Branco se estabelece como um importante polo de formação, com capacidade de beneficiar amplamente a comunidade ao seu redor.

O campus Rio Branco tem um papel fundamental na vida da comunidade em que está inserido. Sua estrutura e as atividades que desenvolve mostram o quanto a instituição contribui com o crescimento da região, oferecendo acesso à educação pública, gratuita e de qualidade para um número expressivo de pessoas. O atendimento aos alunos e a disponibilidade de vários cursos, desde cursos técnicos até pós-graduação, evidenciam o alcance e a importância do campus para a formação acadêmica e profissional dos estudantes.

Além de acolher alunos do bairro onde está localizado, o campus também atrai moradores de áreas próximas, ampliando ainda mais seu impacto social. Ao oferecer cursos variados e voltados para atender também o mercado de trabalho, a instituição possibilita que seus alunos desenvolvam habilidades práticas, pensamento crítico e senso de cidadania, abrindo caminhos para melhores oportunidades de emprego e geração de renda. Isso faz do campus não apenas um espaço de aprendizagem, mas também um agente de transformação social, ajudando a construir um futuro melhor

para os estudantes e suas comunidades.

O desenvolvimento regional e a inclusão social são percebidos quando se oferta cursos que se alinham com as necessidades do mercado e, ao oferecer cursos como Tradução e Interpretação de Libras, há uma clara percepção que a instituição também se preocupa com a inclusão social. O suporte ao Empreendedorismo é colocado em prática mediante programas ofertados à comunidade pela Incubadora de empresas, sendo um indicador de desenvolvimento regional e gerador de empregos ao sair graduado da mesma. Por fim, o campus Rio Branco coloca à disposição da comunidade local e regional benefícios que impulsionam a transformação social, a formação cidadã e o desenvolvimento econômico.

#### 2.4.1 O ensino do empreendedorismo no campus Rio Branco

O Campus Rio Branco possui vários cursos que, em sua grade curricular, contemplam disciplinas que não apenas promovem o aprendizado de conteúdos relevantes, mas também contribuem para a formação de cidadãos e profissionais preparados para os desafios do futuro. Dentre essas, destaca-se a disciplina de Empreendedorismo, que tem como objetivo estimular os estudantes a pensar de forma criativa, assumir a liderança, trabalhar colaborativamente e solucionar problemas cotidianos (IFAC, 2023).

Essa disciplina transcende o ensino técnico, capacitando os alunos a identificar oportunidades, planejar estratégias e compreender os desafios e responsabilidades do ato de empreender. Mais do que apenas prepará-los para o mercado de trabalho, o empreendedorismo fomenta uma mentalidade inovadora, incentivando os estudantes a se tornarem agentes de mudança e a contribuírem para o desenvolvimento da região onde vivem. Assim, a disciplina reforça o compromisso do Instituto Federal em formar não apenas profissionais qualificados, mas também indivíduos com potencial para transformar sua comunidade por meio de ideias e ações concretas.

O Projeto Pedagógico do Curso (PPC) orienta e direciona o curso de uma instituição de ensino, vai externar os objetivos que se pretendem alcançar. É como um guia que vai orientar os alunos e, para os professores e gestores, é uma ferramenta que ajuda a planejar. O PPC é mais do que um manual, pois vai consolidar fundamentos que estruturam o curso, desde os objetivos gerais até os resultados que se esperam para a formação do aluno. Nesse sentido, Vasconcelos (2014, p. 169)

afirma que:

O Projeto Político-Pedagógico é o plano global da instituição. Pode ser entendido como a sistematização, nunca definitiva, de um processo de Planejamento Participativo, que se aperfeiçoa e se concretiza na caminhada, que define claramente o tipo de ação educativa que se quer realizar. É um instrumento teórico-metodológico para a intervenção e mudança da realidade. É um elemento de organização e integração da atividade prática da instituição neste processo de transformação (Vasconcelos, 2014, p. 169).

Dessa forma, os PPC's precisam estar alinhados com políticas públicas, como as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's), o curso precisa atender às demandas locais, mas também precisam de revisões periódicas para que os cursos façam frente às mudanças que acontecem, sejam sociais, tecnológicas e até do mercado de trabalho.

O ensino da disciplina de Empreendedorismo no campus Rio Branco está presente na grade curricular de vários cursos. Todas as disciplinas constantes no PPC são pensadas para que o aluno tenha conhecimento comum a todos os cursos e conhecimentos específicos para determinados cursos, então, a disciplina de empreendedorismo é ofertada como ensinamento básico para alternativas de inserção no mercado de trabalho e para desenvolver a capacidade criativa dos mesmos e até empreender um negócio próprio. Em outras palavras, a inclusão das disciplinas de Empreendedorismo como componente básico dos cursos que as ofertam no campus Rio Branco, ultrapassa o aprendizado técnico, prepara o aluno para as futuras mudanças sociais e isso reflete o compromisso da instituição com a formação do aluno, tanto como cidadão quanto como profissional.

O PPC do Curso Superior de Tecnologia em Logística do campus Rio Branco (IFAC, 2017), na sua matriz curricular, traz a disciplina de Empreendedorismo e Inovação, no 4º semestre, com uma carga horária de 54 (cinquenta) horas-aulas, ela se conecta a disciplinas como Fundamentos de Administração, Matemática Financeira, Introdução a Economia, Economia Empresarial, Gestão de Pessoas e Logística Empresarial, dentre outras, o que reforça a questão da interdisciplinaridade dentro do curso.

Na matriz curricular do PPC de diversos outros cursos, também está presente a disciplina relacionada ao empreendedorismo. Para o curso Técnico Subsequente ao Ensino Médio em Administração, a disciplina de Empreendedorismo está presente no 2º semestre com 60 (sessenta) horas-aulas (IFAC, 2014). Para o curso de

bacharelado em Administração, o PPC indica que no 1º semestre há a disciplina de Empreendedorismo e Inovação I, com 54 (cinquenta e quatro) horas-aula, e Empreendedorismo e Inovação II, no 8º semestre, com 72 (setenta e duas) horas-aulas (IFAC, 2018).

A disciplina de Empreendedorismo desempenha um papel estratégico no Campus Rio Branco, consolidando-se como um componente essencial na formação de estudantes preparados para os desafios contemporâneos. Sua inclusão nas matrizes curriculares, com variações de carga horária e posicionamento, reflete uma adaptação às especificidades de cada curso e demonstra o compromisso institucional com a formação interdisciplinar e prática. Ao proporcionar fundamentos teóricos, experiências práticas e estímulo à criatividade, a disciplina ultrapassa o ensino técnico, fomentando o desenvolvimento de uma mentalidade inovadora e cidadã.

Ao abordar o ensino da disciplina de Empreendedorismo, fica evidente que o Instituto Federal do Acre não se limita somente à preparação de profissionais para o mercado de trabalho, mas busca formar agentes de transformação social, alinhados às demandas locais e regionais.

Portanto, o ensino do empreendedorismo no Campus Rio Branco não apenas qualifica tecnicamente, mas também promove o protagonismo dos estudantes, potencializando seu impacto na sociedade e fortalecendo o compromisso da instituição com a educação como instrumento de desenvolvimento regional e social.

### 3 CAPÍTULO – METODOLOGIA DA PESQUISA

O estudo foi desenvolvido no Campus Rio Branco do Instituto Federal do Acre (IFAC), tendo como objeto de análise os cursos pertencentes ao eixo tecnológico de Gestão e Negócios: Técnico Subsequente ao Ensino Médio em Administração, Superior de Tecnologia em Logística e Bacharelado em Administração.

A presente pesquisa caracteriza-se como de abordagem qualiquantitativa, uma vez que combina a análise de dados quantitativos, obtidos por meio da aplicação de questionários, com a interpretação qualitativa das percepções dos participantes. Quanto aos objetivos, classifica-se como descritiva, pois busca analisar e compreender o papel do ensino de empreendedorismo e dos ambientes de inovação na formação dos estudantes. A pesquisa descritiva, conforme destacam Prodanov e Freitas (2013, p. 52), tem como finalidade “observar, registrar, analisar e ordenar dados, sem manipulá-los”, permitindo identificar características, relações e frequências dos fenômenos analisados.

No que se refere à natureza, trata-se de uma pesquisa básica, uma vez que visa à produção de conhecimentos voltados à ampliação do entendimento teórico sobre o tema, sem aplicação prática imediata (Prodanov; Freitas, 2013).

O método de abordagem adotado foi o indutivo, partindo da análise de casos particulares para a construção de interpretações mais gerais acerca do fenômeno investigado. De acordo com Gil (2008, p. 10), o método indutivo baseia-se na observação de casos concretos, a partir dos quais se constroem generalizações fundamentadas na experiência.

O referencial teórico-metodológico ancora-se no social construtivismo, que compreende o sujeito como agente ativo na construção do conhecimento. Nesse sentido, o conhecimento é produzido a partir da interação entre o indivíduo e a realidade social, conforme destaca Gil (2008, p. 24), ao definir o construtivismo como uma perspectiva que valoriza o sujeito na construção da sua realidade.

Os procedimentos técnicos adotados nesta pesquisa envolveram a pesquisa bibliográfica, a análise documental e o levantamento de dados. A pesquisa bibliográfica fundamentou-se na análise de produções acadêmicas previamente publicadas, como livros, artigos e teses, permitindo a construção do referencial teórico do estudo. Segundo Severino (2016, p. 131), esse tipo de pesquisa “se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores”, utilizando contribuições já

sistematizadas por outros autores. Gil (2019) destaca que a pesquisa bibliográfica envolve etapas como levantamento, leitura, fichamento e organização do material, contribuindo para a construção lógica do estudo. A análise documental concentrou-se nos Projetos Pedagógicos de Curso (PPCs) e nas ementas das disciplinas de Empreendedorismo dos cursos investigados, com o objetivo de identificar a estrutura curricular, a carga horária e os conteúdos relacionados ao desenvolvimento de competências empreendedoras.

Os participantes da pesquisa foram selecionados considerando sua relação com o objeto investigado. Participaram do estudo: alunos regularmente matriculados nos cursos analisados; egressos do curso de Bacharelado em Administração, turma de 2021; professores que ministraram a disciplina de Empreendedorismo nos cursos investigados; coordenadores e ex-coordenadores da incubadora do campus Rio Branco, no período de 2021 a 2024.

No caso dos discentes, foram considerados alunos do 3º semestre do curso Técnico Subsequente em Administração, do 4º semestre do curso Superior de Tecnologia em Logística e estudantes do curso de Bacharelado em Administração em diferentes estágios de formação. Foram excluídos da pesquisa os estudantes que, embora constassem nos registros institucionais, não estavam mais vinculados aos cursos no momento da coleta de dados.

A coleta de dados foi realizada por meio de dois instrumentos principais: análise documental e aplicação de questionários. A análise documental envolveu os PPCs e as ementas das disciplinas de Empreendedorismo, permitindo identificar a organização curricular e os conteúdos abordados. O questionário foi estruturado em blocos temáticos, contemplando:

- (i) Caracterização dos participantes;
- (ii) Percepção sobre o ensino da disciplina de Empreendedorismo;
- (iii) Avaliação dos ambientes de inovação; e
- (iv) Percepção sobre a contribuição dessas experiências para a formação profissional e o desenvolvimento do pensamento crítico.

As questões incluíram itens fechados, organizados em escala do tipo Likert, e questões abertas, possibilitando a coleta de dados quantitativos e qualitativos.

Os questionários foram aplicados aos participantes previamente definidos, de forma presencial e/ou online, conforme a disponibilidade dos respondentes. Ao todo,

participaram da pesquisa 30 indivíduos, distribuídos entre 12 (doze) discentes, 04 (quatro) egressos, 11 (onze) docentes e 03 (três) gestores/coordenadores.

Os dados coletados foram analisados por meio de técnicas quantitativas e qualitativas. Os dados quantitativos foram tratados por meio de análise descritiva, permitindo a identificação de frequências e tendências nas respostas dos participantes. Já os dados qualitativos, provenientes das questões abertas, foram analisados com base na análise de conteúdo, possibilitando a interpretação das percepções e experiências relatadas pelos sujeitos da pesquisa

## 4 CAPÍTULO - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo apresenta os resultados e discussões da pesquisa acerca do ensino do empreendedorismo e dos ambientes de inovação do Campus Rio Branco do IFAC na formação ofertada pelos cursos do Eixo de Gestão e Negócios. Inicialmente, realiza-se a análise dos Projetos Pedagógicos de Curso (PPC's), buscando identificar como o empreendedorismo e a inovação estão inseridos nas diretrizes formativas e nas propostas curriculares. Em seguida, são discutidas as percepções de professores e estudantes ativos sobre a contribuição dessas temáticas para a formação acadêmica e profissional. Posteriormente, examina-se a percepção dos coordenadores de curso acerca das estratégias institucionais, desafios e potencialidades relacionados ao ensino do empreendedorismo e dos ambientes de inovação. Por fim, são apresentadas as percepções dos egressos, a fim de compreender de que maneira a formação recebida influenciou suas trajetórias profissionais e sua relação com práticas empreendedoras e inovadoras.

### 4.1 Análise do PPC's dos Cursos do Eixo de Gestão de Negócios

Para dar base aos resultados pretendidos, buscou-se nos PPC's e nas ementas das disciplinas o que foi planejado para os cursos e, em específico, o que as disciplinas ofertavam de conteúdo para os alunos, além dos questionários aplicados para observar a percepção dos mesmos quanto ao que assimilaram durante o curso.

Vieira e Fayad (2025, p. 349) entendem que:

em educação, o projeto pedagógico de curso (PPC) apresenta, entre outros dados, os princípios e os procedimentos compreendidos no processo de ensino e de aprendizagem adotados pela instituição, servindo para a construção do planejamento do ensino e da aprendizagem, refletido no plano de ensino (PE), atribuído ao professor, no desempenho de suas funções e atribuições, e, por último, explicitado no plano de aula (PA), para a turma e período lecionados. Nesses documentos são descritos, sinteticamente, as competências que os estudantes deverão desenvolver, os temas de estudos, os procedimentos de ensino, a metodologia, a forma de avaliação e as bibliografias básica e complementar a ser utilizada (Vieira e Fayad, 2025, p. 349).

Assim, o Projeto Pedagógico de Curso (PPC) funciona como um guia mais amplo, que orienta todo o processo educativo. A partir dele, o professor elabora o plano de ensino, que traduz essas diretrizes para a sua prática docente, e, por fim, detalha tudo no plano de aula, voltado para a realidade concreta da turma. Esses documentos não são apenas formais, mas essenciais para organizar o ensino, pois

definem o que os alunos devem aprender, como isso será ensinado, de que forma será avaliado e quais materiais darão suporte ao processo.

A fim de identificar como está posicionado o ensino de empreendedorismo e inovação nos cursos do eixo de gestão e negócios do Campus Rio Branco, do IFAC, o primeiro PPC analisado foi do Curso Superior de Tecnologia em Logística<sup>1</sup>, cuja oferta orientou-se “fundamentalmente pela interdisciplinaridade, pela flexibilidade e mobilidade acadêmica, atendendo ainda à necessidade de atenção ao contexto da região amazônica sul-ocidental e seu desenvolvimento sustentável” (IFAC, 2017).

Nesse curso, a disciplina de Empreendedorismo e Inovação é ofertada no quarto semestre, com carga horária de 45 horas. Sua inserção ocorre em articulação com componentes curriculares de caráter técnico, como Gestão de Armazenagem e Logística de Transporte, conforme apresentado na Tabela 1, referente à matriz curricular do quarto semestre do Curso Superior de Tecnologia em Logística, o que sugere que o empreendedorismo é compreendido como uma competência complementar à gestão eficiente desses processos.

Tabela 1 - Matriz curricular do Curso Superior de Tecnologia em Logística – 4º semestre.

nº	Componente curricular	A/S	H/A	CH
4º semestre				
21	Gestão de Pessoas	2	36	30
22	Logística de Transporte	3	54	45
23	Segurança e Saúde no Trabalho	3	54	45
24	Gestão de Armazenagem e Movimentação de Materiais	4	72	60
25	Direito Tributário e Empresarial	2	36	30
26	Empreendedorismo e Inovação	3	54	45
27	Gestão Ambiental	3	54	45
Carga horária total		20	360	300

Fonte: IFAC (2017)

Nessa perspectiva, entende-se que o ensino voltado ao desenvolvimento de competências empreendedoras no Curso de Logística ultrapassa a mera preparação para a gestão de negócios, consolidando-se como uma estratégia de formação humana integral, orientada para o fortalecimento da autonomia, da capacidade crítica e da adaptabilidade dos indivíduos diante das exigências e transformações do mundo do trabalho.

<sup>1</sup> Aprovado pela Resolução CONSU/IFAC nº 035/2017, de 20 de outubro de 2017, o curso possui oferta anual no período noturno, carga horária total de 1.890 horas e duração de seis semestres letivos (três anos), com início no semestre 2017.1 (IFAC, 2017).

A análise da ementa da disciplina de Empreendedorismo e Inovação do Curso Superior de Tecnologia em Logística permite identificar que o conteúdo foca na viabilidade de novos negócios, criação e gestão de empreendimentos, além de abordar as Características do Comportamento Empreendedor (CCE's). Um ponto relevante é a inclusão do Empreendedorismo Corporativo, preparando o tecnólogo para inovar dentro de organizações já estabelecidas, além da elaboração do Plano de Negócios, como se pode ver no Quadro 1:

Quadro 1 - Ementa da disciplina de Empreendedorismo e Inovação do curso Superior de Tecnologia em Logística.

Curso	Superior de Tecnologia em Logística		
Disciplina	Empreendedorismo e Inovação	Carga Horária	45
Pré-requisito		Semestre	4º
<p>Ementa: Conceito, características e desafios ao empreender, Viabilidade de novos negócios. Criação, gestão e sobrevivência de novos empreendimentos, CCE's. O empreendedorismo como resposta ao novo conceito de empregabilidade, Empreendedorismo Corporativo. Desenvolvimento de atitudes, capacidades e habilidades empreendedoras. Plano de Negócios.</p> <p><b>Bibliografia básica</b>            BERNARDI, Luiz Antônio. <b>Manual de Plano de Negócios</b>: fundamentos, processos e estruturação. São Paulo: Atlas, 2007.            DORNELAS, José Carlos. <b>Empreendedorismo na prática</b>: mitos e verdades. Rio de Janeiro: Campus, 2007.            DORNELAS, José Carlos. <b>Empreendedorismo</b>: transformando ideias em negócios. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.</p> <p><b>Bibliografia Complementar</b>            CHIAVENATO, Idalberto. <b>Empreendedorismo</b>: dando asas ao espírito empreendedor. 3. ed. Saraiva, 2004.            DOLABELA, Fernando. <b>O segredo de Luisa</b>: uma ideia, uma paixão e um plano de negócios: como nasce o empreendedor e se cria uma empresa. 30. ed. rev. e atual. São Paulo: Cultura, 2006.            DORNELAS, José Carlos Assis. <b>Empreendedorismo Corporativo</b>: como ser empreendedor, inovar e se diferenciar em organizações estabelecidas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. DRUCKER, Peter F. <b>Inovação e espírito empreendedor (entrepreneurship)</b>: prática princípios. São Paulo: Pioneira; Thompson, 2005.            SALIM, César Simões. <b>Construindo Plano de Negócios</b>. Rio de Janeiro: 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.</p>			

Fonte: IFAC

A ementa da disciplina de Empreendedorismo e Inovação ultrapassa uma abordagem estritamente técnica voltada à criação e gestão de negócios, contribuindo de forma ampla para a formação dos estudantes. Ao longo da disciplina, são desenvolvidas competências como pensamento crítico, planejamento, tomada de decisão e resolução de problemas. Além disso, o trabalho com as Características do Comportamento Empreendedor (CCE's) estimula atitudes como iniciativa,

persistência e comprometimento, relevantes tanto para a vida profissional quanto pessoal. A abordagem do empreendedorismo corporativo amplia essa perspectiva ao evidenciar que inovar também envolve propor melhorias em organizações já existentes. Por fim, a elaboração do plano de negócios favorece a organização de ideias, a comunicação e a visão analítica dos estudantes, reforçando o papel do empreendedorismo na formação integral e na preparação para a vida.

Assim como observado no curso superior de logística, a organização curricular do curso Técnico Subsequente em Administração<sup>2</sup> também demonstra uma estrutura voltada ao fortalecimento da formação empreendedora dos estudantes. Entretanto, nesse curso, a disciplina de Empreendedorismo e Inovação apresenta maior carga horária, com 60 horas ofertadas no 3º semestre, conforme mostrado na Tabela 2 da matriz curricular, possibilitando maior aprofundamento dos conteúdos e o desenvolvimento de atividades práticas.

Além disso, a oferta simultânea das disciplinas de Planejamento Estratégico e Custo e Formação de Preço favorece a articulação entre os conhecimentos, permitindo que os estudantes compreendam de forma integrada aspectos relacionados ao planejamento, à viabilidade e à gestão de negócios. Essa aproximação entre os componentes curriculares torna o aprendizado mais significativo, ao estimular uma visão mais ampla das dinâmicas organizacionais, fortalecer a capacidade analítica e contribuir para uma formação mais segura e preparada para a tomada de decisões.

Tabela 2 - Matriz curricular do curso Técnico Subsequente em Administração.

3º Semestre				
Ordem	Código	Disciplinas	Hora-aula	Encontros
16		Custo e Formação de Preço	45	54
17		Direito Empresarial e Tributário	45	54
18		Empreendedorismo e Inovação	60	72
19		Gestão de Compras e Estoque	45	54
20		Planejamento Estratégico	60	72
21		Organização, Sistema e Métodos	45	54
22		Rotinas Trabalhistas	45	54
23		Práticas Profissionais III	20	24

Fonte: IFAC (2014).

Quanto à ementa da disciplina de Empreendedorismo e Inovação, apresentada

<sup>2</sup> Curso aprovado pela Resolução nº 307/2014 – CONSU/IFAC, de 18 de novembro de 2014.

no Quadro 2, observa-se que ela é idêntica à do curso superior de Logística, contemplando conteúdos que vão desde conceitos introdutórios de empreendedorismo e análise de viabilidade até o desenvolvimento de atitudes empreendedoras e a elaboração de plano de negócios. Essa estrutura demonstra uma organização progressiva dos conteúdos, iniciando pela compreensão do empreendedorismo, de suas características e dos principais desafios envolvidos, oferecendo aos estudantes uma base teórica para entender o contexto em que o ato de empreender se insere.

Quadro 2 - Ementa da disciplina de Empreendedorismo do curso Técnico Subsequente em Administração.

EMENTA			
Disciplina	Empreendedorismo e Inovação	Carga horária	60h
<b>Ementa:</b> Conceito, características e desafios ao empreender. Viabilidade de novos negócios. Criação, gestão e sobrevivência de novos empreendimentos. CCE's. O empreendedorismo como resposta ao novo conceito de empregabilidade. Empreendedorismo Corporativo. Desenvolvimento de atitudes, capacidades e habilidades empreendedoras. Plano de Negócios.			
<b>Bibliografia básica:</b> BERNARDI, Luiz Antônio. <b>Manual de Plano de Negócios:</b> Fundamentos, Processos e Estruturação. Atlas, 2007. DORNELAS José Carlos. <b>Empreendedorismo na Prática:</b> mitos e verdades. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2007. DORNELAS, José Carlos. – <b>Empreendedorismo</b> – Transformando idéias em negócios. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2005.			
<b>Bibliografia Complementar:</b> CHIAVENATO Idalberto. <b>Empreendedorismo.</b> Dando Asas ao Espírito Empreendedor. 3ª Ed. Saraiva, 2004. DOLABELA, Fernando. <b>O Segredo de Luisa:</b> uma idéia, uma paixão e um plano de negócios – como nasce o empreendedor e se cria uma empresa. 30ª. ed. rev. e atual. São Paulo: Cultura, 2006. DORNELAS, José Carlos Assis. <b>Empreendedorismo Corporativo:</b> como ser empreendedor, inovar e se diferenciar em organizações estabelecidas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. DRUCKER, Peter F. <b>Inovação e Espírito Empreendedor (entrepreneurship):</b> prática e princípios. São Paulo: Pioneira; Thompson, 2005.			

Fonte: IFAC (2014)

Na sequência, a abordagem sobre viabilidade, criação, gestão e sobrevivência de novos negócios direciona o aprendizado para uma dimensão mais prática, permitindo que os alunos compreendam os fatores essenciais para transformar ideias em iniciativas sustentáveis. Além disso, a inclusão das Características do Comportamento Empreendedor (CCE's) e do desenvolvimento de atitudes, capacidades e habilidades reforça o caráter formativo da disciplina, estimulando

competências relacionadas à iniciativa, persistência, criatividade e tomada de decisão.

Ao tratar o empreendedorismo como resposta às transformações do mundo do trabalho e às novas concepções de empregabilidade, a ementa amplia a discussão para além da criação de empresas, evidenciando a importância da postura empreendedora em diferentes contextos profissionais. Complementarmente, o empreendedorismo corporativo destaca a inovação no interior das organizações já existentes, enquanto o plano de negócios consolida os conhecimentos desenvolvidos ao longo da disciplina, integrando teoria e prática em uma ferramenta voltada à estruturação e análise de projetos. Dessa forma, assim como no curso de logística, a disciplina contribui para uma formação mais ampla, aplicada e alinhada às exigências contemporâneas do mercado de trabalho.

Já o Curso Superior de Bacharelado em Administração<sup>3</sup> apresenta uma estrutura mais organizada e aprofundada no que se refere ao ensino do empreendedorismo, ao dividir os conteúdos em dois momentos ao longo da formação: Empreendedorismo e Inovação I e II.

Essa organização permite que o aprendizado ocorra de forma gradual, partindo de fundamentos teóricos para abordagens mais práticas e aplicadas. No 1º semestre, a disciplina de Empreendedorismo e Inovação I, com carga horária de 45 horas, conforme a Tabela 3 da matriz curricular, concentra-se na compreensão dos conceitos básicos e do comportamento empreendedor, estimulando desde o início do curso uma postura mais crítica, proativa e voltada à inovação.

Tabela 3 - Matriz Curricular do 1º semestre do curso Superior de Bacharelado em Administração.

1º Semestre							
Código	Componente Curricular	Aulas Semanais	Carga horária				
			Total	Teórica	Prática	PCC	h/a
1	Comunicação Empresarial	4	60	60			72
2	Matemática Aplicada	4	60	45	15		72
3	Filosofia	3	45	45			54
4	Espanhol Aplicado	3	45	30	15		54
5	Metodologia Científica	3	45	30	15		54
6	Empreendedorismo e Inovação I	3	45	30	15		54
7	Teoria Geral da Administração I	4	60	45	15		72
TOTAL		24	360	285	75		432

Fonte: IFAC (2018)

<sup>3</sup> Curso aprovado pela Resolução CONSU/IFAC nº 023, de 04 de maio de 2018.

Esse primeiro contato contribui para a construção de uma base sólida para os conteúdos aprofundados posteriormente, favorecendo não apenas a compreensão do empreendedorismo, mas também o desenvolvimento de atitudes e habilidades relevantes para a vida profissional e pessoal.

A ementa da disciplina de Empreendedorismo e Inovação I (Quadro 3) possui caráter introdutório e busca inserir o estudante no universo do empreendedorismo por meio da compreensão de conceitos, características e desafios relacionados ao ato de empreender. Além disso, aborda aspectos ligados à viabilidade, criação, gestão e sobrevivência de novos negócios, destacando a importância do planejamento e da organização para transformar ideias em iniciativas sustentáveis.

Quadro 3 - Ementa da disciplina de Empreendedorismo e Inovação I do curso Superior de Bacharelado em Administração.

PLANO DE ENSINO			
<b>Curso:</b>	Superior de Bacharelado em Administração		
<b>Disciplina:</b>	Empreendedorismo e Inovação I		
<b>Código:</b>	<b>Carga Horária:</b>	45	<b>Semestre/Ano:</b> 1º
<b>Ementa:</b>			
<p>Conceito, características e desafios ao empreender. Viabilidade de novos negócios. Criação, gestão e sobrevivência de novos empreendimentos. Características do Comportamento Empreendedor - CCE's. O empreendedorismo como resposta ao novo conceito de empregabilidade. Inovação tecnológica como diferencial competitivo para a pequena e média empresa.</p>			
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>			
DORNELAS, José Carlos Assis. <b>Empreendedorismo</b> : transformando ideias em negócios. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.			
DRUCKER, Peter F. <b>Inovação e espírito empreendedor</b> . São Paulo: Cengage Learning, 2011. BERNADI, Luiz Antonia. <b>Manual de empreendedorismo e gestão</b> . São Paulo: Atlas, 2011.			
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>			
MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. <b>Administração para empreendedores</b> : fundamentos da criação e da gestão de novos negócios. 2. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.			
DEGEN, Ronald Jean. <b>O empreendedor como opção de carreira</b> . São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.			
DOLABELA, Fernando. <b>O segredo de Luisa</b> : uma ideia, uma paixão e um plano de negócios – como nasce o empreendedor e se cria uma empresa. 30. ed. rev. e atual. São Paulo: Cultura, 2006.			
BIRLEY, Sue; MIZYKA, Daniel F. <b>Dominando os desafios do empreendedor</b> . São Paulo: Prentice Hall, 2005.			
CHIAVENATO, Idalberto. <b>Empreendedorismo</b> : dando asas ao espírito empreendedor. 3. ed. Saraiva, 2004.			

Fonte: IFAC (2018)

O estudo das Características do Comportamento Empreendedor (CCE's) contribui para o desenvolvimento de atitudes como iniciativa, persistência e

responsabilidade, enquanto a discussão sobre empreendedorismo e empregabilidade amplia a compreensão do aluno acerca da necessidade de adaptação, inovação e busca por oportunidades no mercado de trabalho. Por fim, a ênfase na inovação tecnológica como diferencial competitivo reforça a importância do uso estratégico da tecnologia, especialmente em pequenas e médias empresas, contribuindo para uma formação alinhada às exigências do contexto contemporâneo.

No 8º semestre, conforme a Tabela 4 da matriz curricular, a disciplina retorna a disciplina de Empreendedorismo e Inovação II, do 8º semestre, conforme a Tabela 4 da matriz curricular, possui carga horária de 60 horas, evidenciando uma proposta mais aprofundada e voltada à consolidação dos conhecimentos desenvolvidos ao longo do curso. Nesse estágio da formação, os estudantes já possuem uma base teórica e prática mais consistente, permitindo que a disciplina assuma um papel integrador e funcione como síntese dos conteúdos anteriormente estudados.

Tabela 4 - Tabela 4: Matriz Curricular do 8º semestre do curso Superior de Bacharelado em Administração.

8º Semestre							
Código	Componente Curricular	Aulas Semanais	Carga horária				
			Total	Teórica	Prática	PCC	h/a
48	Sistemas de Informações Gerenciais	4	60	45	15		72
49	Gestão de Compras e Estoque	4	60	45	15		72
50	Empreendedorismo e Inovação II	4	60	45	15		72
51	Tópicos Especiais em Administração II	4	60	45	15		72
52	Elaboração de TCC II	4	60	30	30		72
53	*Disciplina Optativa	4	60	45	15		72
	TOTAL	24	360	255	105		432

Fonte: IFAC (2018)

A oferta simultânea com componentes como Elaboração de TCC II e Sistemas de Informações Gerenciais reforça essa perspectiva ao favorecer a articulação entre diferentes áreas da administração. Na prática, isso possibilita o desenvolvimento de projetos mais completos e estruturados, utilizando de forma integrada ferramentas de gestão, análise de dados e planejamento estratégico. Além disso, essa organização curricular contribui para a construção de uma visão mais ampla e sistêmica das organizações, estimulando o pensamento crítico e a proposição de soluções inovadoras. Dessa forma, a disciplina não apenas retoma os conteúdos relacionados ao empreendedorismo, mas também o consolida como eixo articulador da formação,

preparando o futuro profissional para atuar de maneira estratégica, criativa e alinhada às demandas do mercado e da sociedade.

A disciplina de Empreendedorismo e Inovação II, ofertada no 8º semestre e apresentada (Quadro 4) possui caráter mais prático e voltado à realidade profissional dos estudantes, priorizando a aplicação dos conhecimentos desenvolvidos ao longo do curso. Ao abordar o empreendedorismo corporativo, evidencia que empreender também envolve inovar e propor melhorias em organizações já existentes, valorizando atitudes como iniciativa, proatividade e visão estratégica. Além disso, o desenvolvimento de habilidades empreendedoras estimula os alunos a enfrentarem desafios de forma criativa e segura. O uso do modelo Canvas contribui para a organização e visualização de ideias, enquanto o plano de negócios integra os conhecimentos adquiridos em um projeto estruturado, fortalecendo a capacidade de atuação estratégica em contextos profissionais.

Quadro 4 - Ementa da disciplina de Empreendedorismo e Inovação II do curso Superior de Bacharelado em Administração.

PLANO DE ENSINO			
<b>Curso:</b>	Superior de Bacharelado em Administração		
<b>Disciplina:</b>	Empreendedorismo e Inovação II		
<b>Código:</b>	<b>Carga Horária:</b>	60	<b>Semestre/Ano:</b> 8º
<b>Ementa:</b>			
A prática do Empreendedorismo Corporativo. Necessidade do comportamento empreendedor nas organizações. Desenvolvimento de atitudes, capacidades e habilidades empreendedoras. Inovação em Modelos de Negócios (Canvas). Plano de Negócios.			
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>			
DORNELAS, José Carlos Assis. <b>Empreendedorismo corporativo</b> : como ser empreendedor, inovar e se diferenciar em organizações estabelecidas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.			
DORNELAS, José Carlos Assis. <b>Empreendedorismo</b> : transformando ideias em negócios. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.			
OSTERWALDER, Alexander. <b>Business model generation</b> : inovações em modelos de negócios, um manual para visionários, inovadores e revolucionários. Rio de Janeiro: Alta Books, 2011.			
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>			
BERNADI, Luiz Antonio. <b>Manual de empreendedorismo e gestão</b> . São Paulo: Atlas, 2011.			
SALIM, César Simões. <b>Construindo plano de negócios</b> . 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.			
BERNARDI, Luiz Antônio. <b>Manual de plano de negócios</b> : fundamentos, processos e estruturação. São Paulo: Atlas, 2007.			
MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. <b>Administração para empreendedores</b> : fundamentos da criação e da gestão de novos negócios. 2. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.			
DEGEN, Ronald Jean. <b>O empreender como opção de carreira</b> . São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.			

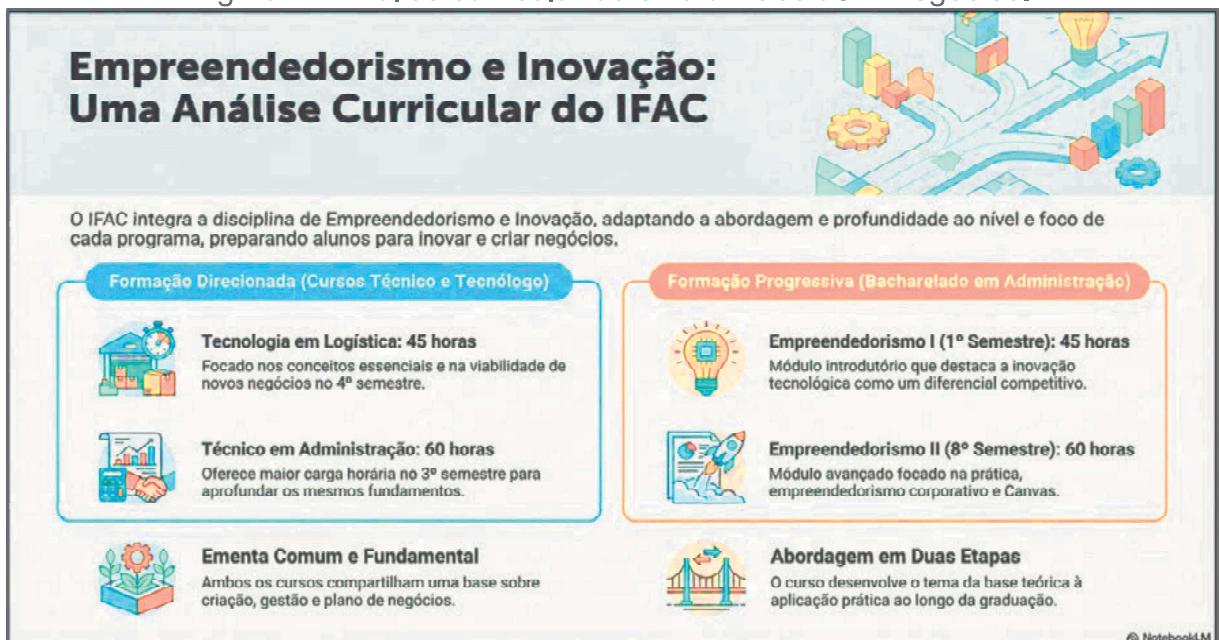
Fonte: IFAC (2018).

Na análise comparativa dos cursos, pode-se identificar que o IFAC adota uma base comum de conhecimentos, mas diferencia a profundidade e o momento da oferta. O Bacharelado em Administração é o único curso que fragmenta o ensino, permitindo uma introdução conceitual no 1º semestre e uma aplicação técnica (Canvas e Plano de Negócios) no 8º semestre.

O curso Técnico Subsequente e o 8º semestre do Bacharelado possuem as maiores cargas horárias (60h), indicando uma priorização do desenvolvimento prático de planos de negócios nessas etapas. Em relação as referências bibliográficas, nota-se uma padronização nas referências básicas, com forte presença de autores como Dornelas, Bernardi e Drucker em todos os cursos, garantindo um alinhamento teórico institucional sobre o que se entende por empreendedorismo e inovação.

A figura 1 compara a análise curricular dos cursos do eixo gestão e negócios. Nota-se que o curso de Tecnologia em Logística, Bacharelado em Administração e o Técnico Subsequente em Administração possuem uma base sobre criação, gestão e negócios compartilhada. O único curso que aborda a disciplina em duas etapas é o Bacharelado em Administração.

Figura 1 - Análise curricular do eixo de Gestão e Negócios.



Assim, o projeto pedagógico é fundamental para a instituição de ensino porque funciona como um guia que orienta todas as ações educativas, dando sentido, organização e identidade ao processo de ensino e aprendizagem. É por meio dele que

se definem os objetivos da formação dos estudantes, as competências que se pretende desenvolver, as metodologias utilizadas e as formas de avaliação, garantindo que todos — gestores, professores e alunos — estejam alinhados em uma mesma direção. Mais do que um documento formal, ele ajuda a evitar improvisações e práticas isoladas, promovendo um ensino mais planejado, coerente e de qualidade, que se concretiza de forma efetiva no dia a dia da sala de aula. Para corroborar esse pensamento, Veiga (2010, p. 1) assevera que ele “é concebido na perspectiva da sociedade, da educação e da escola, ele aponta um rumo, uma direção, um sentido específico para um compromisso estabelecido coletivamente” e, ainda na mesma perspectiva afirma que “reforça o trabalho integrado e organizado da equipe escolar, assumindo sua função de coordenar a ação educativa da escola para que ela atinja o seu objetivo político-pedagógico.”

Embora a presença do empreendedorismo nos PPC's represente um avanço importante na formação acadêmica, sua efetividade não pode ser compreendida apenas a partir da análise documental. Torna-se igualmente necessário identificar como essas temáticas são percebidas pelos diferentes sujeitos envolvidos no processo formativo, especialmente professores, estudantes, coordenadores de ambientes de inovação e egressos. A compreensão dessas percepções possibilita avaliar os limites, contribuições e impactos do ensino de empreendedorismo e inovação no contexto do curso, aspecto discutido nas seções seguintes.

#### **4.2 Percepção dos professores e estudantes ativos sobre o ensino do empreendedorismo e dos ambientes de inovação na formação**

Os resultados do questionário aplicado aos professores da disciplina de Empreendedorismo objetivaram analisar a percepção docente acerca da relação entre a disciplina, o mundo real do empreendedorismo, os ambientes de inovação — especialmente a incubadora — e o desenvolvimento formativo dos alunos.

Nesse contexto, destaca-se que:

Para avançar na direção delineada ao longo do texto, é fundamental que haja maior articulação entre os sistemas de ensino e desses com outros órgãos e esferas de governo no sentido de aproximar as instituições públicas que atuam na EPT entre si e na sociedade. (Moura, 2008, p. 24).

Conforme detalhado na metodologia, participaram da pesquisa onze professores, número que possibilita uma análise representativa do corpo docente diretamente envolvido com a oferta da disciplina no campus. Quanto ao tempo de

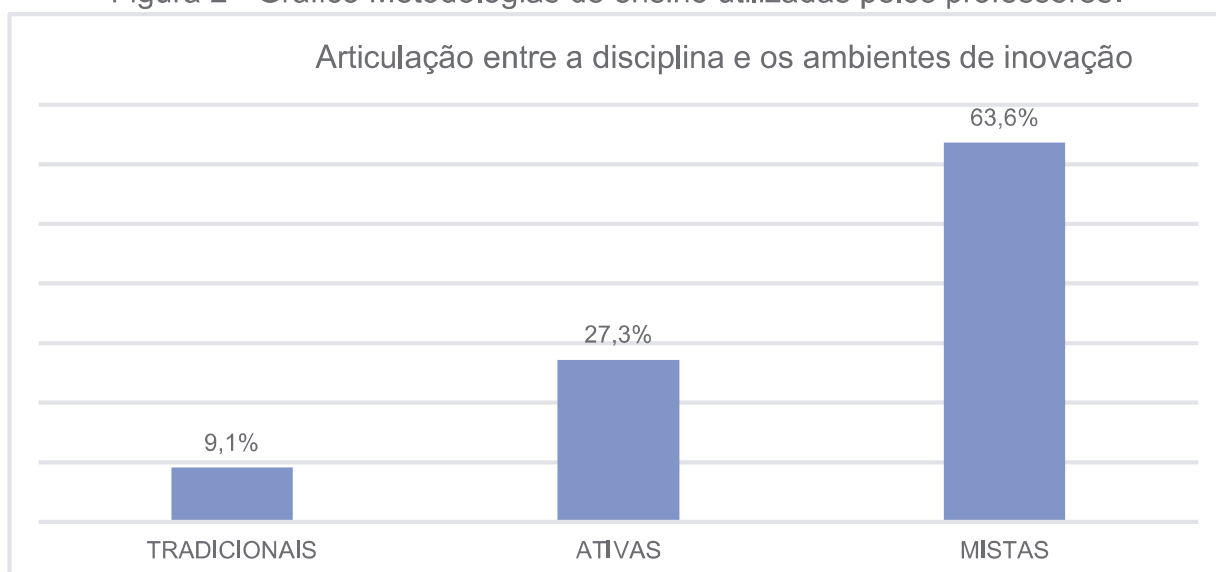
atuação na disciplina de Empreendedorismo, os dados da pesquisa mostraram que 54,5% dos docentes a ministram há mais de três anos, 36,4% possuem experiência entre um e três anos e 9,1% atuam há menos de um ano, evidenciando um grupo predominantemente experiente.

Em relação aos cursos atendidos, verifica-se que 63,6% dos professores lecionam no curso superior de Bacharelado em Administração, o mesmo percentual atua no curso superior de Tecnologia em Logística, enquanto 90,9% ministram a disciplina no curso técnico subsequente em Administração. Esses dados demonstram a ampla inserção da disciplina em diferentes níveis e modalidades de ensino ofertados pela instituição.

No que se refere à carga horária da disciplina, 72,7% dos docentes a consideram adequada, ao passo que 27,3% a avaliam como parcialmente adequada, indicando, de modo geral, satisfação com a estrutura atual, embora ainda existam percepções que apontem para a necessidade de ajustes.

Quanto às metodologias de ensino utilizadas, apenas 9,1% afirmam adotar metodologias tradicionais (expositivas), 27,3% utilizam metodologias ativas, como problematização e projetos, e a maioria (63,6%) trabalha com metodologias mistas, combinando abordagens tradicionais e ativas. Esses dados quanto a metodologia de ensino utilizada pelos professores, conforme Figura 2, indicam uma tendência à diversificação metodológica, alinhada às propostas contemporâneas do ensino de empreendedorismo.

Figura 2 - Gráfico Metodologias de ensino utilizadas pelos professores.

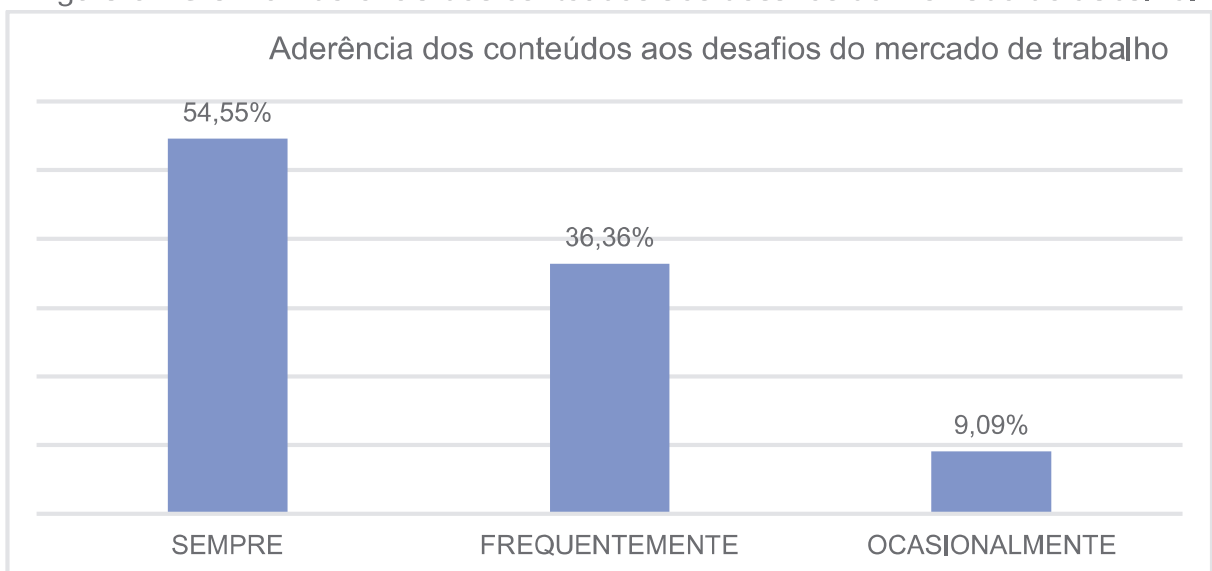


Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

Sobre a aderência dos conteúdos aos desafios do mercado de trabalho, 54,55% dos professores afirmam que os conteúdos sempre refletem tais desafios, 36,36% que frequentemente refletem e 9,09% que o fazem apenas ocasionalmente, como se vê no Figura 3. Além disso, 90,9% dos professores utilizam exemplos reais e estudo de caso de empreendedores locais ou nacionais como estratégia didática e, apenas 9,1% utilizam esses exemplos de forma parcial, o que reforça a aproximação entre teoria e prática.

A educação empreendedora é considerada essencial para o desenvolvimento econômico e social de um país. (...) A efetividade de tal educação está diretamente relacionada ao uso apropriado de métodos e estratégias de ensino capazes de instruir e preparar os estudantes com habilidades e conhecimentos necessários para a condução de novos negócios. (Silva; Patrus, 2017, p. 372).

Figura 3 - Gráfico Aderência dos conteúdos aos desafios do mercado de trabalho.



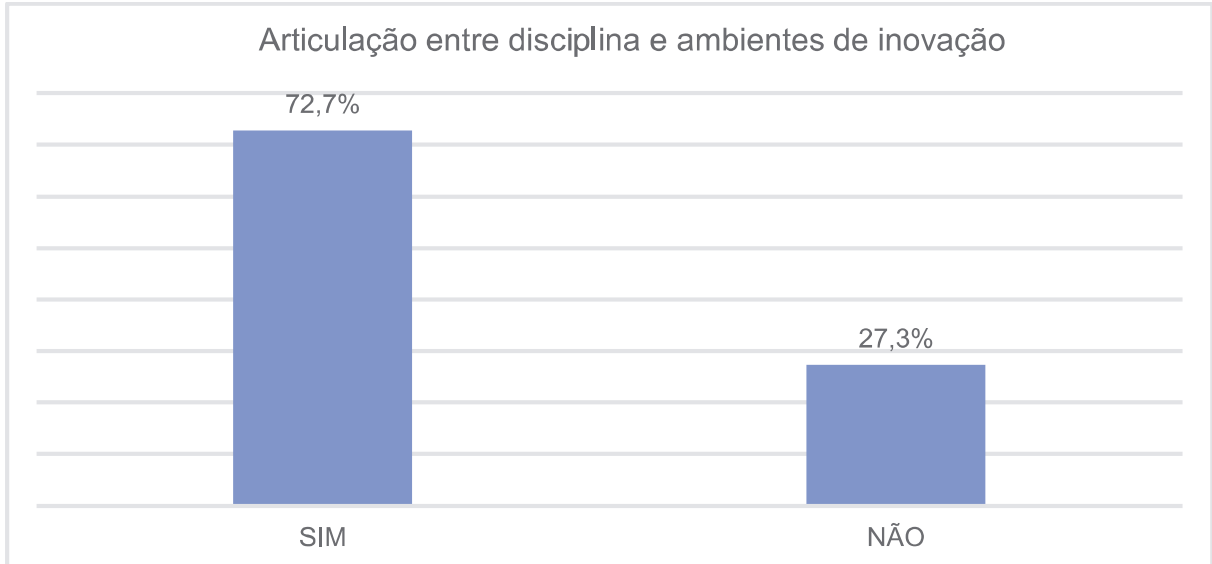
Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa.

Quanto ao interesse dos alunos pela disciplina, 54,5% dos docentes avaliam que os alunos demonstram alto interesse, enquanto 45,5% consideram que o interesse é médio, indicando receptividade discente, ainda que com possibilidade de maior engajamento.

A articulação entre a disciplina e os ambientes de inovação foi reconhecida por 72,7% dos professores, enquanto 27,3% afirmaram que essa articulação não ocorre, conforme explicitado no Figura 4. No que se refere ao trabalho interdisciplinar, 72,7% dos docentes afirmaram que a disciplina é desenvolvida de forma interdisciplinar, enquanto 27,3% discordam dessa percepção. Esses dados sugerem avanços na

integração curricular, embora ainda não de forma plenamente homogênea entre os docentes.

Figura 4 - Gráfico Reconhecimento da articulação disciplina x ambientes de inovação.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa.

Sobre o ambiente institucional, 72,7% dos professores consideram que ele favorece parcialmente o ensino do empreendedorismo, enquanto 27,3% avaliam que favorece plenamente, indicando que, apesar de existir apoio institucional, há limitações estruturais e organizacionais que impactam a prática pedagógica.

Pacheco (2010) entende que os Institutos Federais se configuram como uma política pública voltada ao desenvolvimento local e regional, articulando ensino, pesquisa e extensão. Essa nova institucionalidade busca integrar formação profissional, produção de conhecimento e atendimento às demandas sociais, contribuindo para o desenvolvimento econômico e social das regiões onde estão inseridos.

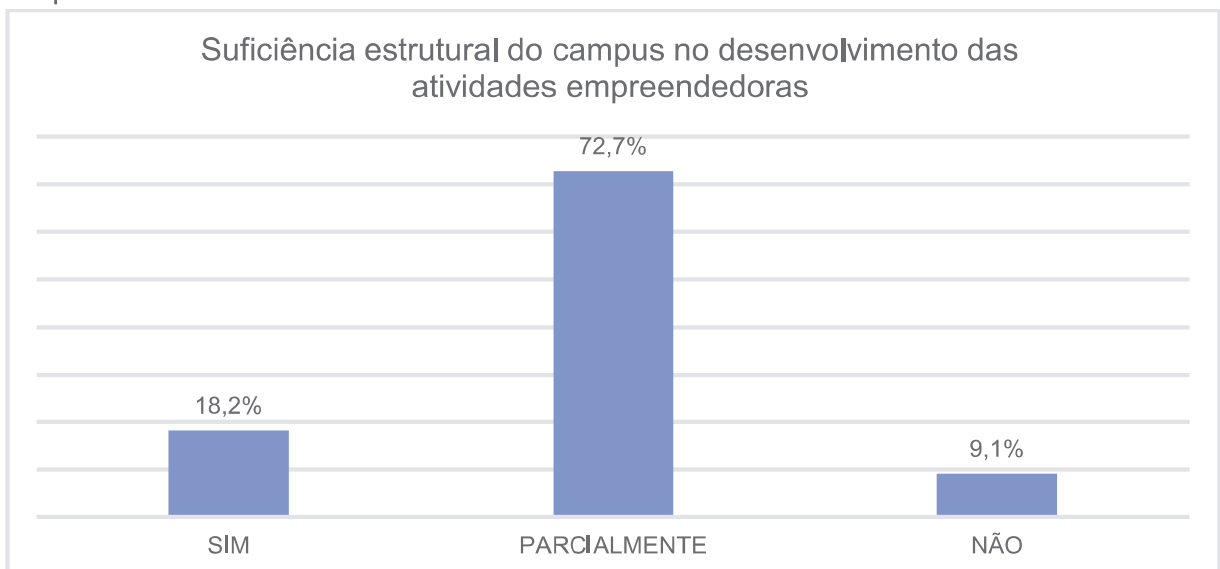
Em relação à participação dos professores em ações da incubadora junto aos alunos, 54,5% afirmaram já ter participado, enquanto 45,5% não tiveram essa experiência, o que evidencia a necessidade de ampliar essa aproximação. Quanto às avaliações da disciplina, 60% dos docentes afirmam que elas privilegiam a prática empreendedora, e 40% consideram que isso ocorre de forma parcial, nesse caso, somente dez docentes responderam à pesquisa.

O incentivo institucional a projetos integradores com foco em inovação apresentou respostas distribuídas: 40% afirmaram que existe incentivo, 30%

consideram que ocorre parcialmente e 30% afirmaram que não há incentivo, demonstrando ausência de consenso e possível fragilidade institucional nesse aspecto. Para essa questão houve resposta somente de dez docentes.

No que se refere à estrutura do campus para o desenvolvimento de atividades empreendedoras, 72,7% consideram que ela é parcialmente suficiente, 18,2% afirmam que é suficiente e 9,1% avaliam que não é suficiente, conforme informações contidas no Figura 5. Apesar disso, 66,7% dos professores reconhecem a incubadora como parceira ativa no processo formativo, enquanto 33,3% a consideram parcialmente ativa, reforçando o papel estratégico desse ambiente na formação empreendedor. Novamente, aqui, apenas nove docentes responderam a pergunta.

Figura 5 - Gráfico Suficiência da estrutura do campus para desenvolver atividades empreendedoras.



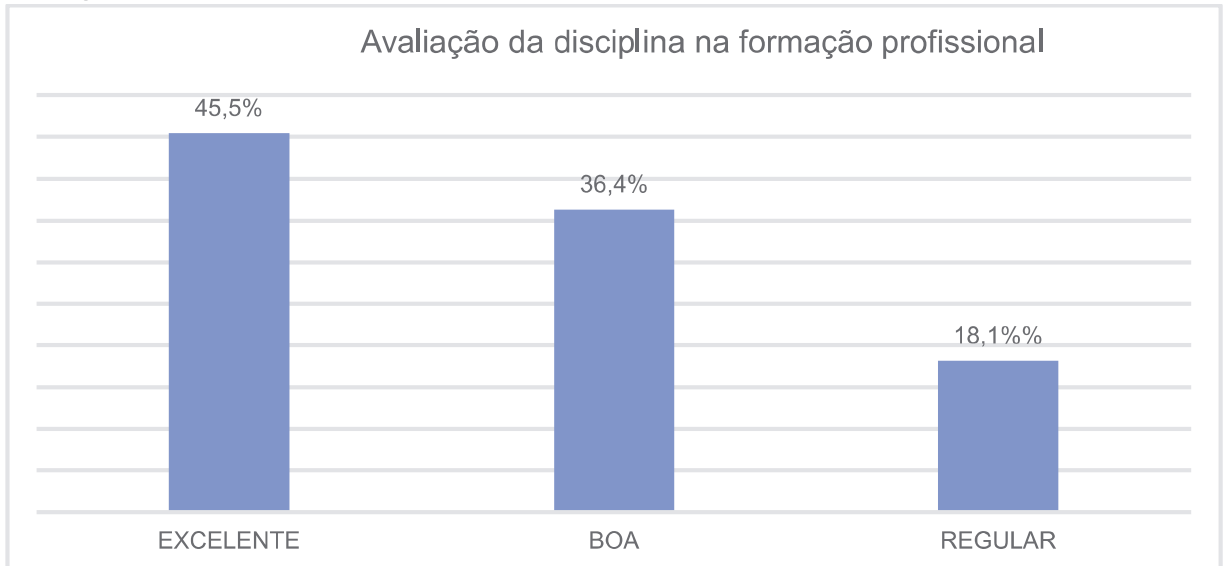
Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa.

Quanto ao desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos, 81,8% dos professores afirmam que o ensino de empreendedorismo promove esse desenvolvimento, enquanto 18,2% avaliam que isso ocorre parcialmente. Em relação à contextualização dos conteúdos, 80% consideram que a disciplina contempla aspectos da realidade regional e local, e 20% entendem que isso ocorre de forma parcial, onde apenas dez docentes avaliaram a questão.

Sobre os resultados gerais da disciplina, 54,5% dos docentes avaliam como satisfatórios, enquanto 45,5% consideram parcialmente satisfatórios. Já a avaliação da disciplina no contexto da formação profissional dos alunos foi considerada excelente por 45,5%, boa por 36,4% e regular por 18,1%, evidenciando uma

percepção globalmente positiva, embora com espaço para melhorias, conforme evidenciado no Figura 6.

Figura 6 - Gráfico Avaliação da disciplina no contexto da formação profissional.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa.

Nas respostas abertas, os professores apontaram um amplo conjunto de competências empreendedoras observadas nos alunos ao final da disciplina, incluindo habilidades de negociação, oratória, trabalho em equipe, criatividade, iniciativa, proatividade, planejamento, liderança, inovação, visão de futuro, inteligência emocional, orientação ao mercado, resolução de problemas, comunicação, eficiência e busca por informações. Essas competências reforçam o caráter formativo e transversal do ensino de empreendedorismo.

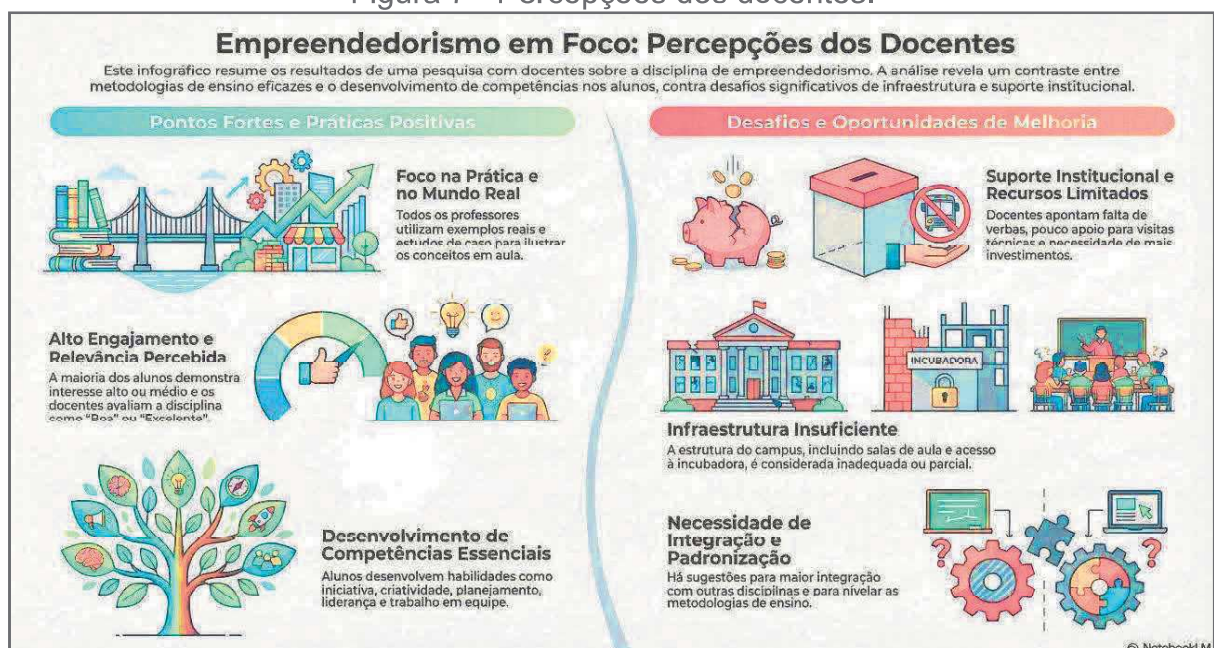
Os docentes também relataram experiências de articulação da disciplina com ambientes de inovação por meio de visitas técnicas, eventos com empreendedores, feiras de empreendedorismo, oficinas e palestras. A maioria afirmou já ter participado de projetos integradores com foco em inovação e empreendedorismo, destacando feiras, desafios de ideias e parcerias com outras disciplinas e instituições, como o SEBRAE. Fraga (2012) destaca que “a ideia de transferência de conhecimento sempre esteve presente na relação entre universidade e sociedade (...) está na origem do termo extensão (...) e segue presente em toda a sua trajetória histórica até os dias de hoje”.

Entre as sugestões para ampliar o impacto da disciplina, os professores destacaram a necessidade de maior envolvimento de docentes de outras áreas,

melhor organização do calendário acadêmico, ampliação de atividades integradoras, adequação da carga horária, fortalecimento do viés comportamental do empreendedorismo e maior utilização da incubadora, inclusive no período noturno. Nesse sentido, Fiorin, Mello e Machado (2010), observam que o empreendedorismo pode ser visto como um caminho de criação e inovação, no qual ideias ganham forma com o objetivo de gerar valor e melhorar a vida das pessoas e da sociedade. Ele envolve, sobretudo, a capacidade de perceber oportunidades no dia a dia — seja ao desenvolver algo novo, explorar mercados ainda pouco atendidos ou encontrar maneiras diferentes e mais eficientes de produzir.

A avaliação da infraestrutura e dos recursos disponíveis foi considerada regular ou satisfatória, porém com necessidade de melhorias, especialmente em salas de aula, materiais didáticos, recursos financeiros e apoio institucional às atividades práticas. Por fim, os docentes sugeriram mudanças curriculares e metodológicas, que podem ser observadas na Figura 7, como atualização dos conteúdos para o empreendedorismo digital, uso de metodologias mais modernas, maior integração com outras disciplinas, criação de Empresa Júnior, laboratório de empreendedorismo, projetos de extensão e revisão dos PPCs das disciplinas de Empreendedorismo e Inovação.

Figura 7 - Percepções dos docentes.



Fonte: Elaborado pelo autor com o auxílio de Inteligência Artificial (NotebookLM) a partir dos dados da pesquisa (2026)

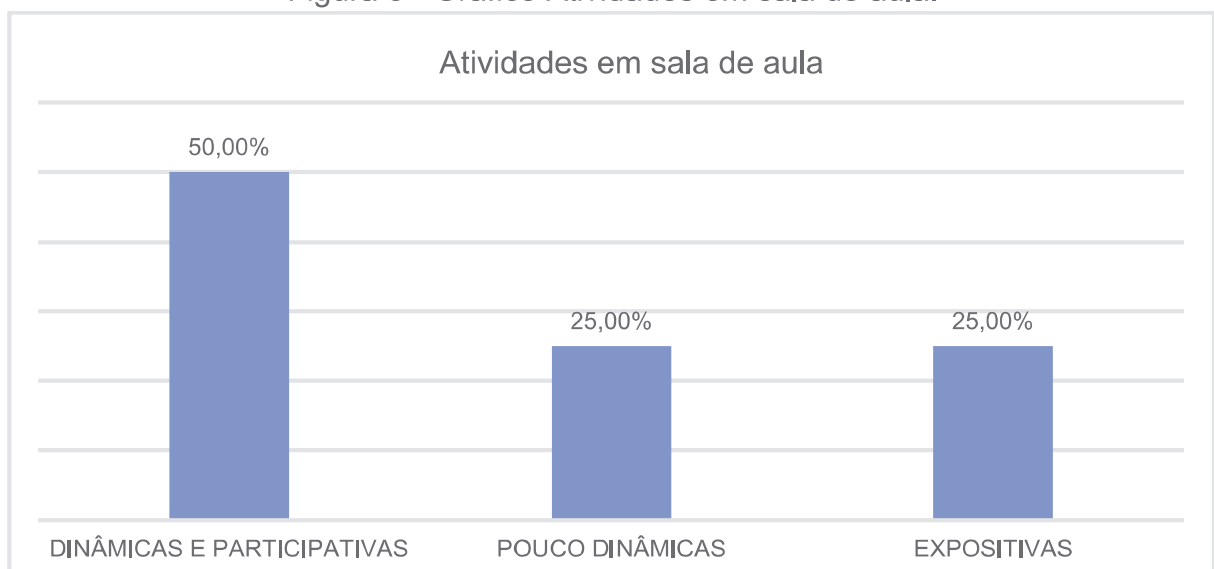
Os resultados da pesquisa dos questionários aplicados aos discentes ativos trazem as percepções em relação aos três cursos analisados, bacharelado em Administração, Tecnologia em Logística e Técnico Subsequente em Administração, de modo que a análise está separada para esses cursos.

O tema das competências tem estado em evidência na literatura sobre empreendedorismo. No entanto, a apropriação do conceito carece de maiores discussões, sendo conveniente restabelecer e reforçar algumas conexões (...) que fornecem base interpretativa. (...) que possa auxiliar esforços de pesquisa (...) voltados às competências empreendedoras. (Zampier; Takahashi; Fernandes, 2012, p. 101).

Em relação ao curso de Bacharelado em Administração, responderam o questionário apenas quatro alunos, os principais resultados são que o grupo está distribuído equitativamente entre as faixas etárias de 18-30 anos (50%) e 31-50 anos (50%).

Quanto as percepções pedagógicas e metodológicas, as principais conclusões são que há unanimidade em afirmar que as aulas são predominantemente teóricas e que as percepções sobre a dinâmica das aulas, considerando o Figura 8, divergem: 50% consideram as atividades dinâmicas e participativas, 25% as classificaram como pouco dinâmicas e 25% definiram o formato como apenas expositivo.

Figura 8 - Gráfico Atividades em sala de aula.

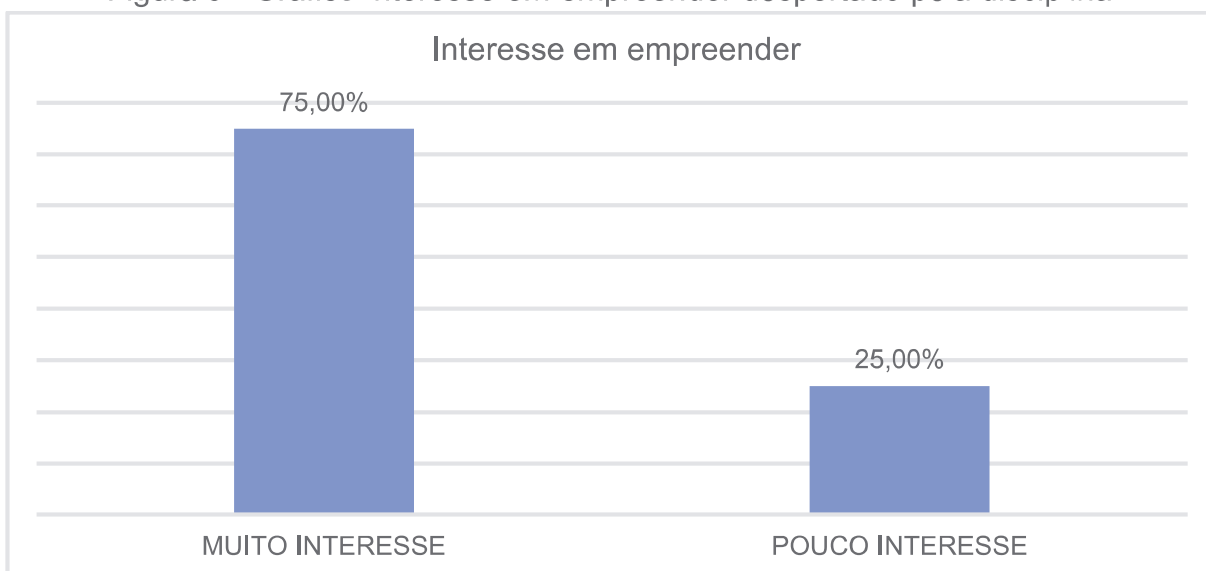


Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa.

A Figura 9, no que tange ao interesse, indica que a disciplina demonstra eficácia motivacional, pois 75% dos respondentes afirmaram que ela despertou "muito" interesse em empreender, enquanto apenas 25% declararam "pouco" interesse.

Adicionalmente, 100% dos alunos confirmaram que a carga horária foi suficiente e que o conteúdo os ajudou a compreender a elaboração de um plano de negócios, sendo considerado atualizado e coerente com o mercado de trabalho por todos os participantes.

Figura 9 - Gráfico Interesse em empreender despertado pela disciplina.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa.

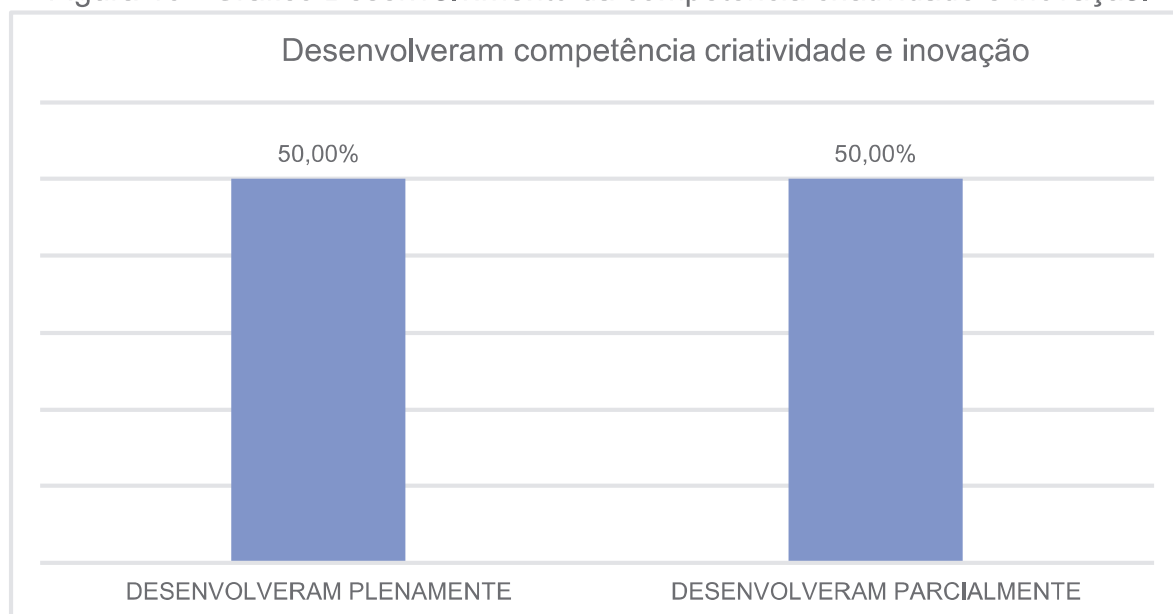
Dessa forma, Zampier e Takahashi (2011) asseveram que os empreendedores são pessoas que se destacam por seu perfil inovador, pela atitude proativa e pela habilidade de reconhecer novas oportunidades. (...) Diante disso, torna-se fundamental compreender como se desenvolvem, ao longo do tempo, as competências empreendedoras e os processos de aprendizagem que dão suporte a esse desenvolvimento.

Quando se fala em desenvolvimento de competências, o cenário é que, em relação à criatividade e inovação, a Figura 10 demonstra que 50% dos alunos sentem que desenvolveram plenamente essas competências, enquanto os outros 50% afirmam ter desenvolvido apenas parcialmente. Em relação à liderança, 50% têm percepção de desenvolvimento pleno e 50% parcial. Já ao abordar a integração curricular, a integração com outras disciplinas do curso e a relação com a realidade local foram reconhecidas por 100% dos alunos, indicando que a disciplina não está isolada na matriz curricular do Bacharelado.

A relação dos discentes com os ambientes de inovação do IFAC apresenta lacunas importantes: conhecimento dos ambientes, existe uma divisão exata, onde

50% afirmam conhecer os espaços de inovação da instituição e 50% declaram desconhecê-los, portanto, para enfrentar esse problema, não basta apenas divulgar mais, mas sim divulgar melhor e de forma mais próxima da realidade dos alunos, é preciso ir além de comunicados formais e criar ações que realmente envolvam os estudantes.

Figura 10 - Gráfico Desenvolvimento da competência criatividade e inovação.

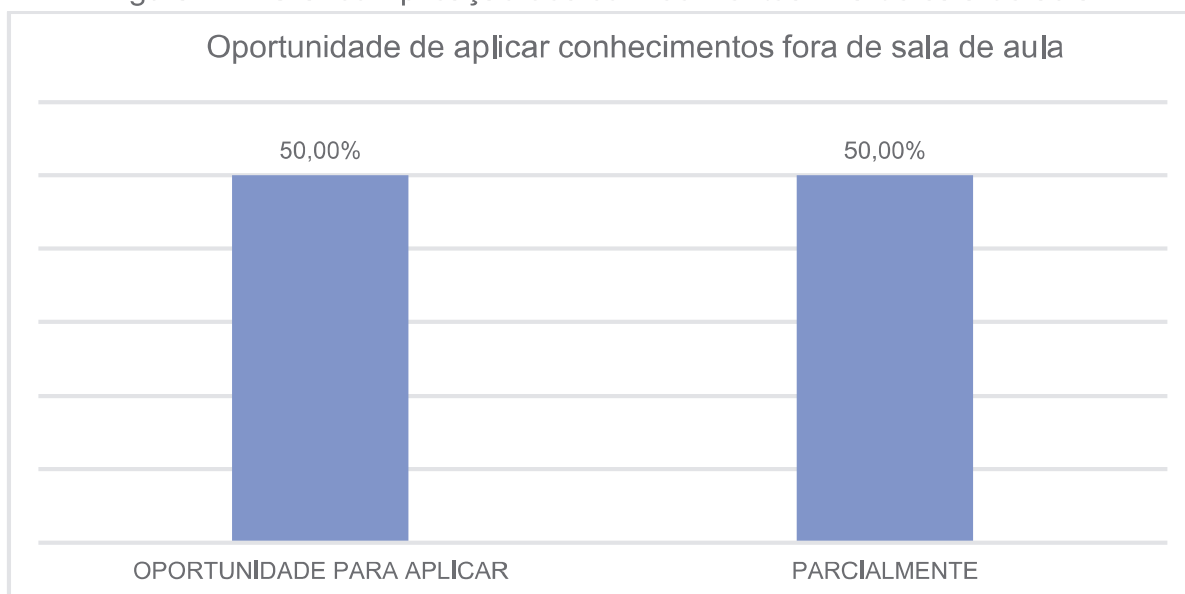


Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa.

Ao mesmo tempo, a instituição precisa fortalecer uma cultura que valorize a participação dos alunos, mostrando, na prática, como esses ambientes podem fazer diferença na formação e no futuro profissional. Assim, mais do que separar divulgação de interesse, é importante entender que, quando a divulgação é feita de maneira mais significativa, ela naturalmente desperta o interesse e aumenta o envolvimento dos estudantes.

Quanto a participação efetiva de ações vinculada à incubadora, de forma crítica, nenhum dos alunos participou de qualquer ação vinculada à incubadora do IFAC. A Figura 11 indica que, mesmo sem essa participação institucional direta, 50% dos alunos acreditam que há oportunidade de aplicar os conhecimentos fora da sala de aula, e outros 50% veem essa possibilidade de forma parcial. Além disso, 100% dos respondentes concordam que o ambiente do IFAC favorece a inovação e que a instituição incentiva o empreendedorismo de forma efetiva.

Figura 11 - Gráfico Aplicação dos conhecimentos fora de sala de aula.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa.

Nesse contexto, Monteiro e Teles (2024, p. 1040) apud Santos e Pereira (2022), corroboram com o favorecimento da inovação e empreendedorismo dos IFs, afirmando que:

os IFs possuem um papel crucial no desenvolvimento de novos produtos, serviços ou processos derivados de Inovações Tecnológicas e isso ocorre pelo impacto direto que essas instituições provocam em seus alunos, servidores e comunidades que os envolvem, por meio de um clima e uma cultura de inovação e empreendedorismo.

A avaliação geral da disciplina foi positiva, com 75% classificando-a como "boa" e 25% como "excelente". Contudo, ao serem questionados sobre o que poderia ser melhorado, o desejo por uma transição do modelo teórico para o prático é quase absoluto. As sugestões qualitativas reforçam a necessidade de vivência de mercado, como "ter mais práticas e visitas técnicas para o aluno vivenciar como funciona no mercado de trabalho" bem como "mais atividades práticas para aplicar as teorias".

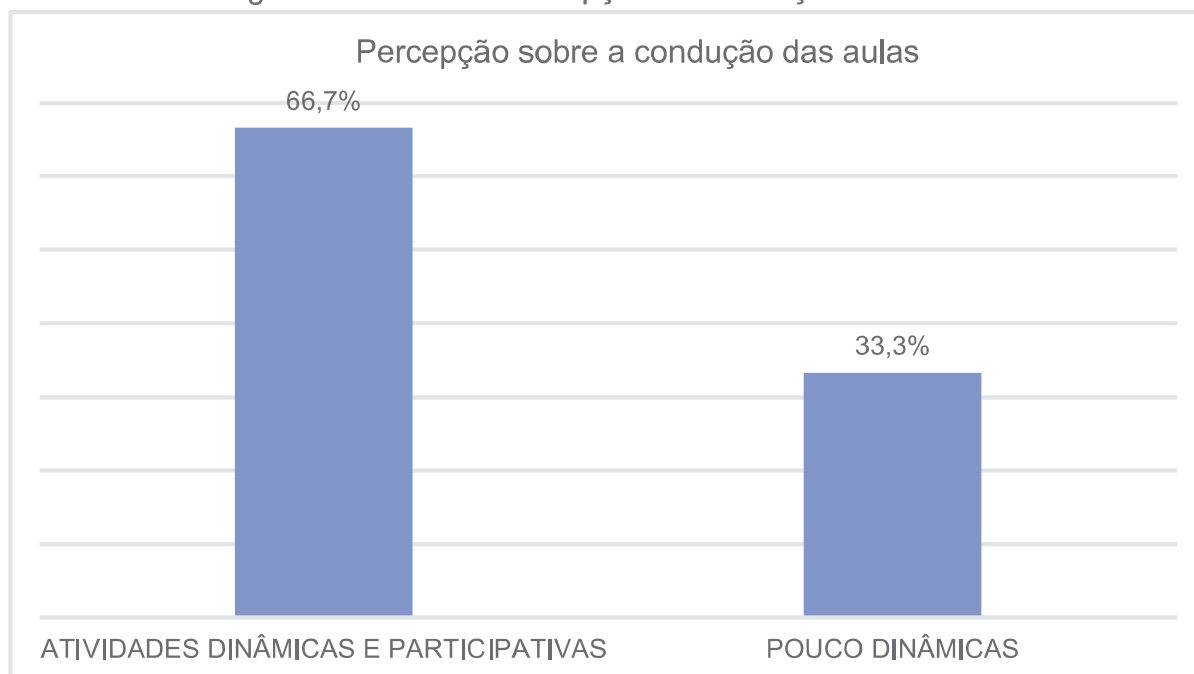
A análise dos dados do Bacharelado em Administração revela uma dicotomia: embora o IFAC ofereça um ambiente teoricamente favorável e conteúdos atualizados, a prática pedagógica permanece ancorada na teoria, com 0% de engajamento dos alunos com a incubadora. Para o ProfEPT, isso sinaliza a necessidade de fortalecer a indissociabilidade entre teoria e prática, transformando a disciplina em um laboratório real que conecte o futuro administrador às demandas práticas do ecossistema empreendedor local.

Schmidt e Dreher (2008) sintetizam que a cultura empreendedora é essencial por traduzir a própria essência do empreendedorismo, podendo se expressar de diferentes maneiras com o objetivo de promover resultados inovadores e sustentáveis nas organizações. Sua disseminação contribui para o fortalecimento de arranjos produtivos e estimula a inovação de forma contínua.

Quando aplicado o questionário aos discentes do Curso Técnico Subsequente em Administração, na qual responderam a pesquisa apenas três alunos, tem-se o perfil dos alunos com 100% na faixa dos 18 a 30 anos, encaixando-se na faixa etária mais baixa dos grupos pesquisados.

Em relação a dinâmica pedagógica e conteúdo curricular, as respostas foram assim distribuídas: A totalidade dos alunos deste curso (100%) classificou as aulas como predominantemente teóricas. Na Figura 12, os alunos comentaram a percepção sobre a condução das aulas, e, a maioria, ou seja, 66,7% entendeu que: as atividades foram dinâmicas e participativas, enquanto 33,3% as avaliaram como pouco dinâmicas.

Figura 12 - Gráfico Percepção da condução das aulas.

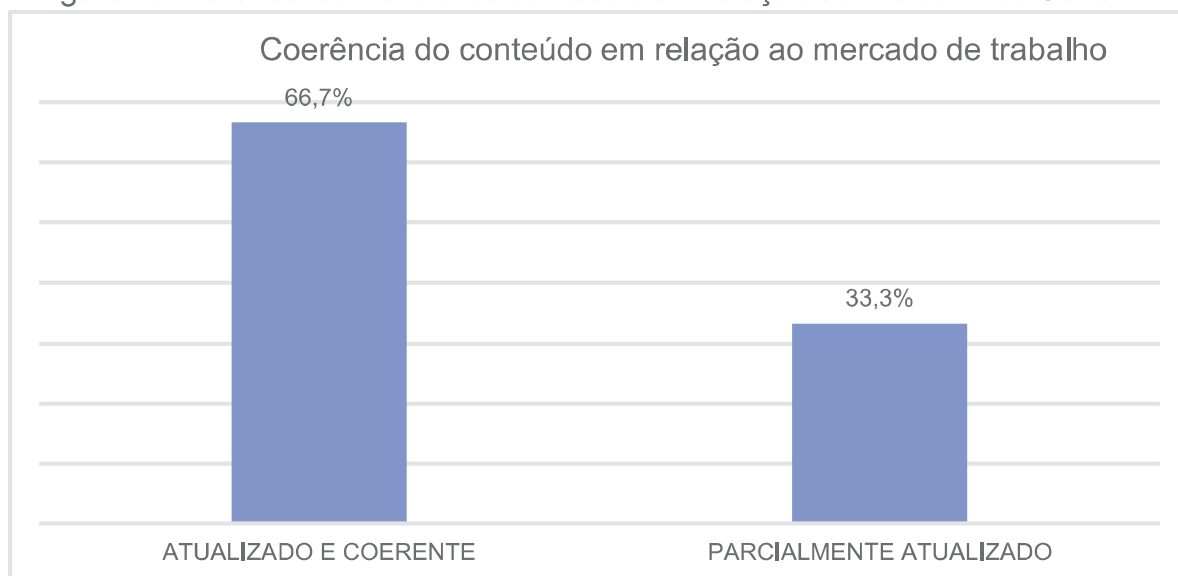


Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa.

Quanto à relevância do conteúdo, os resultados demonstram uma alta eficácia técnica da disciplina: 100% dos alunos afirmam que a disciplina ajudou a compreender o que é um plano de negócios; 100% consideram que a carga horária foi suficiente,

100% percebem que as atividades se relacionaram com a sua realidade local. A Figura 13 contém as informações sobre a percepção dos discentes quanto a atualização do conteúdo em relação ao mercado, indicando que para 66,7% o conteúdo é atualizado e coerente com o mercado, enquanto 33,3% possuem uma percepção parcial dessa atualização.

Figura 13 - Gráfico Coerência do conteúdo em relação ao mercado de trabalho.

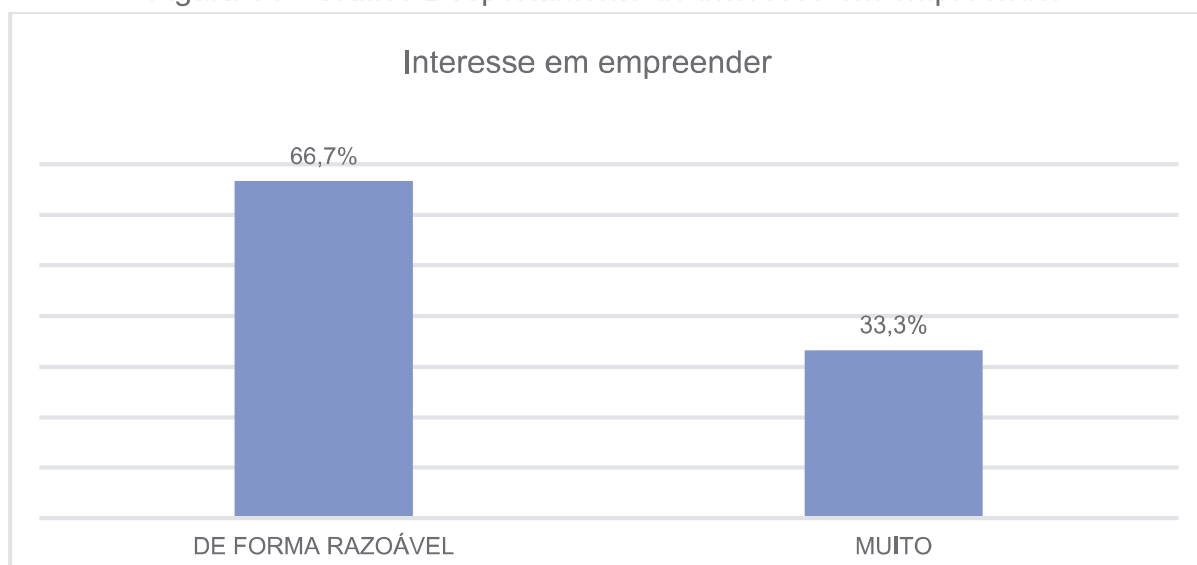


Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa.

Sobre o desenvolvimento de competências e integração, as conclusões foram que sob a ótica da formação integral, os alunos do Técnico Subsequente apresentam um alto índice de aproveitamento subjetivo, sendo que 100% dos respondentes sentem que desenvolveram competências de criatividade, inovação e liderança. Apesar desse desenvolvimento individual, a integração com outras disciplinas do curso não é unânime, sendo confirmada por 66,7% dos alunos, enquanto 33,3% não perceberam essa transversalidade.

O interesse em empreender está explicitado na Figura 14, pois despertou o interesse em empreender de forma "razoável" em 66,7% dos respondentes e "muito" para 33,3%, apenas 66,7% dos discentes de fato já pensaram em abrir um negócio próprio. A relação deste grupo com a infraestrutura de inovação da instituição revela dados interessantes, 100% dos alunos afirmam conhecer os ambientes de inovação do IFAC, 33,3% já participaram de ações vinculadas à incubadora, o que representa o maior índice de engajamento prático entre os cursos analisados na pesquisa.

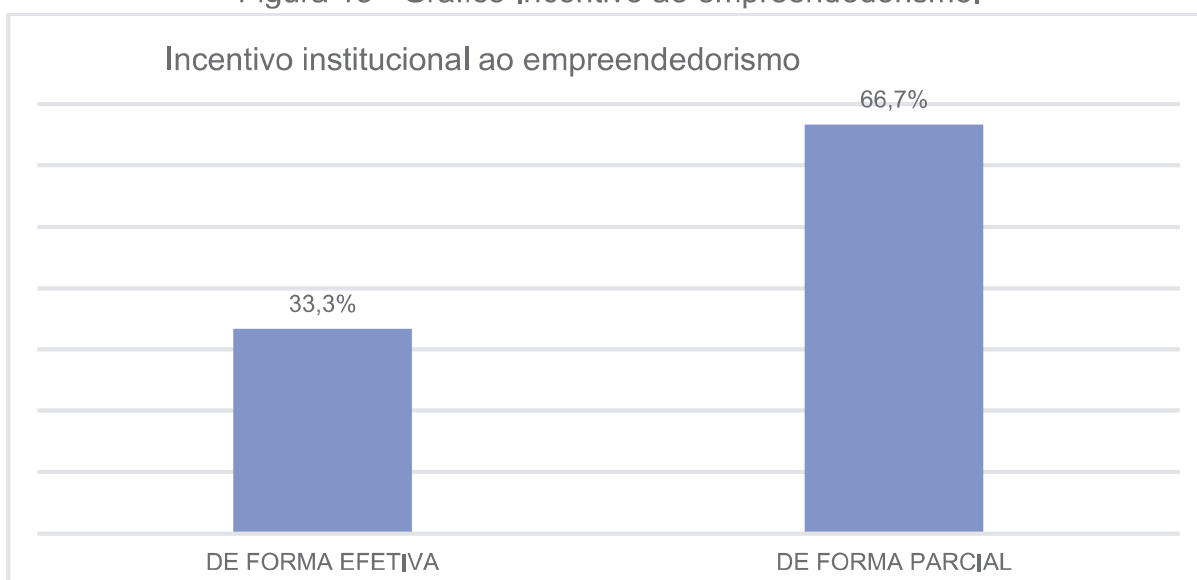
Figura 14 - Gráfico Despertamento do interesse em empreender.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa.

Contudo, a Figura 15 indica a percepção sobre o incentivo institucional como sendo cautelosa: apenas 33,3% acreditam que o IFAC incentiva o empreendedorismo de forma efetiva, enquanto 66,7% avaliam esse incentivo como parcial. Sobre o ambiente favorecer a inovação, 66,7% concordam totalmente e 33,3% concordam parcialmente.

Figura 15 - Gráfico Incentivo ao empreendedorismo.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa.

A avaliação global da disciplina foi de 100% como "Boa". Entretanto, as respostas abertas trazem contribuições cruciais para a superação do modelo estritamente teórico como a necessidade de o ensino ser "realista de acordo com o

comércio local", pontuando que a realidade comercial de Rio Branco é limitada e precisa ser considerada na teoria, a sugestão de criação de feiras de empreendedorismo internas no campus, onde os alunos possam criar empresas em grupo e realizar vendas reais, permitindo "vivenciar a experiência de empreender" fora da teoria. Nesse sentido, destaca-se que:

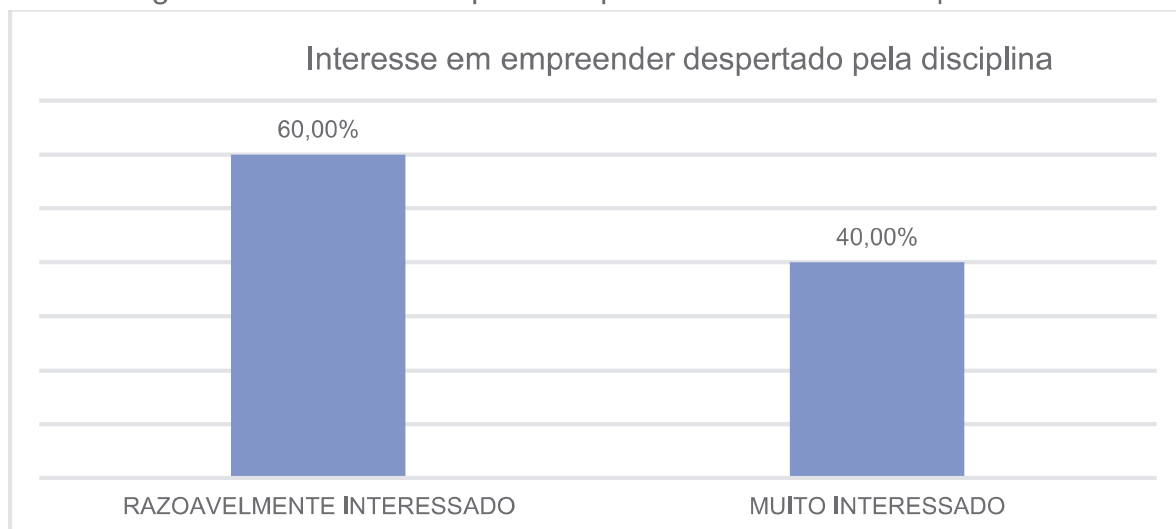
O empreendedorismo social poderá constituir um novo paradigma de desenvolvimento, focando-se na resolução sustentável de problemas sociais através do envolvimento em parceria de diversas entidades [...] trazendo-lhes mais-valias duradouras. (Carvalho; Reis, 2011, p. 195).

Os dados do Técnico Subsequente em Administração revelam um grupo que, embora satisfeito, identifica um hiato entre o conteúdo pedagógico e as limitações do mercado local. A experiência positiva de participação na incubadora por parte dos alunos sugere que o caminho para a eficiência da disciplina passa pela institucionalização de feiras e laboratórios de práticas reais, reduzindo a carga puramente expositiva relatada por todos os participantes do grupo.

Em relação ao grupo dos alunos do Curso Superior de Tecnologia em Logística, o perfil deles indica que 80% possuem entre 18 e 30 anos e 20% situam-se na faixa de 31 a 50 anos. Nesse segmento, os discentes que responderam ao questionário foram cinco.

No quesito percepções metodológicas e engajamento, no que tange à natureza das aulas, há uma concordância absoluta: 100% dos discentes classificaram a disciplina como predominantemente teórica. Paradoxalmente, apesar da carga teórica, 100% dos respondentes consideraram as atividades em sala como "dinâmicas e participativas". O interesse despertado pela disciplina em relação ao ato de empreender variou entre o grupo: 60% dos alunos declararam-se "razoavelmente" interessados, enquanto 40% afirmaram estar "muito" interessados, como demonstrado na Figura 16 Quanto à eficácia pedagógica, 100% dos alunos confirmaram que a disciplina os auxiliou a compreender o que é um plano de negócios e consideraram a carga horária suficiente para os objetivos propostos. Neste sentido, "para desenvolver e ampliar as competências empreendedoras dos indivíduos [...] não há desenvolvimento sem aprendizagem, e esta se constitui uma evolução necessária da aquisição de competências." (Zampier; Takahashi, 2011, p. 565).

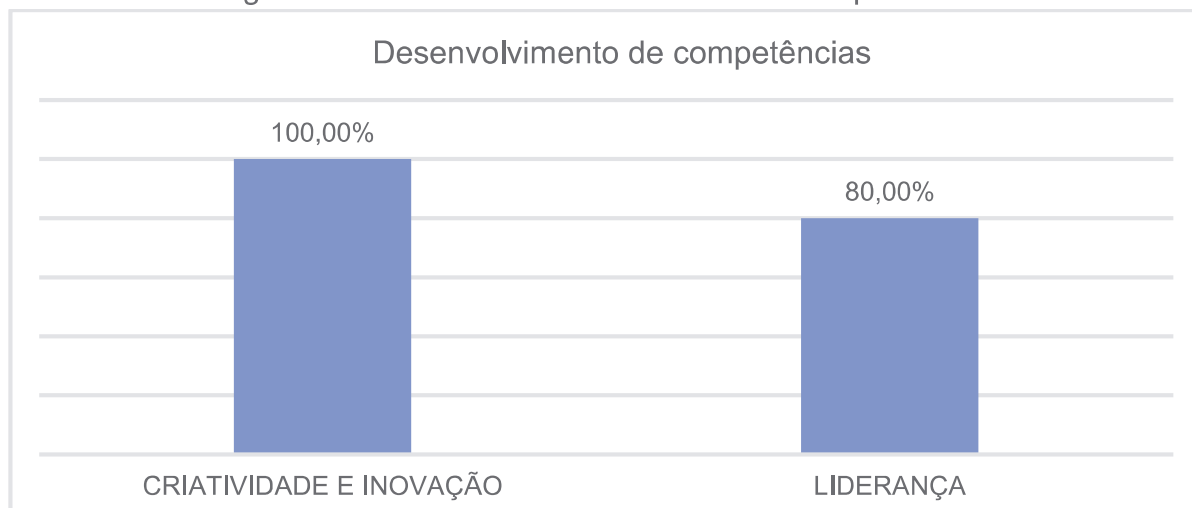
Figura 16 - Gráfico Disciplina despertou interesse em empreender.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa.

A Figura 17 analisa o desenvolvimento de competências e integração curricular, os resultados indicaram as seguintes competências: criatividade e inovação, 100% dos alunos sentem que desenvolveram essas competências; liderança: 80% afirmam que a disciplina desenvolveu sua capacidade de liderança, enquanto 20% percebem esse desenvolvimento de forma parcial; e integração: 100% dos discentes reconheceram que as atividades se relacionaram com a realidade local e que houve integração com outras disciplinas do curso de Logística. A coerência do conteúdo com o mercado de trabalho foi validada por 80% do grupo, com 20% indicando uma percepção de atualização apenas parcial. Cabe destacar que 60% dos alunos já pensaram em abrir um negócio próprio.

Figura 17 - Gráfico Desenvolvimento de competências.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa.

Sobre a ótica da inovação e infraestrutura institucional, as conclusões foram que, embora 100% dos alunos conheçam os ambientes de inovação do IFAC, existe um hiato crítico na utilização desses espaços: nenhum dos respondentes participou de qualquer ação vinculada à incubadora da instituição. Sobre o papel institucional, 60% acreditam que o IFAC incentiva o empreendedorismo de forma efetiva, enquanto 40% veem esse incentivo como parcial, 80% concordam que o ambiente da instituição favorece a inovação, contra 20% que concordam apenas parcialmente. A oportunidade de aplicar conhecimentos fora da sala de aula é vista como plena por 60% dos alunos, ao passo que 40% a enxergam de forma parcial.

A avaliação global da disciplina neste curso é a mais alta entre os grupos pesquisados: 80% dos alunos classificaram-na como "Excelente" e 20% como "Boa", como indica a Figura 18. No entanto, as sugestões de melhoria revelam uma forte demanda por territorialização e prática logística. As principais propostas dos discentes incluem que a disciplina deve considerar o ambiente econômico e a situação logística da região Norte, focando em desafios reais do mercado local; a necessidade de acesso a espaços criativos e laboratórios no período noturno, além de visitas técnicas presenciais em empresas que desenvolvem o empreendedorismo no estado; o uso de tecnologias, sistemas, estudos de caso reais e simulações de negócios para aproximar o conteúdo da realidade profissional; e maior interação direta com empreendedores locais e aulas práticas para aplicar as teorias estudadas.

Figura 18 - Gráfico Avaliação global da disciplina.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa.

Os resultados do curso de Logística demonstram que, embora a satisfação com a disciplina seja elevada, existe um clamor por uma "Logística Empreendedora" que saia da teoria expositiva. A ausência total de participação na incubadora, contrastada com o conhecimento do espaço, sugere que as ações de inovação precisam ser mais acessíveis ao turno noturno e mais conectadas aos gargalos logísticos regionais, cumprindo assim o papel da EPT de promover o desenvolvimento socioeconômico local através da práxis. A Figura 19 traz as percepções dos discentes do curso de logística.

Figura 19 - Percepção discente.



### 4.3 Percepção dos coordenadores sobre o ensino do empreendedorismo e dos ambientes de inovação na formação

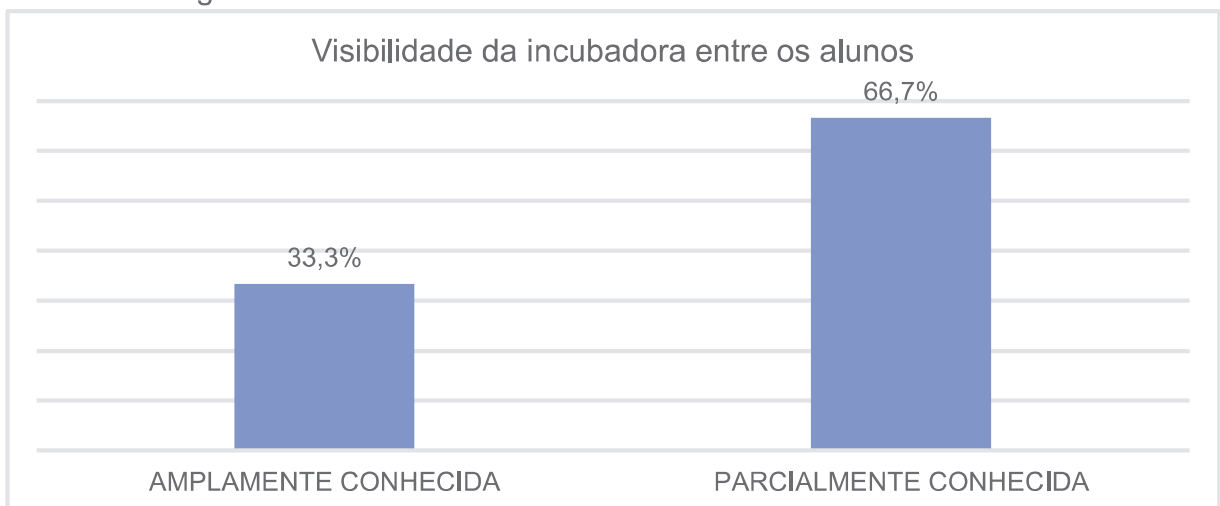
Os resultados da pesquisa aplicada aos coordenadores da incubadora evidenciam aspectos relevantes sobre a organização, o funcionamento e o papel desse ambiente de inovação na articulação com o ensino do empreendedorismo no Campus Rio Branco. Observa-se, inicialmente, que, nesse grupo apenas três coordenadores foram selecionados para responder o questionário, e, que 100% dos respondentes são docentes, o que indica que a coordenação da incubadora está diretamente vinculada às atividades acadêmicas. O tempo de atuação na função apresentou distribuição equilibrada, sendo 33,3% com menos de um ano, 33,3% entre

um e três anos e 33,3% com mais de três anos, o que demonstra a coexistência de diferentes níveis de experiência na gestão do ambiente de inovação.

No que se refere à articulação institucional, 100% dos coordenadores, ou seja, os três respondentes afirmaram desenvolver ações junto aos cursos do eixo tecnológico Gestão e Negócios, evidenciando alinhamento formal com esse eixo formativo. Entretanto, quando analisada a visibilidade da incubadora entre os alunos, apenas um coordenador considera que a incubadora é amplamente conhecida, enquanto dois coordenadores avaliaram que esse conhecimento ocorre de forma parcial, conforme demonstra a Figura 20. Esse resultado aponta fragilidades na divulgação e na aproximação sistemática com os estudantes, limitando o reconhecimento da incubadora como espaço formativo estratégico.

A importância da educação empreendedora para o desenvolvimento de uma nação tem sido reconhecida em diversos países. Nas últimas décadas, estudos sobre empreendedorismo avançaram em termos de visibilidade e importância, porém o tema da educação empreendedora ainda carece de uma discussão mais sólida, que auxilie no seu amadurecimento, norteammento e disseminação de forma mais eficaz. (Schaefer; Minello, 2016, p. 60).

Figura 20 - Gráfico Visibilidade da incubadora entre os alunos.



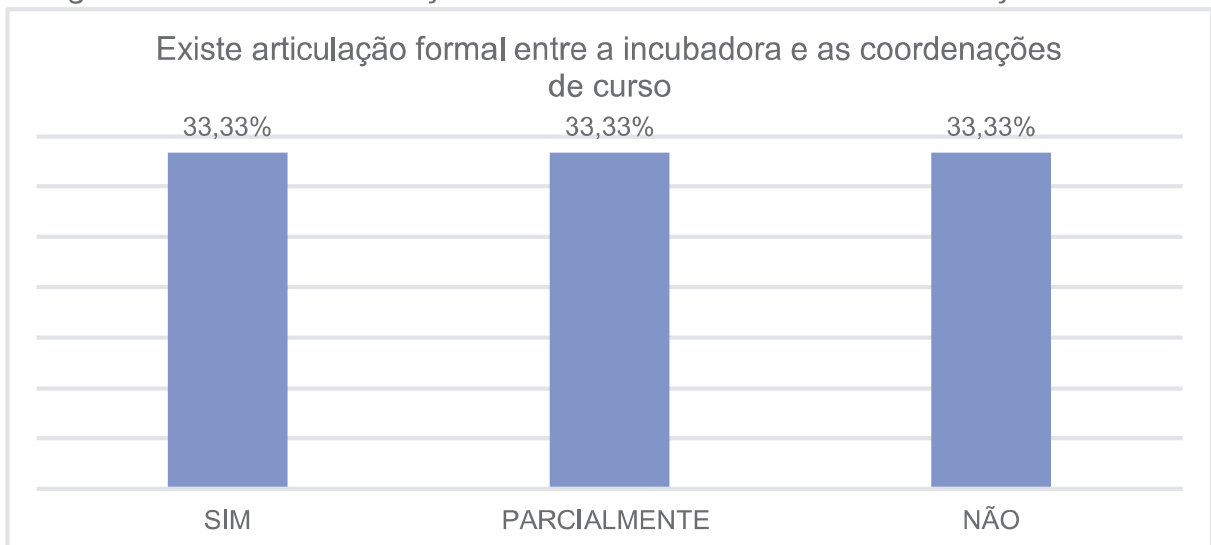
Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa.

Em relação à promoção de ações voltadas aos alunos, um afirmou que essas ações ocorrem regularmente, enquanto dois indicaram que são promovidas de forma ocasional. Apesar dessa limitação, dois deles avaliaram que os alunos participam com frequência das ações, e um considerou essa participação como moderada. Quando a análise se restringe aos alunos do eixo Gestão e Negócios, apenas um dos coordenadores apontou participação ativa, ao passo que dois deles avaliaram essa

participação como parcial, sugerindo que a integração com esse público ainda pode ser aprofundada.

No âmbito da articulação pedagógica, todos os três coordenadores (100%) indicaram que a parceria entre a incubadora e os docentes das disciplinas de empreendedorismo ocorre de forma parcial. A Figura 21 demonstra que a articulação formal entre a incubadora e as coordenações de curso apresentou respostas distribuídas igualmente: um deles afirmou que existe articulação, outro disse que não existe e o terceiro entrevistado considerou que ocorre parcialmente. Esses dados evidenciam um desafio institucional na consolidação da incubadora como extensão estruturada do processo formativo.

Figura 21 - Gráfico Articulação formal entre incubadora e coordenação de curso.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa.

Apesar dessas limitações, os coordenadores reconhecem de forma significativa a contribuição pedagógica da incubadora. Para dois dos respondentes, a incubadora contribui efetivamente para a aplicação prática dos conteúdos trabalhados nas disciplinas de empreendedorismo, enquanto o outro coordenador entendeu que essa contribuição ocorre de forma parcial. No que se refere à participação discente nas ações da incubadora, dois coordenadores avaliaram essa participação como alta, ao passo que um considerou baixa. Destaca-se que os três coordenadores reconhecem que a incubadora contribui para o desenvolvimento das competências empreendedoras, reforçando seu papel como ambiente de aprendizagem ativa.

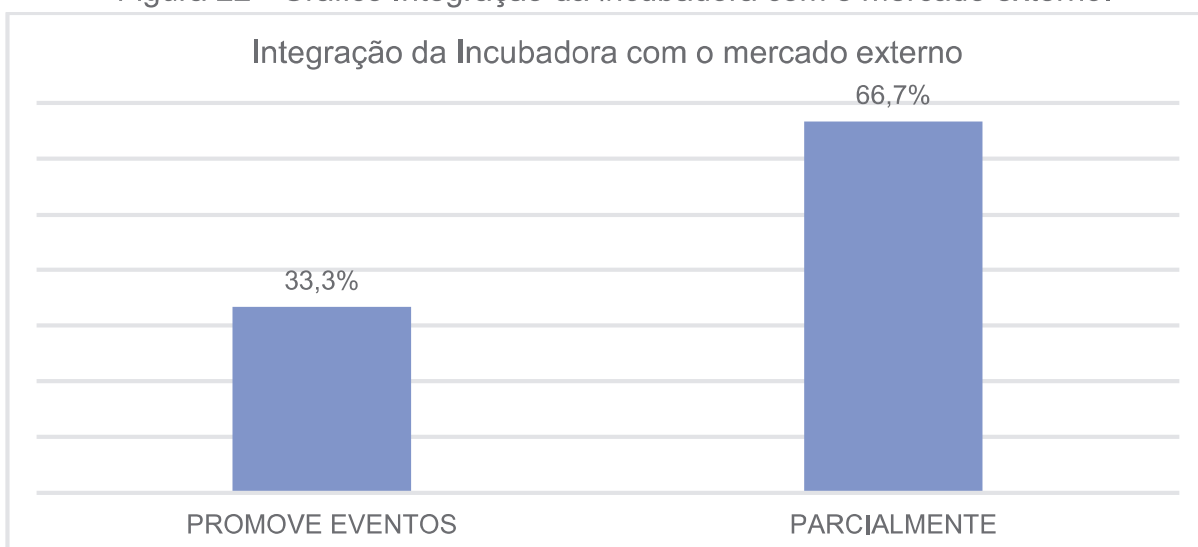
Assim, Carvalho e Reis (2011), entendem que o envolvimento de diversas organizações em parceria para a resolução de problemas e necessidades sociais

pode ser encarado como uma solução inovadora que potência práticas de empreendedorismo social. Neste âmbito, a criação de redes de cooperação envolvendo diversas entidades permite a articulação de esforços voltados à resolução de problemas sociais e à transferência de conhecimento do ensino superior para a comunidade.

Quanto à integração curricular, dois dos coordenadores afirmaram que existe integração entre a incubadora e as disciplinas curriculares, o que indica avanços nesse aspecto, embora ainda não de forma plenamente consolidada. No que diz respeito à estrutura física e organizacional, dois deles consideraram a estrutura da incubadora satisfatória, enquanto um avaliou como parcialmente satisfatória. Além disso, 100% dos respondentes, ou seja, os três coordenadores afirmaram que o ambiente disponibilizado é adequado para o desenvolvimento de suas atividades, mas também foram unânimes (100%) ao apontar a necessidade de maiores investimentos financeiros e materiais para ampliar a visibilidade e o alcance das ações.

A Figura 22 demonstra que a integração da incubadora com o mercado externo ocorre de forma limitada, uma vez que apenas um dos coordenadores afirmou que a incubadora promove eventos de integração com o mercado, enquanto dois deles indicaram que essa integração ocorre parcialmente.

Figura 22 - Gráfico Integração da incubadora com o mercado externo.



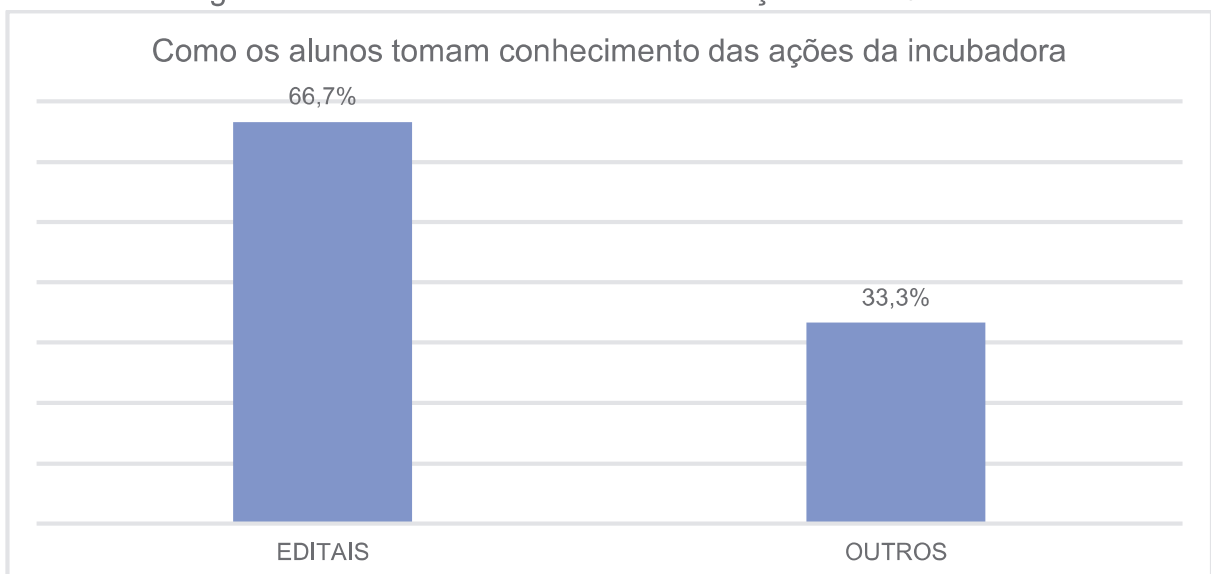
Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa.

Ainda assim, 100% dos respondentes reconhecem que a cultura empreendedora é incentivada institucionalmente, o que revela um ambiente favorável ao desenvolvimento de iniciativas inovadoras.

No que se refere ao reconhecimento institucional, dois coordenadores consideram que a incubadora é reconhecida como espaço formativo complementar, enquanto um coordenador avaliou esse reconhecimento como parcial. Sobre a infraestrutura da incubadora do Campus Rio Branco, houve unanimidade entre os três coordenadores (100%) em avaliá-la como boa, embora com algumas limitações. Quanto à forma como os alunos tomam conhecimento das ações da incubadora, dois deles indicaram os editais como principal meio, enquanto outro coordenador apontou outros canais, conforme respostas obtidas na Figura 23. Nesse sentido, observa-se que:

Os cursos superiores de curta duração são cursos focados nas demandas do mercado, com currículo enxuto com foco no mercado de trabalho. Entretanto, estas características se perdem quando a sala de aula ainda permanece com aulas tradicionais baseada na exposição. (...) a Aprendizagem Baseada em Projetos proporcionou um desenvolvimento de projetos trazendo soluções reais, engajamento dos alunos e desenvolvimento de competências (...). (Silva *et al.*, 2022, p. 36).

Figura 23 - Gráfico Conhecimento das ações da Incubadora.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa.

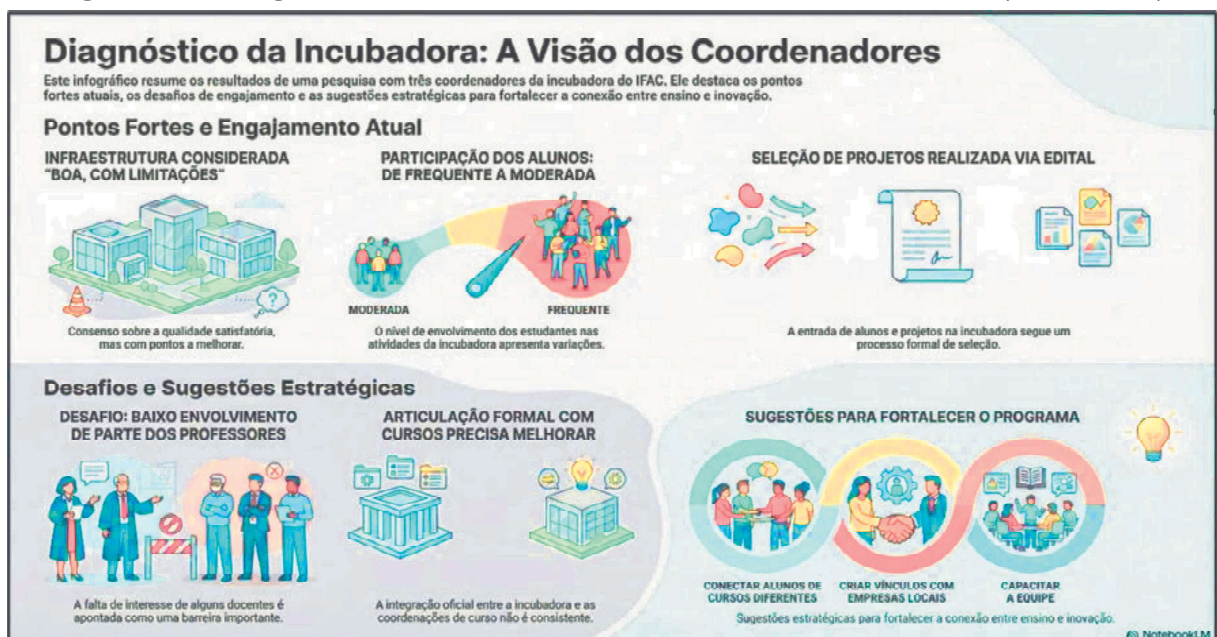
As respostas abertas evidenciaram que existem critérios definidos para seleção de alunos e projetos para incubação, tais como currículo, conhecimento técnico, disponibilidade e critérios estabelecidos em editais. Também foram mencionadas iniciativas para fortalecer o vínculo com os cursos técnicos e superiores, como programas de bolsas, editais temáticos, desafios de ideias e ações voltadas a áreas como bioeconomia, transformação digital, indústria 4.0 e empreendedorismo.

Por fim, os coordenadores apresentaram sugestões para fortalecer a articulação entre ensino e inovação, destacando a implementação de projetos integradores envolvendo cursos, disciplinas e incubadora; a capacitação da equipe em inovação aberta, transferência de tecnologia e propriedade intelectual; o incentivo à participação de servidores em programas de mentoria a startups; a promoção de ações que integrem alunos de diferentes cursos para formação de equipes multidisciplinares; e o fortalecimento da relação da incubadora com arranjos produtivos locais, governo e empresas, utilizando-a como espaço de pesquisa-ação voltado à solução de problemas reais da região.

De modo geral, os resultados indicam que a incubadora do Campus Rio Branco apresenta forte potencial formativo, reconhecido por 100% dos coordenadores, mas ainda enfrenta desafios relacionados à ampliação da integração pedagógica, à visibilidade institucional e à consolidação de parcerias curriculares e mercadológicas.

A figura 24 indica que, na visão dos coordenadores da incubadora, o principal desafio é o baixo envolvimento de parte dos professores e que a articulação formal com os cursos precisa melhorar. Como sugestão para fortalecer o problema é necessário conectar alunos de cursos diferentes, criar vínculos com empresas locais e capacitar a equipe.

Figura 24 - Infográfico da visão dos coordenadores da incubadora (INCUBAC).



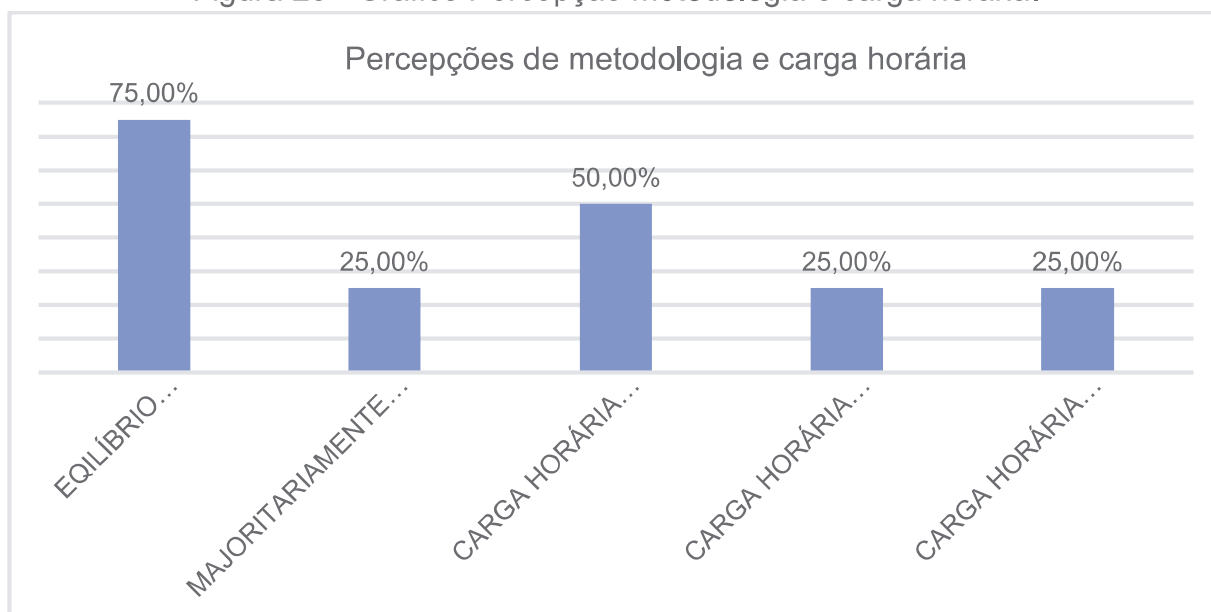
Fonte: Elaborado pelo autor com o auxílio de Inteligência Artificial (NotebookLM) a partir dos dados da pesquisa (2026)

#### 4.4 Percepção dos egressos sobre o ensino do empreendedorismo e dos ambientes de inovação na formação

A aplicação do questionário aos egressos do curso de Bacharelado em Administração, que contou com a participação de quatro discentes, oferece uma perspectiva sobre suas percepções a respeito do papel da formação empreendedora a longo prazo e sua aplicabilidade no mundo do trabalho.

Em relação às questões que analisam as experiências pedagógicas e metodológicas, diferentemente dos alunos ativos, que relataram um ensino 100% teórico, a percepção dos egressos é mais diversificada quanto à metodologia. A Figura 25 indica a percepção dos egressos quanto as aulas de empreendedorismo e a carga horária. Para 75% dos egressos, as aulas foram classificadas como equilibradas entre teoria e prática, enquanto apenas 25% as consideraram majoritariamente teóricas, já quanto à carga horária e coerência do conteúdo, 50% consideraram a carga horária suficiente, 25% parcialmente suficiente e 25% insuficiente.

Figura 25 - Gráfico Percepção metodologia e carga horária.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa.

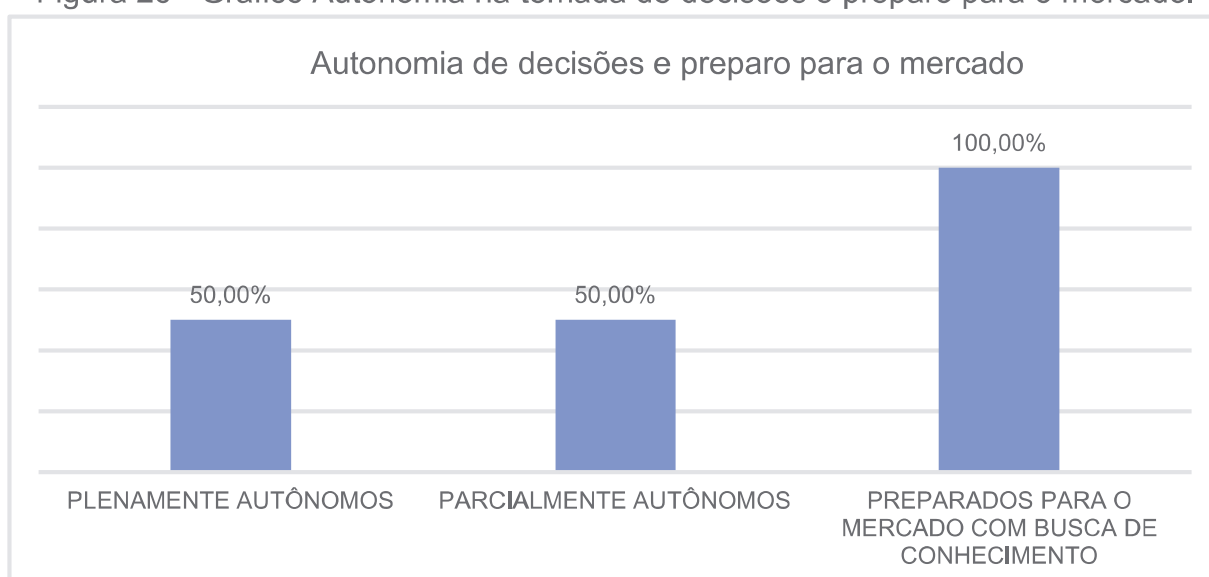
A coerência com as exigências do mercado foi validada por todos, sendo que 50% consideraram o conteúdo totalmente coerente e 50% parcialmente coerente. Um ponto de destaque qualitativo é a sugestão de antecipar a disciplina na matriz curricular, uma vez que alguns egressos sugerem que ela ocorra antes do último período para melhor aproveitamento. Nesse sentido, destaca-se que:

É importante que os alunos, já na sua juventude, sejam expostos a experiências empreendedoras, para que busquem explorar ao máximo o potencial empreendedor, porque só assim todos podem se beneficiar com o estímulo dado ao estudante mesmo antes dele chegar a universidade (Dutra et al., 2001, p. 259).

Em relação ao desenvolvimento de competências e autonomia profissional, o impacto da disciplina no desenvolvimento de competências subjetivas apresenta resultados positivos: criatividade, 50% afirmam que as disciplinas contribuíram para o desenvolvimento da criatividade e 50% indicam uma contribuição parcial. Entre as competências citadas como desenvolvidas estão a iniciativa, visão de oportunidades, planejamento e capacidade de "pensar fora da caixa".

A Figura 26 indica as respostas dos alunos egressos do bacharelado em Administração quando questionados em relação à autonomia, de forma que, para 50% dos egressos, o sentimento foi que são plenamente autônomos para tomar decisões profissionais após a formação, enquanto os outros 50% sentem essa autonomia de forma parcial e, ao serem questionados sobre o preparo para o mercado, embora se sintam preparados para atuar no mercado, 100% deles ressaltaram que ainda precisaram buscar outros conhecimentos por conta própria para complementar a formação do IFAC. Nesse sentido, Lopes (2024), destaca que "a educação é fundamental para capacitar indivíduos a enfrentar os desafios do mercado de trabalho. No entanto, a preparação não deve se limitar ao ensino de conteúdos acadêmicos tradicionais".

Figura 26 - Gráfico Autonomia na tomada de decisões e preparo para o mercado.

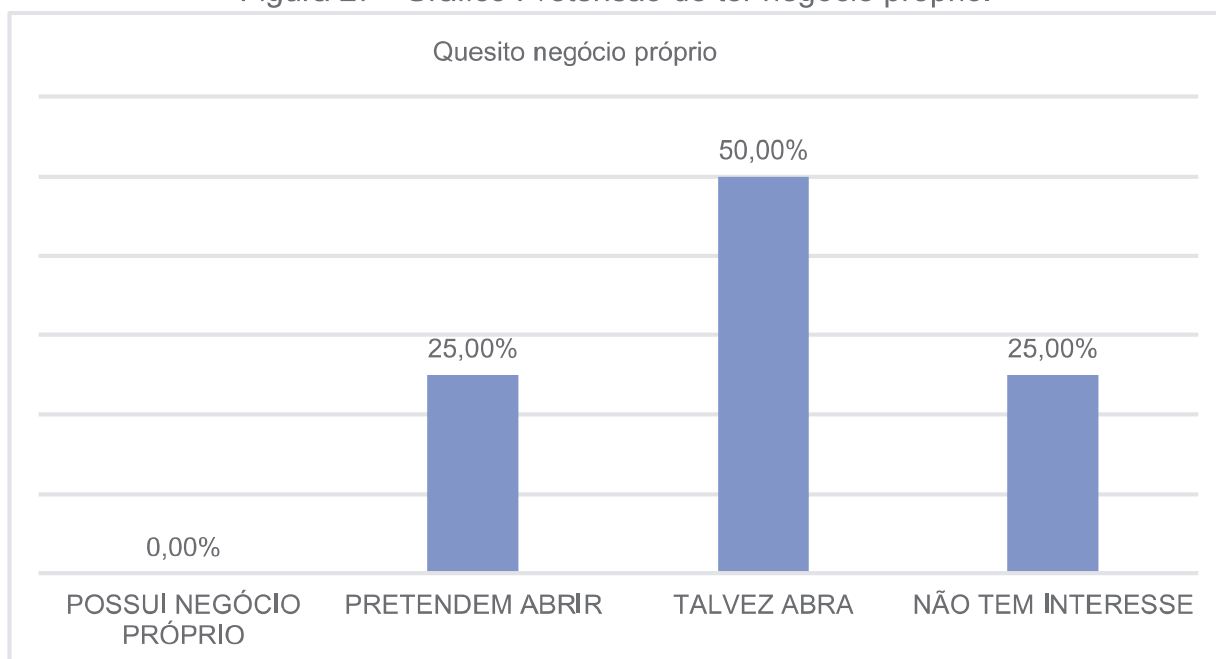


Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa.

A integração com os ambientes de inovação institucional foi significativamente mais alta neste grupo do que nos alunos ativos, 100% dos egressos afirmam conhecer os ambientes de inovação e 100% declararam ter participado de algum projeto ou atividade na incubadora. Contudo, a qualidade dessa participação é questionada por alguns. Houve relatos de que, na época do curso, a visita à incubadora era "apenas uma aula teórica fora de sala de aula", sugerindo uma falha na transposição da teoria para a prática real. A articulação com outros componentes do curso foi percebida de forma intermitente ("às vezes") por 50% e de forma plena por 50%.

No cenário pós- formação, os dados revelam a aplicação prática dos conhecimentos. Quanto à aplicação no trabalho, 50% dos egressos aplicam atualmente os conhecimentos de empreendedorismo em seus empregos. Como exemplo, um aluno relatou ter auxiliado uma empresa a se erguer do zero, desde a fundação até a gestão de materiais e concorrentes. Quanto ao quesito negócio próprio, a Figura 27 especifica essa relação, de modo que, em relação a ter um negócio próprio, atualmente, nenhum dos egressos possui, no entanto, as intenções futuras variam, sendo que, 25% pretendem abrir, 50% dizem que talvez abram e 25% não têm interesse.

Figura 27 - Gráfico Pretensão de ter negócio próprio.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa.

Sobre as limitações e propostas de melhoria, as críticas dos egressos focam na necessidade de maior densidade prática e recursos. Como exemplo, foi sugerida a inserção de projetos reais que comecem na disciplina de Empreendedorismo I e terminem na Empreendedorismo II; vivências de mercado, que propõe trazer vivências de empreendedores que tiveram sucesso e insucesso (estudos de caso reais); e a crítica ao excesso de aulas teóricas e a falta de recursos para inovar.

Por fim, sobre o apoio institucional, foi sugerido ao IFAC que ofereça mais incentivo financeiro e emocional, além de programas que levem o mercado para dentro da sala de aula. “O envolvimento de diversas organizações em parceria para a resolução de problemas e necessidades sociais pode ser encarado como uma solução inovadora que potencia práticas de empreendedorismo social.” (Carvalho; Reis, 2011, p. 194).

Os resultados dos egressos de Administração indicam que a disciplina possui um papel fundamental no "despertar" para o empreendedorismo, mudando a visão de que empreender é algo "inacessível". Todavia, o fato de 100% dos egressos terem buscado conhecimentos externos para atuar profissionalmente e de 0% possuir negócio próprio sugere que o IFAC, embora forneça a base teórica e utilize a incubadora, ainda não consegue garantir a transição completa para a prática empresarial real. A limitação apontada sobre a "saída para novos espaços" e a falta de ferramentas práticas corrobora a tese de que a educação empreendedora na EPT precisa de um suporte contínuo que vá além do componente curricular.

## 5 CAPÍTULO – PRODUTO EDUCACIONAL

O produto educacional faz parte da linha 2: Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), Macroprojeto 6: Organização de espaços pedagógicos da EPT, intitulado: **“Guia do Aluno: Incubadora de Empreendimentos do IFAC – Campus Rio Branco”** (Figura 28), caracterizando-se como um material didático em formato digital, concebido com linguagem acessível, e conteúdo estruturado de forma sequencial e didática.

Figura 28 – Capa do Produto Educacional



Fonte: Elaborado pelo autor com o auxílio de Inteligência Artificial (NotebookLM) (2026).

Do ponto de vista técnico, o produto está inserido na área de Ensino, tendo como público-alvo estudantes do ensino técnico subsequente, cursos superiores de tecnologia e bacharelado. Sua finalidade é subsidiar os discentes na compreensão dos principais conceitos relacionados ao empreendedorismo e à incubação de empresas, além de orientá-los quanto aos procedimentos necessários para ingressar em um programa de incubação.

A construção do guia foi fundamentada nos achados da pesquisa, que evidenciaram a necessidade de aproximar os estudantes dos ambientes de inovação existentes no Instituto Federal do Acre (IFAC), especialmente a incubadora de empreendimentos. Observou-se que, embora tais ambientes desempenhem papel relevante na formação empreendedora, muitos alunos desconhecem seu

funcionamento, suas finalidades e as oportunidades que oferecem. Nesse contexto, o produto educacional surge como uma estratégia de democratização da informação e de estímulo à cultura empreendedora no ambiente acadêmico.

Em termos de conteúdo, o guia aborda, de maneira progressiva, temas essenciais para a formação empreendedora, tais como: definição de ideia de negócio, surgimento de oportunidades, distinção entre startups e empresas tradicionais, etapas iniciais para criação de um empreendimento inovador, bem como aspectos específicos da incubadora, incluindo modalidades de incubação, serviços ofertados, processo de seleção, compromissos dos empreendedores e benefícios proporcionados. Além disso, o material apresenta exemplos práticos e situações contextualizadas, contribuindo para uma aprendizagem mais significativa e alinhada à realidade dos estudantes. A linguagem utilizada busca equilibrar rigor conceitual e acessibilidade, favorecendo o entendimento mesmo por aqueles que estão tendo o primeiro contato com a temática do empreendedorismo e inovação.

No que se refere à sua aplicabilidade, o produto pode ser utilizado tanto em atividades de ensino, como apoio em disciplinas relacionadas ao empreendedorismo, quanto em ações institucionais voltadas à divulgação da incubadora, como eventos, oficinas e programas de sensibilização empreendedora. Dessa forma, amplia-se seu potencial de alcance e impacto, extrapolando o contexto da sala de aula.

A forma de disponibilização do produto é digital, com previsão de acesso por meio do repositório institucional do IFAC e do ProfEPT, o que garante ampla disseminação e facilidade de acesso pelos diferentes públicos interessados. Essa característica está alinhada às diretrizes do programa, que incentivam a produção de materiais educacionais abertos e de fácil compartilhamento.

Por fim, destaca-se que o produto educacional não se configura apenas como um material informativo, mas como um instrumento de intervenção pedagógica capaz de contribuir para o fortalecimento da educação empreendedora no IFAC. Ao ampliar o conhecimento sobre a incubadora de empresas e estimular a participação dos estudantes nesses ambientes, o guia favorece a formação de sujeitos mais autônomos, críticos e preparados para atuar no mundo do trabalho e no desenvolvimento de soluções inovadoras para problemas sociais e econômicos. Dessa forma, o Produto atende às exigências do ProfEPT ao articular pesquisa aplicada, relevância social e impacto educacional, consolidando-se como um recurso didático-pedagógico alinhado aos princípios da Educação Profissional e Tecnológica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa permitiu diagnosticar a percepção dos professores, estudantes ativos, egressos e coordenadores sobre o ensino de empreendedorismo e ambientes de inovação na formação dos estudantes dos cursos do eixo de gestão de negócios do Campus Rio Branco.

As análises realizadas nesta pesquisa permitiram traçar um diagnóstico multidimensional sobre o ensino de empreendedorismo e inovação no Campus Rio Branco do IFAC. Inicialmente, a análise dos Projetos Pedagógicos de Curso (PPCs) e ementas revelou uma base normativa sólida, que orienta a prática docente em direção a uma formação humana integral. O currículo transcende o tecnicismo ao institucionalizar as Características do Comportamento Empreendedor (CCEs), como autonomia e persistência, embora apresente disparidades de carga horária entre os níveis de ensino e uma padronização que, por vezes, negligencia as especificidades do Tecnólogo em relação ao Bacharelado e ao Técnico.

Sob a ótica docente, o estudo evidenciou um compromisso com metodologias ativas e a utilização de estudos de caso reais, o que fomenta a criatividade e o protagonismo discente. Todavia, essa prática pedagógica esbarra em limitações estruturais severas, como a carência de suporte institucional e recursos financeiros para atividades externas e visitas técnicas, além de uma percepção de que a infraestrutura física e a articulação com a incubadora ainda são insuficientes.

No que concerne à percepção discente, os diferentes perfis de curso revelaram nuances importantes. Os alunos do Bacharelado em Administração demonstram maior engajamento prático com o ecossistema de inovação, embora critiquem o excesso de teoria e demandem um ensino mais conectado à realidade comercial local. Já no Técnico Subsequente em Administração, observou-se o maior nível de satisfação global com a disciplina; contudo, os estudantes destacaram um hiato entre o conteúdo pedagógico e as limitações do mercado regional, reivindicando maior acesso a laboratórios e espaços criativos no turno noturno. Por sua vez, os discentes de Tecnologia em Logística, apesar de elogiarem o dinamismo das aulas, apresentam o maior distanciamento da incubadora institucional, percebendo a disciplina como puramente conceitual e desvinculada dos desafios logísticos amazônicos. Essa percepção de "teoricismo" é corroborada pelos egressos, que validam a coerência do conteúdo com o mercado, mas relatam a necessidade de buscar formações externas

para atuar profissionalmente, evidenciando uma lacuna na transição da academia para a prática empresarial real. Por fim, a visão dos coordenadores da incubadora revelou que, embora existam processos formais de seleção e uma infraestrutura básica satisfatória, a falta de engajamento de docentes de outras áreas e a ausência de uma articulação sistemática com as coordenações de curso isolam a inovação dentro do eixo de Gestão, limitando o potencial multidisciplinar da instituição.

Diante desse cenário, conclui-se que a principal saída envolve a territorialização efetiva do currículo, focando na resolução de problemas reais do contexto acreano, a institucionalização de feiras e laboratórios de prática como extensão obrigatória da sala de aula e, fundamentalmente, o fomento a editais multidisciplinares que conectem alunos de diferentes cursos. Somente por meio dessa integração sistêmica será possível transformar o ensino de empreendedorismo em um instrumento efetivo de intervenção social e desenvolvimento regional, cumprindo integralmente a missão política e pedagógica dos Institutos Federais.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. R. S. **Viva o Brasil! reflexões sobre empreendedorismo, marketing, cultura, cotidiano, política e educação.** João Pessoa: IFPB, 2018. 128 p.
- BIZZOTTO, C. A.; PIRES, S. O.; CHERIGHINI, T. **Incubadoras de empresas: conceituação, implantação e desafios.** Brasília: ANPROTEC, 2019. 25 p.  
Disponível em:  
[https://d335luupugsy2.cloudfront.net/cms/files/52159/1612384751Fundamentos\\_Incubadoras\\_de\\_empresas.pdf](https://d335luupugsy2.cloudfront.net/cms/files/52159/1612384751Fundamentos_Incubadoras_de_empresas.pdf). Acesso em: 21 nov. 2024.
- BRASIL. Lei nº 10.973, de 2 de dezembro de 2004. Disponível em:  
<https://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 11 nov. 2023.
- BRASIL. Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Disponível em:  
<https://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 4 nov. 2023.
- CARMO, J. P.; RANGEL, R. C. **Empreendedorismo e inovação em rede: os 10 anos da incubadora IFES.** Vitória: Edifes, 2021. 220 p. Disponível em:  
<https://repositorio.ifes.edu.br>. Acesso em: 16 nov. 2023.
- CARVALHO, Luisa Margarida; REIS, Maria Leonilde. BOAS PRÁTICAS PARA A CONCEPÇÃO DE UMA PLATAFORMA LOGÍSTICA DE BENS NÃO PERECÍVEIS: UM CASO DE EMPREENDEDORISMO SOCIAL. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 194–206, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/pgc/article/view/9805>. Acesso em: 30 mar. 2026.
- CHIAVENATO, I. **Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor.** 4. ed. Barueri: Manole, 2012.
- DEGEN, R. J. **O empreendedor: empreender como opção de carreira.** São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.
- DORNELAS, J. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios.** 8. ed. São Paulo: Empreende, 2018. 288 p.
- DUTRA, I. S.; MASSARUTTI, J.; MUSETI, M. G.; STEFANO, S. R. OS EGRESSOS NO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO E SUA FORMAÇÃO EMPREENDEDORA. **ANAIS DO II EGEPE**, p. 253-265, Londrina/PR, Novembro/2001 (ISSN 1518-4382). Disponível em: <https://anegepe.org.br/wp-content/uploads/2021/09/EMP2001-34.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2026.
- FERREIRA, Andreuma Guedes; MIGUEL, Joelson Rodrigues. A Importância da Educação Empreendedora nos processos de Ensino e Aprendizagem / The Importance of Entrepreneurial Education in the Teaching and Learning processes. ID on line. **Revista de psicologia**, [S. l.], v. 14, n. 50, p. 331–351, 2020. DOI: 10.14295/idonline.v14i50.2440. Disponível em:  
<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2440>. Acesso em: 18 abr. 2026.

FLORIN, Márcia Meira Berti; MELLO, Cristiane Marques de; MACHADO, Hilka Vier. Empreendedorismo e inovação: análise dos índices de inovação dos empreendimentos brasileiros com base nos relatórios do GEM de 2006, 2007 e 2008. **Revista de Administração da UFSM**, Santa Maria, v. 3, n. 3, p. 411–423, set./dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reaufsm/article/view/1583/1525>. Acesso em: 27 mar. 2026.

FRAGA, Lais Silveira. **Extensão e transferência de conhecimento: as incubadoras tecnológicas de Cooperativas Populares**. 2012. 242 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/903143>. Acesso em 27 mar. 2026.

FRANCO, R. A. S. R. et al. (org.). **Educação Profissional e Tecnológica no Brasil**. Belo Horizonte: IFMG, 2024. v. 3.

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. (org.). **Ensino Médio Integrado: concepção e contradições**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GOOGLE. NotebookLM. Disponível em: <https://notebooklm.google.com/>. Acesso em: 23 jan. 2026.

GOMES, Danilo Cortez; SILVA, Luciano Alexandre de Farias. EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NO ENSINO PROFISSIONAL: DESAFIOS E EXPERIÊNCIAS NUMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO. **HOLOS**, [S. l.], v. 1, p. 118–139, 2018. DOI: 10.15628/holos.2018.5264. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/5264>. Acesso em: 15 abr. 2026.

HIPÓLITO, R. G., SANTOS, S. X. A contribuição da educação empreendedora para a formação dos futuros engenheiros da UFERSA. In: OLIVEIRA, A. M. B., ed. **Empreendedorismo: registros de estudos teórico-empíricos no semiárido** [online]. Mossoró: EdUFERSA, 2018, pp. 23-55. ISBN: 978-85-5757-090-0. <https://doi.org/10.7476/9786587108667.0003>. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/yw9zf/pdf/oliveira-9786587108667-03.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2026.

IFAC. **Instituto Federal do Acre**. Disponível em: <https://web.ifac.edu.br>. Acesso em: 24 nov. 2023.

IFAC. **Campus Rio Branco**. Disponível em: <https://www.ifac.edu.br>. Acesso em: 18 nov. 2024.

IFAC. Resolução nº 307/2014 – CONSU/IFAC. Disponível em: <https://www.ifac.edu.br>. Acesso em: 20 nov. 2024.

IFAC. Resolução nº 035/2017 – CONSU/IFAC. Disponível em: <https://www.ifac.edu.br>. Acesso em: 20 nov. 2024.

IFAC. Resolução nº 023/2018 – CONSU/IFAC. Disponível em: <https://www.ifac.edu.br>. Acesso em: 20 nov. 2024.

KIPPER, D. J. (org.). **Ética: teoria e prática**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

LIZOTE, S. A.; MIRANDA, A. L.; DA SILVA, S. G.; GOHN, C. Competências empreendedoras: um estudo com discentes do ensino médio. **Revista de Gestão e Secretariado**, [S. l.], v. 11, n. 3, p. 27–46, 2020. DOI: 10.7769/gesec.v11i3.1103. Disponível em: <https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/1103>. Acesso em: 15 abr. 2026.

LOPES, R.M.A.; TEIXEIRA, M.A.A. Educação empreendedora no ensino fundamental. In: Lopes, R.M.A. (Org.). **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier: São Paulo: Sebrae, 2010.

MACHADO, A. B. **CELTA: diretrizes para construção do conhecimento em incubadoras**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021.

MENACHO, Eliane; HUNGRIA, Felício Julio de Azevedo; SILVA, Alex Miller Peres da; VICTOR, Renata. A Educação Empreendedora no século XXI: desafios e perspectivas no processo pedagógico criativo. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, nº 5, 5 de fevereiro de 2025. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/25/5/a-educacao-empreendedora-no-seculo-xxi-desafios-e-perspectivas-no-processo-pedagogico-criativo>. Acesso em: 18 abr. 2026.

MENDES, E.R. A importância e os impactos da educação empreendedora para alunos dos cursos técnicos integrados de uma Instituição Federal. **WEB REVISTA LINGUAGEM, EDUCAÇÃO E MEMÓRIA**, [S. l.], v. 17, n. 17, p. 33–50, 2020. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/WRLEM/article/view/3744>. Acesso em: 15 abr. 2026.

MONTEIRO, P. O.; TAJRA, S. F.; RIBEIRO, J. R.; BUSSOLOTTI, J. M. EDUCAÇÃO, INOVAÇÃO E EMPREENDEDORISMO: A UNIVERSIDADE E O SEU NOVO PAPEL NA SOCIEDADE. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, [S. l.], v. 15, n. 6, 2019. Disponível em: <https://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/5200>. Acesso em: 21 abr. 2026.

MONTEIRO, A. F. V.; DOS SANTOS, E. N.; TELES, T. R. A inovação tecnológica nos Institutos Federais: a proposta de uma ferramenta diagnóstica do nível de fomento à inovação e ao empreendedorismo na educação profissional. **OBSERVATÓRIO DE LA ECONOMÍA LATINOAMERICANA**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 1033–1055, 2024. DOI: 10.55905/oelv22n1-056. Disponível em:

<https://ojs.observatoriolatinoamericano.com/ojs/index.php/olel/article/view/2447>. Acesso em: 3 maio. 2026.

MOURA, Dante Henrique. A FORMAÇÃO DE DOCENTES PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 23–38, 2015. DOI: 10.15628/rbept.2008.2863. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/2863>. Acesso em: 27 mar. 2026.

OLIVEIRA, T. A. de; BRAUN, M. do S. . de A.; ROCHA, M. M. M. de M.; CASTRO, S. da S. Educação Empreendedora: uma análise da metodologia do ensino de empreendedorismo no ensino médio do IFCE, Câmpus Cedro. **Cadernos de Prospecção**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 503–521, 2024. DOI: 10.9771/cp.v17i2.56476. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/nit/article/view/56476>. Acesso em: 14 abr. 2026.

PACHECO, Eliezer Moreira. **Os Institutos Federais: uma revolução na educação profissional e tecnológica**. Natal: IFRN, 2010. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/1044/1013/Os%20institutos%20federais%20-%20Ebook.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 27 mar. 2026.

PACHECO. **Perspectivas da educação profissional técnica de nível médio**. São Paulo: Moderna, 2012.

PEREIRA, W. R. .; VALENTE, C. O. .; SILVA, T. .; PALLES, C. M. .; MARTINS, D. R. . EMPREENDEDORISMO NO INSTITUTO FEDERAL DO NORTE DE MINAS GERAIS – IFNMG. **REVISTA FOCO**, [S. l.], v. 16, n. 5, p. e1913, 2023. DOI: 10.54751/revistafoco.v16n5-092. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/1913>. Acesso em: 16 abr. 2026.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. **Metodologia do trabalho científico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SCHAEFER, Ricardo; MINELLO, Italo Fernando. Educação empreendedora: premissas, objetivos e metodologias. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 60–81, jul./set. 2016. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pca/article/view/11270/pdf>. Acesso em: 27 mar. 2026.

SCHMIDT, Carla Maria; DREHER, Marialva Tomio. Cultura empreendedora: uma análise do comportamento empreendedor. **Revista de Administração**, 2008. Disponível em: [https://web.archive.org/web/20160323160937id\\_/http://regeusp.com.br/arquivos/500.pdf](https://web.archive.org/web/20160323160937id_/http://regeusp.com.br/arquivos/500.pdf). Acesso em: 27 mar. 2026.

SEBRAE. **Empreendedorismo no Brasil 2023 – Relatório Executivo**. Disponível em: <https://datasebrae.com.br>. Acesso em: 13 nov. 2024.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, Gabriela Fernandes Albanez; AUGUSTO, Noemi Torres; SILVA, Vitória Letícia Alves; DE ASSIS, Camila Molena. A IMPORTÂNCIA DO EMPREENDEDORISMO NA FORMAÇÃO DO TECNÓLOGO EM LOGÍSTICA: UM ESTUDO DE CASO DA FATEC JUNDIAÍ. **South American Development Society Journal**, [S. l.], v. 8, n. 24, p. 36, 2022. DOI: 10.24325/issn.2446-5763.v8i24p36-47. Disponível em: <https://www.sadsj.org/index.php/revista/article/view/539>. Acesso em: 27 mar. 2026.

Silva, Júlio & Patrus, Roberto. (2017). O “Bê-Á-Bá” do Ensino em Empreendedorismo: Uma Revisão da Literatura Sobre os Métodos e Práticas da Educação Empreendedora. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**. 6. 372-401. 10.14211/regepe.v6i2.563. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/319440502\\_O\\_Be-A-Ba\\_do\\_Ensino\\_em\\_Empreendedorismo\\_Uma\\_Revisao\\_da\\_Literatura\\_Sobre\\_os\\_Metodos\\_e\\_Praticas\\_da\\_Educacao\\_Empreendedora/link/69a7a2f4ceb31f79ab22e6ce/download?\\_tp=eyJjb250ZXh0Ijp7InBhZ2UiOiJwdWJsaWNhdGlvbilsl nByZXZpb3VzUGFnZSI6bnVsbH19](https://www.researchgate.net/publication/319440502_O_Be-A-Ba_do_Ensino_em_Empreendedorismo_Uma_Revisao_da_Literatura_Sobre_os_Metodos_e_Praticas_da_Educacao_Empreendedora/link/69a7a2f4ceb31f79ab22e6ce/download?_tp=eyJjb250ZXh0Ijp7InBhZ2UiOiJwdWJsaWNhdGlvbilsl nByZXZpb3VzUGFnZSI6bnVsbH19). Acesso em: 27 mar. 2026.

SILVA, J. R. S. **Diálogos sobre o ensino e a educação**. Curitiba: Bagai, 2024.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem**. 24. ed. São Paulo: Libertad, 2014.

VEIGA, I. P. A. Projeto político-pedagógico da escola de ensino médio e suas articulações com as ações da secretaria de educação. In: SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO –PERSPECTIVAS ATUAIS, 1., 2010, Belo Horizonte. **Anais[...]**. Belo Horizonte: MEC, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7179-4-4-rojeto-politicopedagogico-escola-ilma-passos/file>. Acesso em: 24 abr. 2025.

VIEIRA, A. M. D. P.; FAYAD, A. K. O projeto pedagógico de curso como contrato educacional . **Educere et Educare**, [S. l.], v. 20, n. 50, p. 348–371, 2025. DOI: 10.48075/educare.v20i51.29283. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/29283>. Acesso em: 24 abr. 2026.

ZAMPIER, Marcia Aparecida; TAKAHASHI, Adriana Roseli Wunsch. Competências empreendedoras e processos de aprendizagem empreendedora: modelo conceitual de pesquisa. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, RJ, v. 9, n. Especial, p. 564 a 585, 2011. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/cadernosebape/article/view/5442>. Acesso em: 30 mar. 2026.

ZAMPIER, Márcia Aparecida; TAKAHASHI, Adriana Roseli Wunsch; FERNANDES, Bruno Henrique. SEDIMENTANDO AS BASES DE UM CONCEITO: AS COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS. **Revista REGEPE de Empreendedorismo e Pequenas Empresas**, São Paulo, SP, v. 1, pág. 101–130, 2012. DOI: 10.14211/regepe.v1i1.16. Disponível em: <https://regepe.org.br/regepe/article/view/16>. Acesso em: 30 mar. 2026..

## APÊNDICES

### Apêndice A – Questionário dos Discentes Ativos

Questionário dos Discentes Ativos
1) Qual o gênero que você se identifica? a) <input type="checkbox"/> Feminino b) <input type="checkbox"/> Masculino c) <input type="checkbox"/> Outro
2) Qual sua idade? a) <input type="checkbox"/> abaixo de 18 b) <input type="checkbox"/> 18-30 c) <input type="checkbox"/> 31-50 d) <input type="checkbox"/> 51 acima
3) Em qual curso você está matriculado (a)? a) <input type="checkbox"/> Curso Técnico Subsequente em Administração b) <input type="checkbox"/> Curso Superior de Tecnologia em Logística c) <input type="checkbox"/> Curso Superior Bacharelado em Administração
4) As aulas foram em sua maioria: a) <input type="checkbox"/> Teóricas b) <input type="checkbox"/> Práticas c) <input type="checkbox"/> Integradas
5) A disciplina despertou seu interesse em empreender? a) <input type="checkbox"/> Muito b) <input type="checkbox"/> Razoavelmente c) <input type="checkbox"/> Pouco d) <input type="checkbox"/> Nenhum
6) As atividades em sala foram: a) <input type="checkbox"/> Dinâmicas e participativas b) <input type="checkbox"/> Pouco dinâmicas c) <input type="checkbox"/> Expositivas
7) Você conhece os ambientes de inovação do ifac? a) <input type="checkbox"/> Sim b) <input type="checkbox"/> Não
8) Já participou de alguma ação vinculada à incubadora? a) <input type="checkbox"/> Sim b) <input type="checkbox"/> Não
9) A disciplina te ajudou a entender o que é um plano de negócio? a) <input type="checkbox"/> Sim b) <input type="checkbox"/> Não c) <input type="checkbox"/> Parcialmente
10) A carga horária da disciplina foi: a. <input type="checkbox"/> Suficiente b. <input type="checkbox"/> Insuficiente
11) As atividades se relacionaram com sua realidade local? a) <input type="checkbox"/> Sim b) <input type="checkbox"/> Não c) <input type="checkbox"/> Parcialmente

12) Houve integração com outras disciplinas do curso? a) <input type="checkbox"/> Sim b) <input type="checkbox"/> Não
13) Você sente que desenvolveu competências como Criatividade e inovação? a. <input type="checkbox"/> Sim b. <input type="checkbox"/> Parcialmente c. <input type="checkbox"/> Não
14) A disciplina desenvolveu sua capacidade de liderança? a. <input type="checkbox"/> Sim b. <input type="checkbox"/> Parcialmente c. <input type="checkbox"/> Não
15) Você considera o conteúdo atualizado e coerente com o mercado de trabalho? a. <input type="checkbox"/> Sim b. <input type="checkbox"/> Parcialmente c. <input type="checkbox"/> Não
16) Já pensou em abrir um negócio? a. <input type="checkbox"/> Sim b. <input type="checkbox"/> Não
17) O IFAC incentiva o empreendedorismo de forma efetiva? a. <input type="checkbox"/> Sim b. <input type="checkbox"/> Parcialmente c. <input type="checkbox"/> Não
18) O ambiente do IFAC favorece a inovação e criatividade? a. <input type="checkbox"/> Sim b. <input type="checkbox"/> Parcialmente c. <input type="checkbox"/> Não
19) Há oportunidade de aplicar os conhecimentos fora da sala de aula? a. <input type="checkbox"/> Sim b. <input type="checkbox"/> Parcialmente c. <input type="checkbox"/> Não
20) Como você avalia a disciplina de empreendedorismo? a. <input type="checkbox"/> Excelente b. <input type="checkbox"/> Boa c. <input type="checkbox"/> Regular d. <input type="checkbox"/> Ruim
21) Em sua opinião, o que poderia ser melhorado na disciplina de empreendedorismo para torná-la mais eficiente e aplicável ao mercado de trabalho? (Resposta aberta)
22) Você tem alguma outra sugestão ou comentário sobre o ensino de empreendedorismo na instituição? (Resposta aberta)

### Apêndice B – Questionário dos Coordenadores da Incubadora

<b>QUESTIONÁRIO DOS COORDENADORES DA INCUBADORA</b>
1) A que classe de servidores você pertence? a) <input type="checkbox"/> Docente                      b) <input type="checkbox"/> Técnico administrativo
2) Tempo de atuação na função: a) <input type="checkbox"/> Menos de 1 ano b) <input type="checkbox"/> 1 a 3 anos c) <input type="checkbox"/> Mais de 3 anos
3) Sua equipe articula ações com cursos do eixo de gestão e negócios? a) <input type="checkbox"/> Não                                  b) <input type="checkbox"/> Sim
4) A incubadora é conhecida entre os alunos? a) <input type="checkbox"/> Sim b) <input type="checkbox"/> Parcialmente c) <input type="checkbox"/> Não
5) A incubadora promove ações específicas alunos regularmente? a) <input type="checkbox"/> Sim b) <input type="checkbox"/> Ocasionalmente c) <input type="checkbox"/> Não
6) A participação dos alunos nas ações da incubadora é: a) <input type="checkbox"/> Frequente b) <input type="checkbox"/> Moderada c) <input type="checkbox"/> Baixa d) <input type="checkbox"/> Inexistente
7) OS alunos do eixo gestão e negócios participam ativamente das ações da incubadora? a) <input type="checkbox"/> Sim b) <input type="checkbox"/> Parcialmente c) <input type="checkbox"/> Não
8) A incubadora atua em parceria direta com docentes da disciplina de empreendedorismo? a) <input type="checkbox"/> Sim b) <input type="checkbox"/> Parcialmente c) <input type="checkbox"/> Não
9) Existe articulação formal entre a incubadora e a coordenação de curso? a) <input type="checkbox"/> Sim b) <input type="checkbox"/> Parcialmente c) <input type="checkbox"/> Não
10) A incubadora contribui para que os alunos apliquem, na prática, os conteúdos aprendidos na disciplina? a) <input type="checkbox"/> Sim b) <input type="checkbox"/> Parcialmente c) <input type="checkbox"/> Não
11) Existe participação efetiva dos alunos nas ações da incubadora? a) <input type="checkbox"/> Alta b) <input type="checkbox"/> Média c) <input type="checkbox"/> Baixa
12) A incubadora contribui para o desenvolvimento de competências empreendedoras? a) <input type="checkbox"/> Sim b) <input type="checkbox"/> Parcialmente

c) <input type="checkbox"/> Não
13) HÁ integração entre incubadora e disciplinas curriculares? a) <input type="checkbox"/> Sim b) <input type="checkbox"/> Parcialmente c) <input type="checkbox"/> Não
14) A estrutura da incubadora é: a) <input type="checkbox"/> Satisfatória b) <input type="checkbox"/> Parcialmente satisfatória c) <input type="checkbox"/> Insatisfatória
15) A incubadora promove eventos de integração com o mercado? a) <input type="checkbox"/> Sim b) <input type="checkbox"/> Parcialmente c) <input type="checkbox"/> Não
16) A cultura empreendedora é incentivada institucionalmente? a) <input type="checkbox"/> Sim b) <input type="checkbox"/> Parcialmente c) <input type="checkbox"/> Não
17) A incubadora é reconhecida como formativo complementar? a) <input type="checkbox"/> Sim b) <input type="checkbox"/> Parcialmente c) <input type="checkbox"/> Não
18) Você considera que o ambiente disponibilizado para desenvolver seu trabalho é adequado? a) <input type="checkbox"/> Não                      b) <input type="checkbox"/> Sim
19) Na sua opinião é necessário mais investimentos financeiros e materiais para uma maior visibilidade do programa? a) <input type="checkbox"/> Não                      b) <input type="checkbox"/> Sim
20) Você acha importante a realização de intercâmbio com pólos mais avançados para desenvolver sua coordenação ou somente capacitações da coordenação geral são suficientes? a) <input type="checkbox"/> Não, não é necessário a realização de intercâmbio, a capacitação é suficiente b) <input type="checkbox"/> Sim, além das capacitações, a realização de intercâmbios tem importância no processo de aprendizagem.
21) Como você avalia a infraestrutura da incubadora do campus rio branco? a) <input type="checkbox"/> Excelente, atende plenamente às necessidades das empresas incubadas b) <input type="checkbox"/> Boa, mas com algumas limitações c) <input type="checkbox"/> Regular, há carências importantes d) <input type="checkbox"/> Insuficiente, precisa de grandes melhorias
22) Como os alunos tomam conhecimento dos programas e ações da incubadora? a) <input type="checkbox"/> Internet b) <input type="checkbox"/> Editais c) <input type="checkbox"/> Outros
23) Há critérios utilizados para selecionar os alunos ou projetos para incubação? Quais?(Resposta aberta)
24) A incubadora contribui para o desenvolvimento de competências empreendedoras? Quais? (Resposta aberta)
25) Existe alguma iniciativa da incubadora para fortalecer o vínculo com os cursos técnicos e superiores? (Resposta aberta)
26) Quais sugestões você daria para fortalecer a ponte entre ensino e inovação? (Resposta aberta)

### Apêndice C – Questionário dos Alunos Egressos

<b>QUESTIONÁRIO DOS ALUNOS EGRESSOS</b>
<p>1) As aulas de empreendedorismo foram:</p> <p>a) <input type="checkbox"/> Majoritariamente teóricas</p> <p>b) <input type="checkbox"/> Equilibradas entre teoria e prática</p> <p>c) <input type="checkbox"/> Majoritariamente práticas</p>
<p>2) A carga horária das disciplinas foi:</p> <p>a) <input type="checkbox"/> Suficiente</p> <p>b) <input type="checkbox"/> Parcialmente suficiente</p> <p>c) <input type="checkbox"/> Insuficiente</p>
<p>3) As disciplinas contribuíram para o desenvolvimento da sua criatividade?</p> <p>a) <input type="checkbox"/> Sim</p> <p>b) <input type="checkbox"/> Parcialmente</p> <p>c) <input type="checkbox"/> Não</p>
<p>4) Após o curso, você se sente mais preparado para empreender?</p> <p>a) <input type="checkbox"/> Sim</p> <p>b) <input type="checkbox"/> Parcialmente</p> <p>c) <input type="checkbox"/> Não</p>
<p>5) Você conhece os ambientes IFAC (como incubadora)?</p> <p>a) <input type="checkbox"/> Sim</p> <p>b) <input type="checkbox"/> Não</p>
<p>6) Você participou de algum projeto ou atividade da incubadora?</p> <p>a) <input type="checkbox"/> Sim</p> <p>b) <input type="checkbox"/> Não</p>
<p>7) O ensino de empreendedorismo foi articulado com outros componentes do curso?</p> <p>A) <input type="checkbox"/> sempre</p> <p>b) <input type="checkbox"/> Às vezes</p> <p>c) <input type="checkbox"/> Raramente</p> <p>d) <input type="checkbox"/> Nunca</p>
<p>8) Você aplica no seu trabalho atual conhecimentos aprendidos nessas disciplinas?</p> <p>a) <input type="checkbox"/> Sim</p> <p>b) <input type="checkbox"/> Não</p>
<p>9) Atualmente, você tem um negócio próprio?</p> <p>a) <input type="checkbox"/> Sim</p> <p>c) <input type="checkbox"/> Não</p>
<p>10) Caso não tenha um negócio, pretende abrir um?</p> <p>a) <input type="checkbox"/> Sim</p> <p>b) <input type="checkbox"/> Não</p> <p>c) <input type="checkbox"/> Talvez</p>
<p>11) Você se sente autônomo para tomar decisões profissionais após a formação?</p> <p>a) <input type="checkbox"/> Sim</p> <p>b) <input type="checkbox"/> Parcialmente</p> <p>c) <input type="checkbox"/> Não</p>
<p>12) O conteúdo das disciplinas era coerente com as exigências do mercado?</p> <p>a) <input type="checkbox"/> Totalmente coerente</p> <p>b) <input type="checkbox"/> Parcialmente coerente</p>

c) ( ) Pouco coerente d) ( ) Nada coerente
13) Houve incentivo para participação em Projetos interdisciplinares? a) ( ) Sim b) ( ) Não
14) A estrutura do curso contribuiu para seu desenvolvimento profissional a) ( ) Sim b) ( ) Parcialmente c) ( ) Não
15) Você indicaria o curso para alguém interessado em aprender sobre empreendedorismo? a) ( ) Sim b) ( ) Não
16) De forma geral, como avalia sua experiência com o ensino de empreendedorismo no IFAC? a) ( ) Excelente b) ( ) Boa c) ( ) Regular d) ( ) Ruim
17) Você se sente mais preparado para atuar no mercado após cursar a disciplina? a) ( ) Sim, muito mais preparado b) ( ) Sim, mas ainda precisei buscar outros conhecimentos por conta própria c) ( ) Não, a disciplina não me preparou suficientemente
18) Quais melhorias você sugere para o ensino de empreendedorismo na instituição? (Resposta aberta)
19) O que a instituição poderia fazer para incentivar ainda mais o desenvolvimento do perfil empreendedor nos alunos? (Resposta aberta)
20) Quais foram os principais pontos positivos da disciplina? (Resposta aberta)
21) Você utiliza atualmente algum conhecimento adquirido nas disciplinas de empreendedorismo? Dê exemplos. (Resposta aberta)
22) Em sua visão, qual a principal limitação do ensino de empreendedorismo no curso? (Resposta aberta)
23) Que competências empreendedoras você considera ter desenvolvido durante o curso? (Resposta aberta)
24) como avalia a atuação do IFAC na promoção da inovação e do empreendedorismo? (Resposta aberta)
25) Você recomendaria alterações na disciplina de empreendedorismo? Quais? (Resposta aberta)
26) Como avalia a integração entre teoria e prática nas disciplinas empreendedoras? (Resposta aberta)
27) Deseja deixar mais alguma sugestão ou relato sobre sua experiência com o ensino de empreendedorismo? (Resposta aberta)

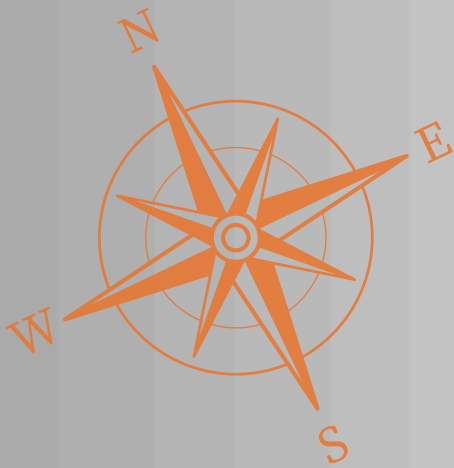
## Apêndice D – Questionário dos Docentes

<b>QUESTIONÁRIO DOS DOCENTES</b>
<p>1) Você leciona a disciplina de empreendedorismo há:</p> <p>a) <input type="checkbox"/> Menos de 1 ano</p> <p>b) <input type="checkbox"/> 1 a 3 anos</p> <p>c) <input type="checkbox"/> Mais de 3 anos</p>
<p>2) Para quais cursos você ministra a disciplina?</p> <p>a) <input type="checkbox"/> Bacharelado</p> <p>b) <input type="checkbox"/> Tecnológico</p> <p>c) <input type="checkbox"/> Técnico Subsequente</p> <p>d) <input type="checkbox"/> Todos os anteriores</p>
<p>3) A carga horária da disciplina é:</p> <p>a) <input type="checkbox"/> Adequada</p> <p>b) <input type="checkbox"/> Parcialmente adequada</p> <p>c) <input type="checkbox"/> Inadequada</p>
<p>4) As metodologias utilizadas são:</p> <p>a) <input type="checkbox"/> Tradicionais (expositivas)</p> <p>b) <input type="checkbox"/> Ativas (problematização, projetos)</p> <p>c) <input type="checkbox"/> Mistas</p>
<p>5) Os conteúdos abordados refletem os desafios do mercado de trabalho?</p> <p>a) <input type="checkbox"/> Sempre</p> <p>b) <input type="checkbox"/> Frequentemente</p> <p>c) <input type="checkbox"/> Ocasionalmente</p> <p>d) <input type="checkbox"/> Raramente</p>
<p>6) Você utiliza exemplos reais e estudos de caso de empreendedores locais ou nacionais para ilustrar os conceitos abordados?</p> <p>a) <input type="checkbox"/> Sim</p> <p>b) <input type="checkbox"/> Parcialmente</p> <p>c) <input type="checkbox"/> Não</p>
<p>7) Os alunos demonstram interesse pela disciplina?</p> <p>a) <input type="checkbox"/> Alto</p> <p>b) <input type="checkbox"/> Médio</p> <p>c) <input type="checkbox"/> Baixo</p>
<p>8) Existe articulação entre a disciplina e os ambientes de inovação?</p> <p>a) <input type="checkbox"/> Sim</p> <p>b) <input type="checkbox"/> Não</p>
<p>9) A disciplina é trabalhada de forma interdisciplinar com outras?</p> <p>a) <input type="checkbox"/> Sim</p> <p>b) <input type="checkbox"/> Não</p>
<p>10) O ambiente institucional favorece o ensino de empreendedorismo?</p> <p>a) <input type="checkbox"/> Sim</p> <p>b) <input type="checkbox"/> Parcialmente</p> <p>c) <input type="checkbox"/> Não</p>
<p>11) Você já participou de ações da incubadora junto aos alunos?</p> <p>a) <input type="checkbox"/> Sim</p> <p>b) <input type="checkbox"/> Não</p>

12) As avaliações da disciplina privilegiam a prática empreendedora? a) <input type="checkbox"/> Sim b) <input type="checkbox"/> Parcialmente c) <input type="checkbox"/> Não
13) Há incentivo institucional para projetos integradores com foco em inovação? a) <input type="checkbox"/> Sim b) <input type="checkbox"/> Parcialmente c) <input type="checkbox"/> Não
14) A estrutura do campus é suficiente para desenvolvimento de atividades empreendedoras? a) <input type="checkbox"/> Sim b) <input type="checkbox"/> Parcialmente c) <input type="checkbox"/> Não
15) A incubadora é uma parceira ativa no processo Formativo dos alunos? a) <input type="checkbox"/> Sim b) <input type="checkbox"/> Parcialmente c) <input type="checkbox"/> Não
16) O ensino de empreendedorismo desenvolve o pensamento crítico dos alunos? a) <input type="checkbox"/> Sim b) <input type="checkbox"/> Parcialmente c) <input type="checkbox"/> Não
17) Os conteúdos contemplam aspectos da realidade regional/local? a) <input type="checkbox"/> Sim b) <input type="checkbox"/> Parcialmente c) <input type="checkbox"/> Não
18) Os resultados da disciplina são satisfatórios? a) <input type="checkbox"/> Sim b) <input type="checkbox"/> Parcialmente c) <input type="checkbox"/> Não
19) Como você avalia a disciplina no contexto da formação profissional dos alunos? a) <input type="checkbox"/> Excelente b) <input type="checkbox"/> Boa c) <input type="checkbox"/> Regular d) <input type="checkbox"/> Ruim
20) Quais competências empreendedoras mais observa nos alunos ao final da disciplina? (Resposta aberta)
21) Já articulou a disciplina com os ambientes de inovação (ex: visitas técnicas, projetos conjuntos)? Descreva. (Resposta aberta)
22) Já participou de projetos integradores com foco em inovação e empreendedorismo? (Resposta aberta)
23) O que poderia ser feito para melhorar o impacto da disciplina nos cursos? (Resposta aberta)
24) Como avalia a infraestrutura e os recursos disponíveis para o ensino da disciplina? (Resposta aberta)
25) Deseja sugerir alguma mudança curricular, metodológica ou institucional relacionada ao ensino de empreendedorismo? (Resposta aberta)

## Apêndice E – Questionário Validação do Produto Educacional

<b>QUESTIONÁRIO DE VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL</b>
1. Nome completo:
2. A que curso você pertence?
3. Ao abrir o arquivo, as cores e as imagens chamaram sua atenção de forma positiva? ( ) Sim                      ( ) Não
4. O tamanho da letra e o estilo do texto facilitaram a leitura no seu celular ou computador? ( ) Sim                      ( ) Não
5. As ilustrações e os ícones ajudaram você a entender o assunto sem precisar ler todo o texto? ( ) Sim                      ( ) Não
6. Você achou fácil encontrar as informações que procurava dentro do guia? ( ) Sim                      ( ) Não
7. Você sentiu que o guia tem um equilíbrio bom entre texto e imagens (não está "poluído")? ( ) Sim                      ( ) Não
8. A linguagem utilizada parece "conversa de aluno" ou é fácil de entender para quem não é da área? ( ) Sim                      ( ) Não
9. Você conseguiu entender o que é uma startup e a diferença para uma empresa comum com as explicações dadas? ( ) Sim                      ( ) Não
10. Ficou claro para você quais são os "primeiros passos" para entrar na incubadora? ( ) Sim                      ( ) Não
11. O exemplo de startup apresentado no guia ajudou você a visualizar como seria a sua própria ideia de negócio? ( ) Sim                      ( ) Não
12. Você sente que agora sabe o que a incubadora pode (e o que não pode) fazer por você? ( ) Sim                      ( ) Não
13. Após ler o guia, você se sentiu mais motivado ou interessado em procurar a incubadora do campus rio branco? ( ) Sim                      ( ) Não
14. Você enviaria este guia para um colega que tem uma ideia de negócio, mas não sabe por onde começar? ( ) Sim                      ( ) Não
15. Numa escala de 0 a 10, quanto às informações melhorou a compreensão do tema após a leitura do material? ( ) 0   ( ) 1   ( ) 2   ( ) 3   ( ) 4   ( ) 5   ( ) 6   ( ) 7   ( ) 8   ( ) 9   ( ) 10
16. Atende aos alunos com necessidades especiais? ( ) Sim                      ( ) Não
17. Deixe aqui sua opinião: o que você mudaria no guia para deixá-lo ainda melhor para os alunos? (pode ser sobre as cores, alguma explicação que ficou difícil ou algo que você sentiu falta). (Resposta aberta)



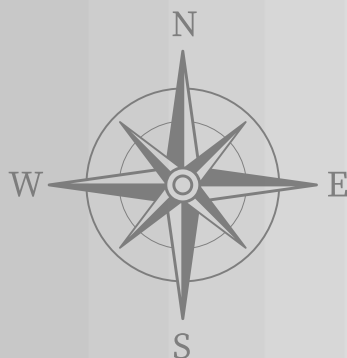
# **GUIA DO ALUNO:** **Incubadora de Empresas** **do Ifac - Campus Rio** **Branco**

## **Autores:**

Marcos Bomfim Santiago  
Luís Pedro de Melo Plese  
Reinaldo Maia Siqueira

## **Colaboradores Técnico:**

Hellen Sandra F. da S. Azêvedo  
Aline Vitória Sobralino dos Santos



# GUIA DO ALUNO: Incubadora de Empresas do Ifac - Campus Rio Branco

## **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP**

Coordenação de Biblioteca, Campus Rio Branco–Acre

---

S235g Santiago, Marcos Bomfim.

Guia do aluno: incubadora de empresas do Ifac – Campus Rio Branco / Marcos Bomfim Santiago, Luís Pedro de Melo Plese, Reinaldo Maia Siqueira. – Rio Branco, 2026.  
30 p. : il. ; 30 cm.

ISBN 978-65-02-19559-8

Produto educacional – Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) – Instituto Federal do Acre, 2026.

1. Empreendedorismo. 2. Ambientes de inovação. 3. Pensamento crítico. 4. Formação profissional. I. Título. II. Plese, Luís Pedro de Melo. III. Siqueira, Reinaldo Maia.

CDD 658.110202

CDU 005.511-057.87(035)

---

**Ueliton Araújo Trindade|Bibliotecário – CRB 11/1049**

## DESCRIÇÃO TÉCNICA DO PRODUTO

**Área de conhecimento:** Ensino.

**Público-alvo:** Técnico Subsequente ao Ensino Médio, Superior de Tecnologia e Bacharelado.

**Finalidade do produto:** Subsidiar alunos, através de um guia, para entender em poucos passos o funcionamento de uma incubadora de empresas e como os mesmos procederem para fazer parte do processo de incubação.

**Origem do produto:** Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT).

**Divulgação:** Meios digitais.

**Disponível em:** Repositório Digital do ProfEPT e Ifac.

**Idioma:** Português.

**Cidade:** Rio Branco – Acre.

**País:** Brasil.

**Ano:** 2026.

**Colaboradores Técnico:** Hellen Sandra Freires da Silva Azêvedo; Aline Vitória Sobralino dos Santos.



## Sumário

---

**1 Apresentação 06**

---

**2 A Incubadora de Empreendimentos de Impacto do Ifac (INCUBAC) 10**

---

**3 Definindo ideia de negócios 11**

---

**3.1 Surgindo a ideia 12**

---

**3.2 Diferença entre startup e empresas tradicionais 13**

---

**3.3 Primeiros passos: o desafio de criar uma startup 14**

---

**3.4 Primeiros passos: elabore um protótipo para testar a ideia 15**

---

**3.5 Entendendo uma incubadora 17**

---

**4 Incubadora de empreendimentos 18**

---

**5 Validação: exemplos de startup 19**

---

**5.1 Exemplos de desenvolvimento de software de controle para gerir estoque 20**


---



## Sumário

<b>6 O que é oferecido na Incubadora de Empreendimentos</b>	<b>21</b>	<b>9 Compromisso do empreendedor com a incubadora para o desenvolvimento sustentável do negócio</b>	<b>25</b>
<b>6.1 O que a incubadora não faz pelo empreendimento</b>	<b>22</b>	<b>10 Conhecendo o espaço físico da incubadora</b>	<b>26</b>
<b>7 Vantagens de ser um empreendimento incubado</b>	<b>23</b>	<b>11 INCUBAC e núcleos incubadores - busca por parcerias estratégicas</b>	<b>28</b>
<b>8 Processos de incubação de empreendimento: o caminho da ideia ao mercado autônomo</b>	<b>24</b>	<b>Referências</b>	<b>29</b>

# 1 Apresentação



## Guia do Aluno: Incubadora de Empreendimentos do IFAC – Campus Rio Branco

O produto educacional faz parte da linha 2: Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), Macroprojeto 6: Organização de espaços pedagógicos da EPT, intitulado: **“Guia do Aluno: Incubadora de Empreendimentos do IFAC – Campus Rio Branco”**, caracterizando-se como um material didático em formato digital, concebido com linguagem acessível, e conteúdo estruturado de forma sequencial e didática.

Do ponto de vista técnico, o produto está inserido na área de Ensino, tendo como público-alvo estudantes do ensino técnico subsequente, cursos superiores de tecnologia e bacharelado. Sua finalidade é subsidiar os discentes na compreensão dos principais conceitos relacionados ao empreendedorismo e à incubação de empresas, além de orientá-los quanto aos procedimentos necessários para ingressar em um programa de incubação.



Instituto Federal do Acre -  
Campus Rio Branco

# 1 Apresentação



A construção do guia foi fundamentada nos achados da pesquisa, que evidenciaram a necessidade de aproximar os estudantes dos ambientes de inovação existentes no Instituto Federal do Acre (IFAC), especialmente a incubadora de empreendimentos.



Observou-se que, embora tais ambientes desempenhem papel relevante na formação empreendedora, muitos alunos desconhecem seu funcionamento, suas finalidades e as oportunidades que oferecem.

Nesse contexto, o produto educacional surge como uma estratégia de democratização da informação e de estímulo à cultura empreendedora no ambiente acadêmico.



# 1 Apresentação



Em termos de conteúdo, o guia aborda, de maneira progressiva, temas essenciais para a formação empreendedora, tais como: definição de ideia de negócio, surgimento de oportunidades, distinção entre startups e empresas tradicionais, etapas iniciais para criação de um empreendimento inovador, bem como aspectos específicos da incubadora, incluindo modalidades de incubação, serviços ofertados, processo de seleção, compromissos dos empreendedores e benefícios proporcionados.

Além disso, o material apresenta exemplos práticos e situações contextualizadas, contribuindo para uma aprendizagem mais significativa e alinhada à realidade dos estudantes. A linguagem utilizada busca equilibrar rigor conceitual e acessibilidade, favorecendo o entendimento mesmo por aqueles que estão tendo o primeiro contato com a temática do empreendedorismo e inovação.



# 1 Apresentação



No que se refere à sua aplicabilidade, o produto pode ser utilizado tanto em atividades de ensino, como apoio em disciplinas relacionadas ao empreendedorismo, quanto em ações institucionais voltadas à divulgação da incubadora, como eventos, oficinas e programas de sensibilização empreendedora. Dessa forma, amplia-se seu potencial de alcance e impacto, extrapolando o contexto da sala de aula.

A forma de disponibilização do produto é digital, com previsão de acesso por meio do repositório institucional do IFAC e do ProfEPT, o que garante ampla disseminação e facilidade de acesso pelos diferentes públicos interessados. Essa característica está alinhada às diretrizes do programa, que incentivam a produção de materiais educacionais abertos e de fácil compartilhamento.

Por fim, destaca-se que o produto educacional não se configura apenas como um material informativo, mas como um instrumento de intervenção pedagógica capaz de contribuir para o fortalecimento da educação empreendedora no IFAC.

Ao ampliar o conhecimento sobre a incubadora de empresas e estimular a participação dos estudantes nesses ambientes, o guia favorece a formação de sujeitos mais autônomos, críticos e preparados para atuar no mundo do trabalho e no desenvolvimento de soluções inovadoras para problemas sociais e econômicos.



## 2 A Incubadora de Empreendimentos de Impacto do Ifac (INCUBAC)



Fachada do Prédio de Incubação do Instituto Federal do Acre (IFAC)

Fonte: Santiago (2025).

O ambiente de incubação do Instituto Federal do Acre (IFAC) é conhecido como “Incubac,” que é a incubadora de empreendimentos de Impacto do Ifac. A Incubac é um espaço dedicado ao apoio e ao desenvolvimento de startups, empreendimentos inovadores de impacto e projetos empreendedores na região do Acre.

A Incubac, desempenha um papel crucial no estímulo ao empreendedorismo e na promoção do desenvolvimento econômico e social da região do Acre, impulsionando o crescimento sustentável de novos empreendimentos e projetos inovadores.



## 3 DEFININDO IDEIA DE NEGÓCIOS

”

Algo que surge na mente do empreendedor, baseado em suas experiências ou necessidades percebidas, uma solução para um problema ainda não resolvido de maneira eficaz.

”

Professor, o que é uma ideia de negócio?



## 3.1 SURGINDO A IDEIA

”

Isso é fascinante! Com essa ideia você pode criar uma startup inovadora!

”

Professor, estou curioso! Tive uma ideia de negócio para um desenvolvimento de software de controle de estoque que pode ajudar pequenas empresas.



## 3.2 DIFERENÇA ENTRE STARTUP E EMPRESAS TRADICIONAIS

”

Entendi, é uma ótima dúvida!  
Uma startup surge de uma oportunidade de mercado ou de uma descoberta inovadora, com foco no crescimento rápido.

”

Professor, estou com uma dúvida. Qual a diferença entre os conceitos de startup e empresa tradicional?

”

Já as empresas tradicionais geralmente nascem para suprir uma necessidade existente e seu modelo é baseado no retorno do valor inicialmente investido, com foco na estabilidade.



### 3.3 PRIMEIROS PASSOS: O DESAFIO DE CRIAR UMA STARTUP

”

Sua ideia é para uma startup!

”

Poxa, eu não sei por onde começar a criar uma startup, professor!



### 3.4 PRIMEIROS PASSOS: ELABORE UM PROTÓTIPO PARA TESTAR A IDEIA

”

Primeiro veja se esse é um problema que várias empresas tem por meio de uma entrevista com empresários

”

Se mais empresas tem esse problema, elabore um protótipo para testar a ideia.

”

o que é um protótipo?



### 3.4 PRIMEIROS PASSOS: ELABORE UM PROTÓTIPO PARA TESTAR A IDEIA

”

É algo simples que demonstre como o produto seria na prática. para então validar em ambiente real.

”

Uma incubadora te ajudaria nesse processo de pesquisa e validação.

”

Entendi professor.



## 3.5 ENTENDENDO A INCUBADORA

”

É um programa de apoio que ajuda estudantes e equipes a transformar uma ideia em um negócio real!

”

Professor, o que é uma incubadora de empreendimentos?



## 4 INCUBADORA DE EMPREENDIMIENTOS



### LOCAÇÃO DE ESPAÇO FÍSICO

Escritórios equipados, estações de trabalho delicadas e áreas comuns.



### PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS DE SUPORTE OPERACIONAL

**COMUM:** Recepção, secretaria, utilização de sala de reuniões e biblioteca.

**ESPECÍFICO:** Uso de laboratórios de ensino e pesquisa, apoio na participação e realização de eventos.



### SUPORTE DE CONSULTORIA TÉCNICA ESPECIALIZADA

Consultorias do corpo técnico e docente e mentoria ou consultoria externa.



## 5 VALIDAÇÃO: EXEMPLO DE STARTUP

”

É para isso que serve a Incubadora! Vamos analisar seu exemplo e o modelo de negócios para uma startup de tecnologia:

”

Professor, como validamos que nossa ideia de software de controle de estoque resolve um problema real e tem um modelo viável?





## 5.1 EXEMPLO DE STARTUP DE DESENVOLVIMENTO DE SOFTWARE DE CONTROLE PARA GERIR ESTOQUE

**VALIDAÇÃO DO PROBLEMA REAL:** Entrevistas em comércios locais confirmaram a dificuldade de controlar estoques com papel e planilhas.

**ANÁLISE DE CUSTOS DE OPERAÇÃO:** Desenvolvimento e manutenção de software, treinamento de equipe de TI e suporte ao cliente.

**MODELO DE COBRANÇA VIÁVEL:** Assinatura mensal? Licenciamento por volume de estoque? Modelo de taxa fixa?

### AS MODALIDADES DE INCUBAÇÃO



#### INCUBAÇÃO RESIDENTE

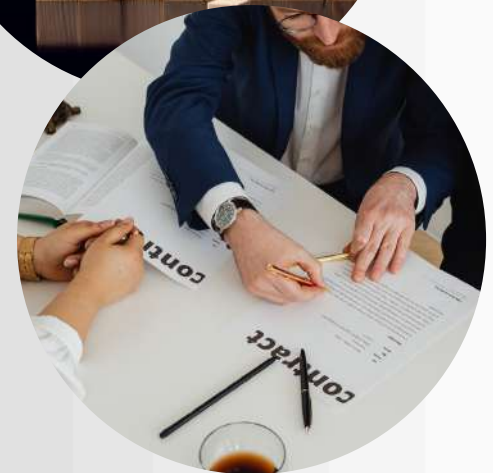
- Infraestrutura física;
- Utilização de sala de reuniões e biblioteca;
- Capacitação e mentoria local.

Ocupa espaço físico dentro da incubadora.

#### INCUBAÇÃO NÃO RESIDENTE

- Suporte estratégico;
- Mentoria ou consultoria externa.

Tem sua própria sede, mas recebe suporte da incubadora.



## 6 O QUE É OFERECIDO NA INCUBADORA DE EMPREENDIMENTOS

### MENTORIAS ESPECIALIZADAS

- Mentoria de Negócio: Estratégia e Crescimento.
- Mentoria de Finanças: Precificação e Controle.
- Mentoria de Marketing: Marca e Vendas.
- Mentoria de Logística: Cadeia e Distribuição.

### CAPACITAÇÕES E WORKSHOPS

- Capacitação Canvas: Modelo de Negócio.
- Capacitação Precificação: Custos e Margem.
- Capacitação Planejamento: Metas e Ação.
- Capacitação Pitch: Comunicação e Investidor.

### REDE DE CONTATOS E PARCERIAS

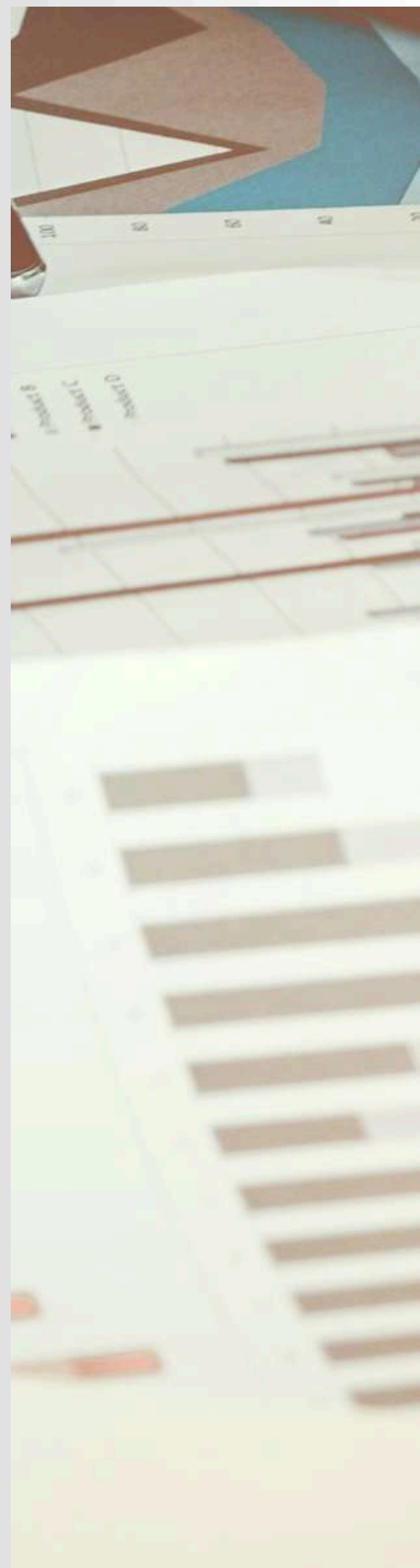
- Rede de Parcerias: Conexões Estratégicas.
- Rede de Eventos: Palestras e Feiras.
- Rede de Conexões: Ecosistema e Networking.

### APOIO NA VALIDAÇÃO DE IDEIAS

- Validar com Clientes: Pesquisas e Feedback.
- Ajustar o Produto: Protótipo e Iteração.

### INFRAESTRUTURA (QUANDO DISPONÍVEL)

- Espaços de Reunião: Salas Equipadas.
- Internet de Alta Velocidade.



## 6.1 O QUE A INCUBADORA NÃO FAZ PELO EMPREENDIMENTO

### INCUBADORA: PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO (NÃO UM SUBSTITUTO)

**Não é:** Financiamento Automático.

**É:** Preparação para investidores.

**Não é:** Garantia de Sucesso ou Vendas.

**É:** Validação e aprendizado.

Foco da  
Incubadora: Focada  
na preparação e  
validação

## 6.2 O QUE NÃO É UMA INCUBADORA DE EMPREENDIMENTOS

**Não é:** Fazer o trabalho no lugar da equipe.

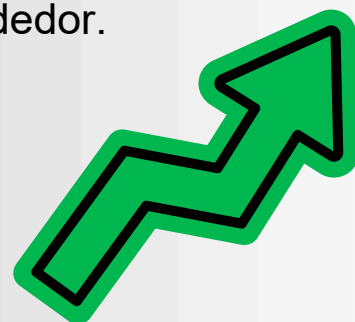
**É:** Orientação para execução.

**Não é:** Substituto para a responsabilidade do empreendedor.

**É:** Capacitação e suporte.

**Não é:** Serviço Jurídico/Contábil Completo.

**É:** Indicação de especialistas e Orientação básica.



# 7 VANTAGENS DE SER UM EMPREENDIMENTO INCUBADO

## DIMINUIÇÃO DA TAXA DE MORTALIDADE

- Apoio técnico e de gestão reduz falhas;
- Maior chance de sucesso e menor taxa de mortalidade dos empreendimentos.

## CAPACITAÇÕES E WORKSHOPS

- Criação de postos de trabalho, Circulação de renda;
- Fortalecimento da comunidade e da economia local.

## INTERCÂMBIO EMPRESA, ACADEMIA E CENTROS DE PESQUISA

- Integração entre universidade, empresa e centros de pesquisa;
- Acesso ao conhecimento e laboratórios.

## REDUÇÃO DE RISCOS E CUSTOS ATÉ A INOVAÇÃO

- Custos controlados durante o processo de inovação;
- Redução dos riscos de mercado;
- Protagonismo na inovação com custos controlados.

## RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS DOS PRIMEIROS ANOS

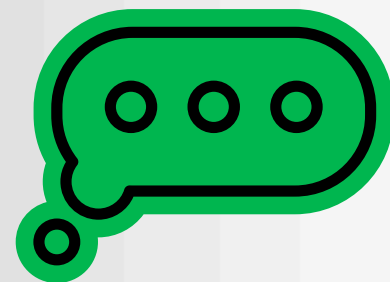
- Orientação especializada por consultores da incubadora;
- Superação de desafios com orientação especializada;
- Apoio em: Burocracia, Finanças, Marketing e Estratégia.

## REDUÇÃO DE CUSTOS OPERACIONAIS

- Escritório equipado;
- Infraestrutura compartilhada.



# 8 PROCESSOS DE INCUBAÇÃO DE EMPREENDIMENTOS: O CAMINHO DA IDEIA AO MERCADO AUTÔNOMO



## 1. PRÉ-INCUBAÇÃO: ENTENDER O PROBLEMA E TESTAR SE A SOLUÇÃO FAZ SENTIDO

- Identificação do problema do usuário;
- Desenvolvimento da solução proposta;
- Construção da ideia inicial;
- Validação de hipóteses;
- Pesquisa de mercado;
- Coleta de feedback inicial.



## 2. INCUBAÇÃO: ORGANIZAR O NEGÓCIO PARA FUNCIONAR DE VERDADE

- Elaboração do plano de negócio;
- Planejamento financeiro;
- Estratégias de marketing;
- Uso de infraestrutura compartilhada;
- Formalização da empresa;
- Formação da equipe;
- Infraestrutura;
- Marketing digital;
- Conquista dos primeiros clientes.

## 3. GRADUAÇÃO (SAÍDA): EMPREENDIMENTO COMO UM NEGÓCIO AUTÔNOMO

- Diploma de graduação da incubadora;
- Projeto pronto para caminhar com autonomia;
- Alcance de sustentabilidade financeira;
- Crescimento e escala;
- Lucro e independência operacional;
- Saída da incubadora.

UM CAMINHO DE DESENVOLVIMENTO, DESDE A IDEIA ATÉ O SUCESSO DO MERCADO



# 9 COMPROMISSOS DO EMPREENDIMENTO INCUBADO COM A INCUBADORA PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO NEGÓCIO

## PARTICIPAÇÃO NAS CAPACITAÇÕES E MENTORIAS: CRESCIMENTO E APRENDIZADO CONTÍNUO

- Desenvolvimento de estratégias de mercado.

## CONDUTA ÉTICA E REPUTAÇÃO INSTITUCIONAL

- Compromisso ético;
- Pontualidade e apresentações de progresso.

## ENTREGAS EM DATAS COMBINADAS: CUMPRIMENTO DE PRAZOS E RELATÓRIOS

- Relatório curto;
- Planilhas financeiras;
- Apresentações (slides).

## RESPEITO ÀS REGRAS DE USO DOS ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS:

- Cumprimento das regras de convivência;
- Uso adequado dos equipamentos.

## UTILIZAÇÃO RESPONSÁVEL DAS INSTALAÇÕES

- Segurança e Convivência;
- Proteção dos dados de clientes;
- Respeito à imagem institucional;
- Convivência respeitosa entre os participantes.



## POSTURA ÉTICA

- Pontualidade;
- Respeito;
- Transparência;
- Responsabilidade.

UMA PARCERIA BASEADA EM COMPROMISSO E CONFIANÇA PARA O SUCESSO DO NEGÓCIO.



# 10 CONHECENDO O ESPAÇO FÍSICO DA INCUBADORA



Fonte: Santiago (2025).



## RECEPÇÃO

### Orientações iniciais e bem-vindo

- Recepção amigável e informações iniciais;
- Check-in, agendamento de espaços e dúvidas.

## SALA DE REUNIÕES/ MENTORIAS

### Reunião com mentores, equipe ou coordenação

- Capacitações, workshops e sessões de mentoria;
- Treinamentos, feedbacks e alinhamento estratégico.



Fonte: Santiago (2025).



Fonte: Santiago (2025).



## COPA

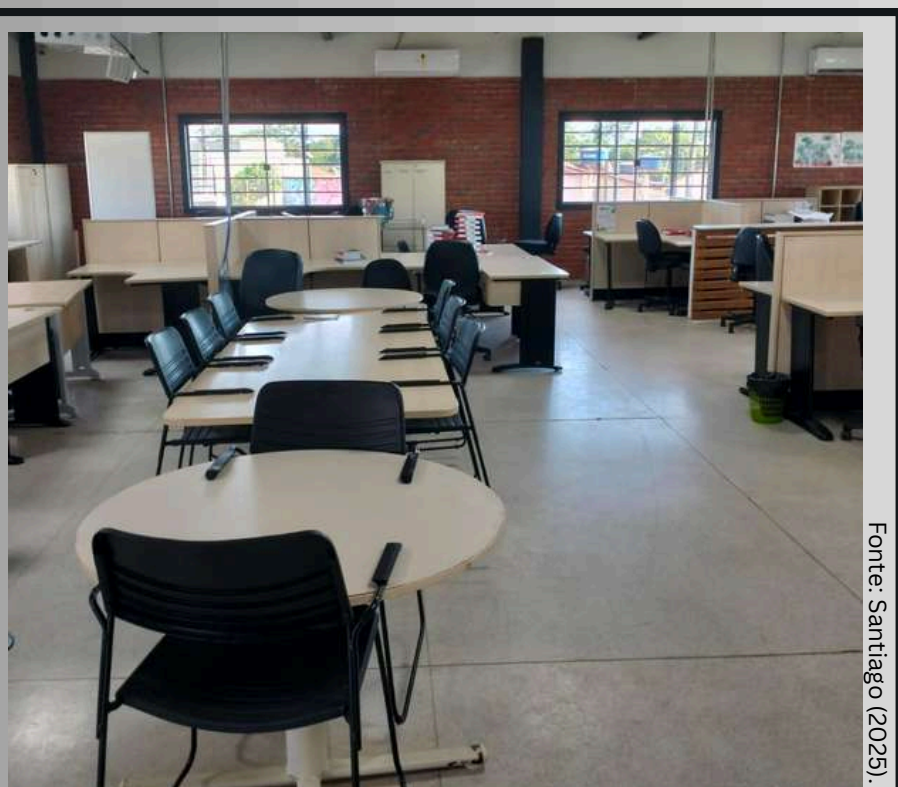
### Espaço do café e networking

- Área de descanso e interações informais;
- Café, chá, networking e recarga de energia.

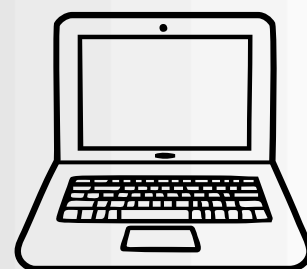
# 10 CONHECENDO O ESPAÇO FÍSICO DA INCUBADORA

## SALA DE COWORKING

- Espaço compartilhado para planejamento e entregas;
- Trabalho focado, colaboração e entregas de prazos;
- Acesso a estações de trabalho, internet e equipamentos.



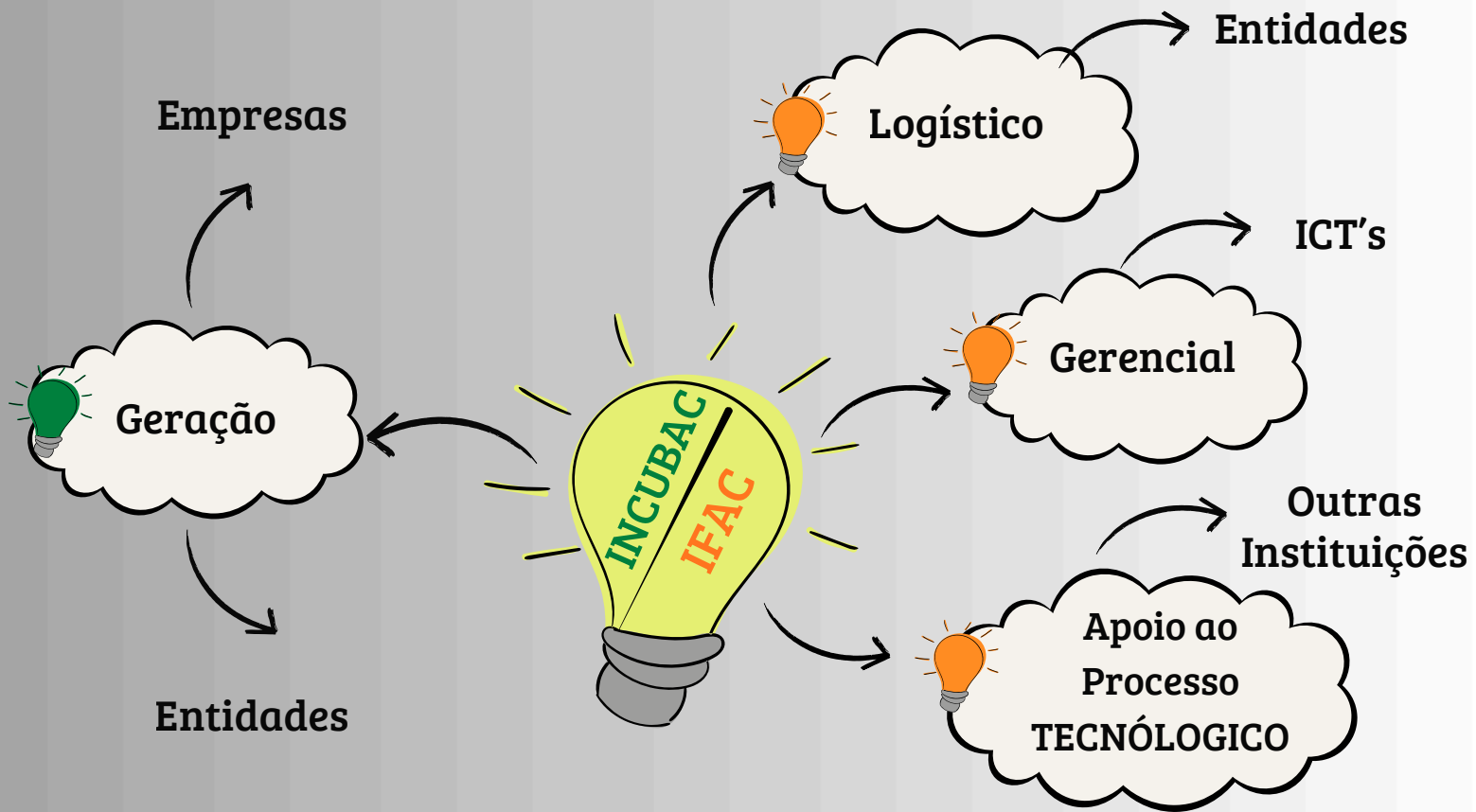
Fonte: Santiago (2025).



Um ambiente integrado e colaborativo para impulsionar o seu sucesso do negócio.

# 11 INCUBAC E NÚCLEOS INCUBADORES - BUSCA POR PARCERIAS ESTRATÉGICAS

## APOIO PARA A INCUBADORA DE EMPREENDIMENTOS DE IMPACTO DO IFAC



Uma parceria para fortalecer o empreendedorismo de Impacto no Acre



## Referências

IFAC. **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre.** [2026]. Disponível em: <https://web.ifac.edu.br/incubac/sobre>. Acesso em: 11 mar. 2023.

IFAC. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre. **Resolução CONSU/IFAC nº 190-A/2024, de 04 de julho de 2024.** Institui regras e procedimentos para a organização da Incubadora de Empreendimentos de Impacto (INCUBAC) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre. Rio Branco: IFAC, 2024. Disponível em: <https://www.ifac.edu.br/orgaoscolegiados/conselhos/consu/resolucoes/2024/resolucao-consu-ifac-ndeg190-a.pdf/view>. Acesso em: 11 mar. 2026.

